HENRIQUE ALVES, C. S. Sp.

O VENERÁVEL LIBERMANN

EDITORIAL L. I. A. M.

LISBOA — 1952

O VENERÁVEL LIBERMANN

HENRIQUE ALVES, C. S. Sp.

O VENERÁVEL LIBERMANN

EDITORIAL L. I. A. M.
LISBOA — 1952

ORAÇÃO

para pedir a beatificação do

Venerável Libermann

Ó Espírito Santo, que escolhestes o Vosso fiel servo Francisco Maria Paulo Libermann para restaurar a Congregação a Vós consagrada, dignai-Vos operar, por seu intermédio, uma obra do Vosso poder infinito.

Ó Maria, que pelo Vosso servo suscitastes os apóstolos do Vosso Coração Imaculado e os enviastes às almas abandonadas da raça preta, obtende que em breve possamos com elas invocá-lo como protector nosso no Céu.

Ó Espírito Santo, pela intercessão do Imaculado Coração de Maria, dignai-Vos exaltar o Vosso fiel servo Francisco Maria Paulo Libermann, concedendo-nos, por seu intermédio, a graça que solicitamos. Amen.

Roga-se a todas as pessoas que obtenham graças por intermédio do Venerável Libermann o favor de o comunicarem aos

MISSIONÁRIOS DO ESPÍRITO SANTO

47, Rua de Santo Amaro, à Estrela

LISBOA

PROTESTO

Em presença de Nosso Senhor Jesus Cristo, da Santíssima Virgem, de todos os Anjos e Santos, protesto que retrato, abjuro e detesto tudo quanto, nestes cadernos, se encontre em oposição à doutrina da Igreja; e estou — parece-me — firmemente resolvido a antes morrer mil vezes do que acreditar em qualquer coisa que seja rejeitada por esta Mãe santa que Nosso Senhor nos deu. Quero aderir absolutamente, e sem a mínima reserva, a toda a doutrina que professam os sucessores de S. Pedro e que professaram desde a origem da Igreja até ao dia de hoje. E mais desdigo tudo quanto, nestes cadernos, se possa encontrar em desacordo com os Santos Padres e os principais Doutores da Igreja.

O Autor adopta estas palavras de fé que Libermann inscreveu no frontispício do seu Comentário ao Evangelho de S. João, *para exprimir a sua inteira submissão à Santa Igreja e designadamente aos decretos de Urbano VIII, de 15 de Março de 1625 e 5 de Julho de 1634.*

No 1.º centenário da morte do Venerável Francisco Maria Paulo Libermann, fundador da Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria, iniciador do apostolado africano moderno.

1852 / 1952

PREFÁCIO

Ocorre no dia 2 de Fevereiro deste ano da graça de 1952 o primeiro centenário da morte do Venerável Francisco Maria Paulo Libermann. Seus filhos espirituais, os Missionários do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria, espalhados pela Europa, pela América e pela África, celebram em transportes de júbilo e com hinos de acção de graças o venturoso jubileu.

Portugal metropolitano e ultramarino beneficia da presença e do apostolado dos filhos de Libermann. Recorda-se com saudade, na Metrópole, o Colégio do Espírito Santo em Braga, o de Santa Maria no Porto e o Instituto Fisher em Ponta Delgada. Admira-se, no passado e no presente, a acção evangelizadora e civilizadora dos Padres do Espírito Santo, em Angola desde 1866, em Cabo Verde desde 1941.

Apesar de tudo, não é bastante conhecida, entre nós, a figura de Libermann, do «nosso Venerável Padre», como familiar e ternamente se lhe chama, desde a origem, na Congregação. O muito que lhe devemos e o muito amor que lhe temos obriga-nos a tornar mais conhecida a sua vida, a sua doutrina, a sua obra.

Eis a razão de ser do aparecimento deste esboço biográfico nesta hora jubilar. Querendo Deus, outros livros irão aparecendo a revelar os mananciais de vida espiritual, ascética e mística, que são os seus escritos e a apontar as páginas brilhantes que a Congregação, fiel ao espírito e às directrizes do seu Fundador, vem escrevendo, há cem anos, na história da Igreja missionária sobretudo no continente africano.

Há muito de Saulo e Paulo em Libermann: ambos israelitas sinceramente aferrados às suas crenças; num e noutro conversão em circunstâncias extraordinárias, num arranque decisivo da graça; a mesma humildade baseada na persuasão vital do tudo *de*

Deus, do nada *da criatura;. parecença flagrante no amor que votam a Jesus Nazareno, na energia com que defendem a sua fé, na generosidade e desembaraço com que renunciam a tudo e no modo como exprimem a doutrina.*

Até no zelo apostólico se aproximam tanto: um, o apóstolo dos gentios; outro, o apóstolo por excelência das almas abandonadas, especialmente da raça preta!

O israelita convicto, o cristão firme, o seminarista modelo e zeloso, o mártir de sofrimento atroz, crucificado e morto com Cristo, grão de trigo a ser esmagado e a morrer para produzir frutos admiráveis, o sacerdote santo e apostólico, o director de almas exímio: eis aí temas fecundos que a vida do Venerável Libermann oferece ao estudo e admiração de todos quantos a queiram profundar.

E sobretudo, sobretudo o missiólogo; o precursor do extraordinário movimento missionário dos nossos tempos, que genialmente abarcou a finalidade das Missões e traçou regras sábias e métodos eficazes para que elas promovessem, num conjunto harmonioso, a

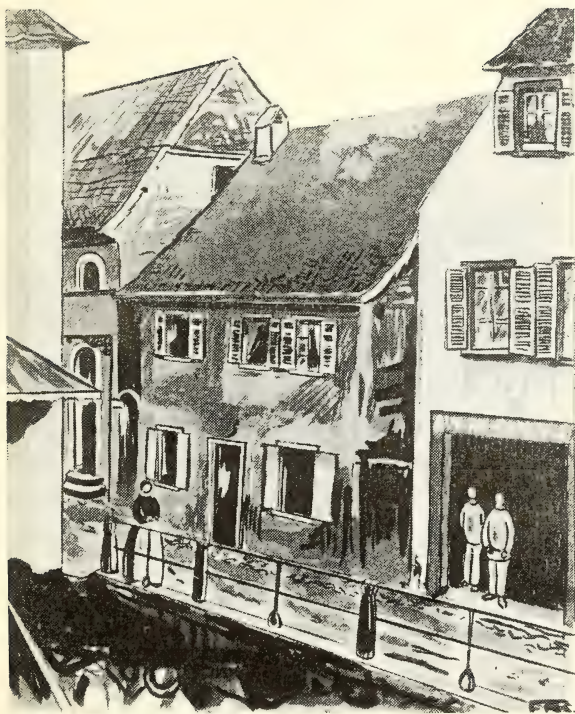
cristianização e civilização dos povos, a transformação de selvagens em homens conscientes e dignos, no gozo dos benefícios inestimáveis da instrução e do trabalho.

Outros Institutos evangelizam hoje, a par dos Missionários do Espírito Santo, o vasto continente africano. Mas o mérito e a glória de ter desencadeado esta cruzada pacífica e salvadora em favor da abandonada raça preta, ninguém os poderá disputar ao humilde judeu convertido de Saverne, a quem o sábio investigador beneditino Cardeal Pitra chamou o criador do apostolado africano moderno.

Praza ao Senhor que este livro, contributo modesto dum filho humilde de Libermann para a celebração do centenário, sirva a tornar mais conhecida, entre nós, a sua vida e a sua obra; a avivar em todos os portugueses a compreensão do grave dever que lhes incumbe de, como filhos da Igreja e de Portugal, encarar a sério a evangelização dos infiéis, de modo especial a evangelização daqueles que vivem à sombra da nossa bandeira; a despertar e alentar

vocações missionárias de sacerdotes, seminaristas e leigos; a fomentar obras de auxílio às Missões e às casas de formação missionária na Metrópole, com largueza de vistas, aquela largueza que se mede pela universalidade da Redenção, pelo sentido ecuménico do espírito católico.

À menina Francisca Maria Teresa Gomes Palma da Silva Bruschy, gentil e graciosa autora de quase todos os desenhos que ilustram o livro, e ao Sr. Dr. Fernando Carlos Pereira Bastos, que gentilmente desenhou o Túmulo do Venerável Libermann, o agradecimento cordial dos Missionários do Espírito Santo e especialmente do

AUTOR.

CASA NATAL DE LIBERMANN

I

NO JUDAÍSMO

(1802-1824)

«O século estúpido» O século XIX, que Leão Daudet brutalmente classificou de *estúpido,* saiu do berço afogado em incredulidade e indiferença. Filho da Revolução Francesa, foi tristemente assinalado pela prepotência da maçonaria e do liberalismo anti-católico, pela espoliação dos Estados Pontifícios e pela perseguição mais ou menos violenta, um pouco por toda a parte, ao clero, às Ordens e Congregações Religiosas, à Igreja em geral. Várias heresias, que afinal se podem consubstanciar todas no *modernismo,* envenenaram os espíritos e os corações e fizeram estragos na fé e na moral [1].

---

[1] O modernismo tornou-se o «ponto de encontro de todas as heresias», pois deformava a doutrina da Igreja, tirando-lhe o

Mas não há quadro, por mais sombreado, sem luz. Apesar de tudo, o século XIX foi brilhante na história da Igreja. Se foi o século da incredulidade e da indiferença, foi-o também de fé e santidade, de intrepidez na defesa dos direitos da Igreja. Século de Bismarck, mas também de Windhorst que *levou a Canossa* o «chanceler de ferro». Século de S. João Maria Vianney, de Santa Bernardette Soubirous, de S. João Bosco, de Santa Teresa do Menino Jesus.

Aos erros da heresia opôs-se a renovação do tomismo, o desenvolvimento da apologética e da exegese, o incremento da vida litúrgica e do culto mariano com a definição do dogma da Imaculada Conceição e a difusão da devoção ao Imaculado Coração de Maria. Registaram-se conquistas apreciáveis no campo da liberdade do ensino, das obras sociais e da beneficência. É o século da *Rerum Novarum* e de Ozanam com as Conferências de S. Vicente de Paulo.

A acompanhar este renascimento cristão em toda a linha, a mais intensa actividade missionária: fundam-se as Obras da Propagação da Fé e da

---

seu carácter divino e procurando explicá-la pelos modernos sistemas filosóficos e científicos. Teve diversos aspectos: filosófico (Le Roy), bíblico (Loisy), teológico (Tyrrel), histórico. Foi condenado pelo decreto *Lamentabili* do Santo Ofício (3 de Julho de 1907) e pela encíclica *Pascendi* de Pio X (8 de Setembro de 1907).

Santa Infância; restauram-se Institutos Missionários e criam-se novos, como a Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria, os Padres Brancos, as Irmãs de S. José de Cluny e as Missionárias Franciscanas de Maria; a África é intensamente evangelizada.

Desenha-se um movimento consolador de conversões. Espíritos ilustres, baloiçados no batel da dúvida, vão encontrar a luz salvadora e a paz doirada na Depositária da Verdade eterna e única, a Igreja Católica. A assinalar, na Grã-Bretanha, o movimento de Oxford com as célebres conversões de Newman e de Manning.

O século XIX renegara Cristo e a Igreja; Renan pensava tecer-lhe o elogio fúnebre. Mas os sábios que renegaram Cristo não foram felizes; entrou de minar-lhes a existência a dúvida desesperadora, a mortal fadiga de viver. Barrès, na flor da idade, exclamava: «O tédio boceja sobre este mundo descolorido pelos sábios». E o nosso grande Antero de Quental gemia impotente:

Como um vento de morte e de ruína,
A dúvida soprou sobre o Universo:
Fez-se noite de súbito, imerso
O mundo em densa e álgida neblina.
Um vento subtil, vago, disperso
Empeçonhou a criação divina.

E o século XIX, fazendo exame de consciência, reconheceu que fizera larga sementeira de ideias homicidas (dos corpos e das almas) e acabou por um acto de contrição e encaminhando-se para Cristo. Ernesto Psichari, neto de Renan, converte-se e pergunta cândidamente: «Pois é tão simples amar-vos, Senhor?». Littré, positivista e ateu, morre reconciliado com Deus, recebendo o baptismo nos últimos momentos. Mestres da literatura francesa, como Bourget, Huysmans, Coppée e Brunetière, fizeram ainda na pujança da vida profissão pública de fé. Na Holanda, converte-se o grande poeta Walkeren; na Dinamarca, o ilustre escritor Joergensen, autor do *São Francisco de Assis* e de outros belos livros cheios de espírito cristão; na Itália, Giovanni Papini passa dos arraiais da anarquia para o catolicismo e dá-nos a *História de Cristo;* na Inglaterra, converte-se o original e poderoso romancista Chesterton.

Em Portugal também se fez a experiência da incredulidade. Mas todos os nossos grandes escritores acabaram reagindo contra a sua obra derrotista e iconoclasta e a caminho da Igreja. Antero de Quental é verdade que acabou num acto de desespero, escrevendo com o revólver o seu último soneto; mas antes pressentira e saudara a nova aurora espiritualista; Oliveira Martins morreu cristãmente a rezar a ave-maria que a piedosa esposa lhe ia lembrando; Eça de Queirós viveu os últimos anos a lavrar o

mármore dos seus santos nas *Últimas Páginas* e expirou repetindo as orações que a esposa lhe ia ditando e lá teve um sacerdote nos últimos momentos a dar-lhe o perdão de Deus; Ramalho Ortigão sentiu, nos últimos anos, reverdecer-lhe a flor emurchecida da fé e reparou o mais que pôde as ruínas do passado; Junqueiro compreendeu enfim que a Igreja Católica é o sereno asilo das almas atormentadas e repudiou os livros em que a atacara, classificando-os de abomináveis; Gomes Leal converteu-se sobre o cadáver da mãe.

Assim acabou a geração que nos precedeu. Segundo a bela síntese de Jaime de Magalhães Lima, todos «fizeram acto de contrição e cumpriram sua penitência» ([2]).

Muitos filhos de Abraão, *israelitas sem dolo,* encontraram enfim o Messias e exclamaram com o seu antigo compatriota Natanael: «Senhor, Vós sois o Filho de Deus, o Rei de Israel!».

A Alsácia judia-católica Na terceira década do século XIX, a Alsácia rabínica começou a dar à Igreja consolações inesperadas. Terra eminentemente católica, alfobre virente de vocações religiosas e sacerdotais, era também refúgio de inúmeras famílias de judeus. De 1820

([2]) Cf. D. Manuel G. Cerejeira, *A Igreja e o Pensamento Contemporâneo,* Coimbra, 1930, págs. 238-285.

a 1840 deram-se muitas conversões nas esferas mais cultas. Uma das mais retumbantes foi a de David Drach. Natural de Estrasburgo, era rabino em Paris, licenciado em Letras, conhecedor profundo do hebreu, caldaico, siríaco e árabe. Estudando as profecias do Antigo Testamento e relacionando-as com o Evangelho e o estabelecimento do cristianismo, concluiu que o Messias já tinha vindo e converteu-se ao catolicismo, sendo baptizado em Notre Dame por Mons. de Quélen, Arcebispo de Paris, no sábado santo de 1823. Depois da sua conversão, foi um verdadeiro apóstolo (ele que, em homenagem ao Grande Apóstolo, tomara no baptismo o nome de Paulo), contribuindo com o seu exemplo e os seus escritos para a conversão de muitos dos seus compatriotas e correligionários.

Em 1821 o Consistório israelita de Estrasburgo, entrando na corrente das ideias novas e progressivas, nomeou uma Comissão para promover a reforma das escolas. Desta Comissão faziam parte Sansão Libermann, médico, Alfredo Mayer, advogado, e Emílio Dreyfuss, comerciante. Unia-os o mesmo desejo de reforma, atormentavam-nos as mesmas dúvidas, a mesma inquietação. Depois de muito estudo e meditação concluiram unânimemente que só pelo cristianismo a sua raça podia regenerar-se e que seria inútil e vão qualquer projecto de reforma que não visasse levar os judeus ao grémio da Igreja.

Em 1825 ([3]) converte-se Sansão Libermann e sua esposa ([4]). Eram as primícias de numerosas conversões. A breve trecho se seguiram as de Mayer e Dreyfuss. Pouco depois convertem-se outros membros da Comissão: Isidoro Goschler, Júlio Lewel e Teodoro Ratisbona ([5]).

«A Alsácia judia era, pois, profundamente sacudida pela mão de Deus. Se a todas estas graças insignes juntarmos a conversão que passamos a narrar, estaremos diante dum dos acontecimentos graves da história contemporânea. É preciso, com efeito, ascender aos anais longínquos da Igreja e quiçá descer até ao fim dos tempos, para encontrar abalo semelhante na posteridade endurecida de Israel» ([6]).

Uma família judia Jacob Libermann nasceu na cidade de Saverne aos 12 de Abril de 1802. Era o quinto filho de Lia Haller e de Lázaro Libermann.

No registo de nascimento de Jacob o pai aparece

([3]) *Notes et Documents Relatifs à la Vie et à l'Oeuvre du V. F. M. P. Libermann,* I, pág. 96.

([4]) Sansão Libermann (o Dr. Libermann) era o irmão mais velho de Jacob Libermann, o Venerável Libermann.

([5]) Anos volvidos, convertia-se milagrosamente seu irmão, Afonso Ratisbona, após uma aparição da Virgem na igreja de Santo André *delle Fratte,* em Roma.

([6]) Card. Pitra, *Vie du R. P. F. M. P. Libermann,* Paris, 1872, pág. 24.

com a profissão de comerciante; no registo do sétimo filho, nascido em 1807, figura já como rabino. Embora de condição modesta, Lázaro soubera impor-se à consideração dos seus correligionários, que o viam com satisfação desempenhar as funções de rabino de Saverne e de inspector de algumas escolas talmúdicas. Tal estima e ascendente provinham de qualidades reais que o distinguiam: amor fanático à sua raça, à língua e tradições hebraicas; conhecimento vasto e subtil do Talmud; rectidão e honestidade; hospitalidade generosa. Houve sempre em sua casa um quarto e à sua mesa um lugar para o hóspede que chegasse a qualquer hora do dia ou da noite. Ainda muitos anos depois da sua morte, era por isso venerada a sua memória em toda a região.

Da sua primeira mulher, Lia Haller, teve sete filhos: Sansão, David, Henoc, Felkel, Jacob, Samuel e Ester. Henoc partiu para a América em 1817 ou 1818 e dele não houve mais notícia; a filha, Ester, morreu israelita; os outros converteram-se todos ao catolicismo. Tendo-lhe morrido em 1813 a primeira mulher, Lázaro Libermann contraiu segundas núpcias e teve mais dois filhos, Isaac e Sara, que morreram no judaísmo.

Em obediência à lei foi o quinto filho, como os outros, circuncidado ao oitavo dia e puseram-lhe o

nome de Jacob ou *Jagel* ([7]), que ele, no baptismo, mudará para Francisco Maria Paulo.

Educação infantil A educação judaica naquele tempo era bastante diferente da de hoje. O ensino primário não estava ainda oficializado. Os judeus eram escravos das tradições herdadas. Entre os quatro e os seis anos as crianças começavam a frequentar a escola, onde um mestre, designado pela Sinagoga, lhes ensinava o alfabeto hebraico e depois a soletrar e a ler os livros escritos nessa língua. Assim foi com o nosso Jagel. O seu primeiro mestre foi o próprio pai.

Quando já sabia ler, puseram-lhe na mão o Pentateuco em hebreu, que o mestre ia explicando palavra por palavra, versículo por versículo. Ao mesmo tempo que ia lendo os cinco livros de Moisés, desde o primeiro até ao último, ia aprendendo as orações rituais que todo o judeu deve recitar várias vezes, fora da sinagoga.

Inteligente e aplicado, Jagel deu grande satisfação ao pai que cedo o iniciou na leitura do Comentário de Rabbi Jaeche, escrito em cursivo e sem pontuação, segundo estádio da instrução primária judaica. Terá aprendido também a escrever o alemão

([7]) *Jagel,* vocábulo mais doce, é o mesmo que Jacob em dialecto alsaciano.

em caracteres hebraicos. Outros estudos não eram permitidos. O rabino Lázaro Libermann, aferrado às tradições, jamais quis aprender a ler ou escrever o francês nem o alemão a não ser em caracteres hebraicos e queria os filhos à sua imagem e semelhança.

Franzino e tímido, impressionável e bom, Jagel amoldou-se como cera à educação ministrada pelo pai e dele hauriu, com o apego a todas as observâncias judias, o ódio e horror aos *Goim* e ao nome cristão ([8]).

Vede-o, pequenito, fugindo, a tremer como varas verdes, do pároco de Saverne, tal como as nossas crianças se assustam com o papão. Foi o caso que um dia, ao virar duma esquina, deu de cara com o pároco da cidade que, em vestes corais e de cruz alçada, regressava do cemitério, após um enterro. Os paramentos, a cruz, o cortejo, tudo isto lhe causou tal medo que, vendo aberta a porta duma loja, entrou de roldão e foi esconder-se atrás dum armário até que o cortejo desapareceu, sem dar fé dos circunstantes que se perderam de riso.

De outra vez, passeando ao lado do pai, viu inesperadamente o mesmo sacerdote sair duma casa, onde fora administrar os últimos sacramentos. Jagel,

---

([8]) *Goim* é um plural hebraico que significa «povos, nações» e que os judeus empregam em sentido pejorativo para designar «os gentios idólatras», isto é os não-israelitas, nomeadamente os cristãos.

horrorizado à vista do hábito eclesiástico, trepou ràpidamente o muro, saltou e desapareceu em corrida louca através dos campos [9].

Terminados os estudos elementares, simples exercícios de leitura e de memória, Jagel passou para a escola judaica, onde o mestre brutal, um autêntico «zângão», como diria o nosso Junqueiro, chegava às vezes a agarrar as crianças pelas pernas e a dar-lhes com a cabeça nas paredes. Jagel conservou, por toda a vida, a lembrança desse trato desumano [10]. Há quem veja nestes crimes de lesa-educação a origem das violentas crises de epilepsia que mais tarde o hão-de martirizar.

Quem consolaria a pobre criança?... A mãe?... — No lar judeu, a mulher era uma figura apagada, de interferência quase nula na educação dos filhos. Demais, aos 11 anos ficava ele órfão de mãe. O pai?... — Embora tivesse muita afeição ao seu Jagel, era rígido, formalista e terrível a infligir castigos. Um operário de Saverne foi-se-lhe um dia acusar de, por impaciência, ter matado, em dia de sábado, uma pulga que lhe mordera. Depois de uma severa reprimenda, conta Jagel, o rabino, seu pai, impôs ao pobre homem a penitência de trinta dias de jejum a pão e água!!! [11].

---

[9] Card. Pitra, o. c., págs. 4 e 5.
[10] Card. Pitra, o. c., pág. 5.
[11] *Notes et Doc., I,* pág. 81.

Restava-lhe Sansão, o irmão mais velho, que lhe dedicava grande afeição e que muito há-de contribuir para a sua conversão.

Educação talmúdica Franzino e tímido muito embora, o pequeno era esperto, gostava da Bíblia e cedo começou a penetrar e decifrar as miudezas subtis do Talmud ([12]).

Era um aluno distinto. Medir-se com ele nos exames, só o mano Sansão, o que muito alegrava e enchia de esperanças o coração do pai, que se revia ufano nos filhos.

Completados os doze anos, Jacob fez a entrada solene e legal na Sinagoga. Este acto jurídico era precedido de alguns meses de privações, espécie de noviciado de ensaio na prática das rigorosas prescrições da Lei e dos costumes judaicos. Depois, num dia de festa ou de sábado, o jovem apresentava-se à assembleia, o presidente proclamava o seu nome e convidava-o a tomar parte na leitura pública da Bíblia.

Atingiu a maioridade religiosa, é «homem», tem o seu lugar nas cerimónias religiosas.

A maior parte dos adolescentes deixavam então a escola; só continuavam aqueles que pretendiam

---

([12]) O *Talmud,* colecção de tradições, glosas, comentários, é, depois da Bíblia, uma espécie de código completo, civil e religioso, da Sinagoga, obra dos «Fariseus» de vários séculos.

ocupar um lugar no ensino ou desempenhar as funções de rabino. Era o sonho que Lázaro Libermann acalentava para Sansão e Jacob. Aquele, porém, doze anos mais velho que Jacob, não tardou a deixar o campo livre ao irmão. Chegado ao fim dos estudos talmúdicos, desgostou-se daquele amontoado de argúcias que lhe aparecia como inanidade pueril e absurda, uma espécie de arte de decifração de charadas. E foi-se para Estrasburgo estudar medicina, que depois exerceu com muito brilho.

«Será rabino» O velho rabino não levou muito a mal a deserção do primogénito. Concentrava já agora em Jacob todas as suas predilecções.

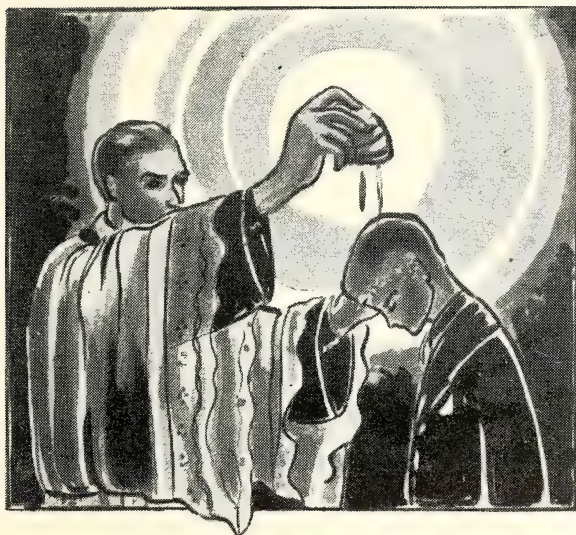
Entregou-se este com ardor ao estudo da *Mischna* ([13]).

De manhã até à noite, o Talmud era a única ocupação do estudante. Qualquer outro estudo só o poderia fazer às escondidas. Excepcionalmente, beneficiando da sua condição de filho do rabino, Jacob principiara este estudo aos dez anos. Havia de prolongá-lo até aos 22. E segundo refere o irmão mais velho, revelou tal sagacidade nos torneios talmúdicos

---

([13]) A *Mischna* é a parte mais importante do Talmud, a colecção das leis tradicionais judaicas compiladas por quatro gerações de doutores nos séculos I e II da nossa era. A outra parte do Talmud — a *Ghemara* — é o comentário da Mischna.

que o pai via já nele um grande luminar da Sinagoga. Revia-se no filho e embalava-se num sonho acalentador: «Será rabino como eu; fechará meus olhos de moribundo e continuará dignamente as tradições da família!»

Para que a carreira fosse mais brilhante e o seu Jagel desse nas vistas, resolveu mandá-lo para a Academia judaica de Metz.

O BAPTISMO

II

A CONVERSÃO

(1824-1826)

A crise: perplexidades Libermann chegou a Metz no fim do verão de 1824. Atingira a quadra mais risonha e esperançosa da vida. Até aqui, sob a tutela do pai, vivera sempre aferrado ao judaísmo, observante exímio de todas as formalidades legais. No entanto, duas coisas lhe bailavam de onde a onde no cérebro: desconcertava-o a rigidez dos rabinos e não o satisfaziam as explicações dadas pelo pai a certas dificuldades da Bíblia. Mas eram relâmpagos fugazes. Inabalável na sua crença, tinha o orgulho próprio de uma raça perseguida; julgava o judaísmo superior a todas as outras religiões.

Começa agora, sob a influência da graça e mercê de circunstâncias providenciais, o desmoronar dessas convicções fanáticas.

O rabino de Metz, a quem ia recomendado pelo pai, velho amigo, não o recebeu. Outro, que o acolhera primeiro com benevolência, cedo o viu com maus olhos, porque Jacob, sedento de luz e de progresso, aprendia francês, grego, latim, traduzia Vergílio e Cícero. O estudo das «línguas profanas» era pecado gravíssimo aos olhos dos velhos rabinos.

O primeiro abalo, as primeiras desilusões... os primeiros toques da graça!

Hospedou-se numa pensão em que viviam outros jovens cristãos... apenas de nome. O seu amor ao Talmud, o seu apego à religião hebraica sofreram rude golpe. E discorria amargamente: Podia ser verdadeira uma religião que inspirava atitudes tão falhas de caridade? E porque é que os rabinos coarctavam a liberdade de pensar e de aprender?... Teriam eles medo da luz?

Caíra em profunda tristeza. Da tristeza resvalou para o cepticismo, que a breve trecho degenerou na dúvida das verdades até então admitidas com singeleza e sinceridade. Lia a Bíblia mas com desconfiança; os milagres repugnavam-lhe; já não acreditava neles ([14]).

Mas nunca perdeu a fé em Deus nem deslizou pela senda do vício impuro, como sói acontecer nestes casos. Graças ao seu temperamento e à educação

---

([14]) *Notes et Doc., I,* pág. 62.

recebida em Saverne, resistiu admiràvelmente aos maus exemplos e insinuações torpes dos jovens seus comensais.

Pensaria já em mudar de religião, abraçar o catolicismo? — Não parece. Se o escandalizara o proceder inqualificável dos judeus que lhe deram com a porta na cara, não o escandalizaria menos o proceder desses jovens cristãos dissolutos. O seu estado afigura-se-nos de indiferença, diremos até de racionalismo, como se pode deduzir duma carta por ele escrita ao irmão mais velho, o Dr. Libermann, em 6 de Janeiro de 1826: «Que mais dá que eu seja judeu ou cristão, que adore a Deus numa só pessoa ou em três, contanto que O reconheça?...».

Deus escreve direito por linhas tortas. Desmoronava-se o edifício religioso do judeu para sobre as ruínas se levantar, em toda a pureza, o edifício da fé e da graça.

Desamparado, refugiava-se na leitura. Lia tudo quanto lhe vinha à mão, numa avidez insaciável de luz.

Sansão, o mais velho, convertera-se. Jacob escreve-lhe uma carta a censurá-lo... porque aquela «apostasia» era punhalada brandida no coração do pai e opróbrio para toda a família.

Descrente, mas agarrado ainda ao formalismo da religião!... O irmão responde-lhe, procurando levar-lhe luz e bálsamo à alma atormentada; recomenda-

-lhe a leitura do *Discurso acerca da História Universal*, de Bossuet; e pede-lhe que fiquem sempre amigos: «o mudar de religião não devia romper a amizade que sempre os unira» ([15]).

À busca da luz Libermann lança-se ao estudo cada vez com mais ardor. Um condiscípulo da Alta Escola Israelita de Metz leva-lhe, um dia, um livro hebraico não pontuado: era nem mais nem menos o *Evangelho traduzido em hebreu.* Percorreu-o com avidez. A leitura causou-lhe viva impressão. Só lhe custava a admitir os milagres de Jesus Cristo ([16]).

Foi então que ele começou a ler o *Emílio* de Rousseau. Coisa curiosa, linhas tortas por que Deus escreve direito! Aquela leitura, que a tantos outros roubou a fé, contribuiu para que Libermann se aproximasse mais da fé. É ele que conta:

«Comecei a ler o *Emílio* de Rousseau... É na *Profissão de Fé do vigário saboiano* que se encontra a passagem que me impressionou. Rousseau expõe as razões por e contra a divindade de Jesus Cristo e conclui por estas palavras: «Não consegui até agora saber o que responderia a isto um rabino de Amesterdão!» A esta interpelação não pude deixar

---

([15]) *Notes et Doc., I,* pág. 96.
([16]) *Notes et Doc., I,* pág. 63.

de confessar interiormente que não via resposta nenhuma» ([17]).

Neste comenos um amigo aconselhou-o a consultar Paulo Drach, cuja fama enchia então a França. Jacob escreve-lhe, expondo o seu caso de consciência: nas vésperas de tomar o solene compromisso exigido pela profissão de rabino, achava-se cada vez mais torturado pela dúvida. Que fazer?

A resposta foi um amável convite para uma entrevista em Paris. E Jacob vai a Saverne pedir a autorização do pai. Obtê-la-ia? O pai andava desconfiado. Correligionários de Metz haviam-no informado de que o filho descurava os deveres da profissão para se dedicar ao estudo das «línguas profanas». A fim de apurar a verdade, resolveu sujeitá-lo a um rigoroso exame sobre o Talmud. Não foi pequeno o susto de Jacob. Para se sair bem num exame destes é preciso estudo aturado e de fresco. Ora havia dois anos que Jacob negligenciava quase por completo o estudo do Talmud. Do resultado do exame dependia a sua viagem a Paris e, talvez, o momento decisivo da conversão. Deus queria essa viagem e essa conversão, e esclareceu-lhe copiosamente a inteligência, avivou-lhe a memória, desembaraçou-lhe a língua. As respostas foram prontas, vivas, completas.

([17]) *Notes et Doc., I,* pág. 63.

«Mal ouvi a pergunta — conta ele — uma luz abundante me esclareceu e me mostrou tudo quanto devia dizer. Fiquei assombrado, não sabia como explicar tamanha facilidade em expor coisas que mal tinha lido. Pasmava da vivacidade e prontidão com que o meu espírito apreendia tudo, ainda os pontos mais confusos e enigmáticos, naquele passo que ia decidir a minha viagem.

Meu pai ficou ainda mais maravilhado que eu: o seu coração trasbordava de alegria, de ventura, de satisfação. Achava-me digno dele. Desapareciam os receios e suspeitas que lhe haviam instilado a meu respeito. Abraçou-me ternamente e inundou-me o rosto de lágrimas, enquanto me confidenciava:

— Eu bem sabia que te caluniavam, quando me diziam que te aplicavas ao estudo do latim e descuravas os conhecimentos da tua profissão.

Mostrou-me então todas as cartas que lhe haviam escrito nesse sentido. E para o jantar trouxe uma garrafa de bom vinho velho, para se alegrar comigo, para brindar aos meus brilhantes sucessos» ([18]).

Uma profecia A licença de ir a Paris não se fez esperar. Passou por Ilkirch, onde ao tempo o Dr. Libermann, seu irmão mais velho, exercia a clínica. Foi carinhosamente recebido, como

---

([18]) *Notes et Doc., I,* págs. 44-45.

era de esperar da terna amizade que sempre os unira. Passou ali alguns dias. As conversas incidiam quase sempre sobre a religião. Num desses entretenimentos sua cunhada, adivinhando com a fina penetração psicológica das mulheres o que se passava na alma do jovem, exclamou:

— Ah, Jagel! Tu não só te converterás ao catolicismo, como ainda um dia hás-de ser padre!

A profecia havia de realizar-se.

Chegou a Paris e foi hospedar-se em casa de seu irmão Félix, baptizado poucos meses antes. «Impressionou-me muito — dirá ele mais tarde — verificar a felicidade de que ele gozava». Foi depois ter com Drach que o levou ao Colégio Estanislau.

«Senhor, que quereis que eu faça?» Estava-se nos meados de Novembro de 1826. Ei-lo solitário numa cela, onde lhe deixaram como únicos companheiros a *História da Doutrina Cristã* e a *História da Religião,* de Lhomond. Momentos indescritíveis para quem os não experimentou. Melhor será conceder-lhe a palavra:

«Foi-me extremamente doloroso este momento. Aquela solidão profunda, a vista daquele quarto em que a luz entrava apenas por uma simples lucarna, a ideia de estar longe da família, dos amigos e conhecidos, da terra natal, tudo isto me fez mergulhar

em profunda tristeza; senti o coração oprimido pela mais amarga melancolia.

Então, lembrando-me do Deus de meus pais, prostrei-me em terra e conjurei-O a que me esclarecesse acerca da verdadeira religião: se a fé dos cristãos era verdadeira, que mo fizesse conhecer; mas se era falsa, que dela me afastasse imediatamente. O Senhor, que está junto dos que O invocam do fundo da alma, ouviu a minha oração. No mesmo instante fui esclarecido, vi a Verdade, a fé penetrou o meu espírito e o meu coração» ([19]).

Pôs-se então a ler os livros de Lhomond. Achava um gosto inefável em tudo quanto lia da vida e morte de Jesus Crsto. Nada lhe repugnava, nem sequer o mistério da Eucaristia. Tudo acreditava sem dificuldade.

Triunfo da graça! Era a luz da fé a relampejar na sua razão. Era a chama do amor divino a inflamar-lhe a vontade bem disposta. Desde aquele momento nada desejou tão ardentemente como ser purificado pela água regeneradora do baptismo.

Enfim, cristão Não demorou essa hora ardentemente desejada. Na véspera do Natal desse ano de 1826 — um domingo — o Padre Augé, director do Colégio Estanislau, derramava a

([19]) *Notes et Doc., I,* pág. 65.

água do baptismo sobre a cabeça do judeu convertido, que Paulo Drach preparara com zelo verdadeiramente paternal. Foram padrinhos o Barão Francisco de Malet e a Condessa Aglaé Maria d'Heuzé, membro duma associação fundada por um grupo de senhoras da paróquia de S. Sulpício, destinada a socorrer os neo-convertidos.

A cerimónia decorreu com toda a solenidade. No coro, os seminaristas cantaram os salmos indicados no Ritual para o baptismo dos adultos. Aos exorcismos, uma agitação estranha lhe sacudiu o corpo: sentiu fìsicamente — confessará ele mais tarde — que o abandonava o espírito das trevas.

Quando a água correu na sua fronte, viu-se arrebatado a outro mundo, colocado como no meio dum imenso globo de fogo. «Já não vivia da vida natural; não via nada e nada ouvia do que se passava ao redor de mim; dentro, eram coisas impossíveis de descrever. Isto durou uma boa parte da cerimónia» ([20]).

Incertezas, temores, tudo se dissipou. O hábito eclesiástico, pelo qual sentia ainda uns restos da repugnância peculiar à nação judaica, tornou-se-lhe simpático. Sentia uma força e uma coragem invencíveis para praticar a lei cristã e um doce afecto para tudo quanto se relacionava com a sua nova fé.

([20]) *Notes et Doc., I,* pág. 90.

E começou a amar a Virgem Maria que antes detestara ([21]).

Na missa que se seguiu à cerimónia do baptismo, missa do Natal, Jacob, que se ficou a chamar Francisco Maria Paulo, teve a felicidade de fazer a sua primeira comunhão. Oh! Quem pudera adivinhar o que se passou naquela alma, neste primeiro contacto com Jesus-Hóstia, o Jesus que alfim encontrou, em cujo coração repousou depois de, por largo tempo, ter flutuado no mar da dúvida e da incerteza!

Lindas coisas lhe deve ter segredado o Senhor. Convertido, não o queria simples cristão; convidava-o a abraçar uma vida mais perfeita: seria sacerdote. Na sua humildade, confiança e amor, o neófito pronunciou um *sim* generoso e irrevogável. E lá no fundo da alma ficou-lhe a germinar a semente da vocação, que brevemente desabrocharia, de apóstolo e salvador de gentios, da abandonada raça preta.

([21]) *Notes et Doc., I,* págs. 66 e 99.

LUZ NO CANDELABRO

III

SEMINARISTA

(1827-1828)

Paulo Drach, íntimo confidente de Libermann nas horas felizes que se seguiram ao baptismo, conta-nos que «ao sair da pia baptismal, o piedoso neófito prometeu ao Senhor consagrar-se ao Seu serviço no ministério sacerdotal».

Às voltas com a filosofia No Colégio onde se fizera cristão principiou os estudos eclesiásticos. Frequentava o curso de filosofia do «sr. Michelle», professor dos mais distintos da capital, e assistia uma vez ou outra às lições dadas na Sorbona ([22]).

([22]) *Notes et Doc., I*, pág. 106.

Foi crismado em Nossa Senhora de Paris na Páscoa de 1827 — 15 de Abril — juntamente com outros judeus convertidos.

A 9 de Junho realizou-se na mesma igreja uma ordenação imponente, como acentuava o Boletim da Diocese. Começou às sete horas para acabar às treze. Os ordinandos atingiam o bonito número de 237. Entre eles estava Libermann, que recebeu a Tonsura, como clérigo da diocese de Estrasburgo, das mãos de Mons. de Quélen, Arcebispo de Paris.

No fim do ano escolar deixava o Colégio Estanislau para entrar no Seminário de S. Sulpício. Porquê?

O Arcebispo decidira que no Seminário anexo ao Colégio Estanislau só fossem admitidos os candidatos a «Missionários de França». Libermann não se sentia atraído para as grandes pregações das «Missões entre fiéis». Foi ter com o seu amigo Drach e confidenciou-lhe:

— A minha consciência não me permite continuar nesta casa. Estou firmemente resolvido a receber as Ordens Sacras, mas não sei se Deus me dará a vocação missionária...

Drach dirigiu-se ao Arcebispo esperando que este abrisse uma excepção para Libermann. Mons. de Quélen excedeu essas esperanças: mandava-o para S. Sulpício e concedia-lhe uma bolsa de estudos.

A bolsa de estudos proveria às despesas de livros,

instrução, etc.; e o seminarista continuaria, em S. Sulpício, como no Estanislau, a ser sustentado por um grupo de senhoras que haviam constituído uma piedosa associação destinada a socorrer os neo-convertidos e da qual fazia parte a madrinha de baptismo de Libermann.

Que impressões levava do Colégio?... Algo nos revela esta palavra do Padre Grillard, que o conhecera na Sorbona: «Libermann não estava muito satisfeito com este ano passado no Colégio Estanislau; acusava-se de muita frieza e infidelidade à graça».

Quereria aludir à filosofia ali ensinada, impregnada, como aliás os manuais ao tempo adoptados em todos os seminários, das ideias de Descartes e de Leibnitz?... Talvez. Mas há um motivo mais poderoso que explica esse desgosto. Dêmos-lhe a palavra:

«Passei um ano neste Colégio, praticando a minha nova religião com ardor e alegria. Contudo, não sentia aquele bem-estar de que vim a gozar em S. Sulpício. No meio de bons exemplos que me edificavam, encontrei um jovem que me podia fazer muito mal. Por motivos que nunca pude averiguar, falava-me a cada passo da minha conversão como duma acção que eu praticara leviana e irreflectidamente. Perguntava-me os motivos que me haviam determinado, combatia-os e à força de zombarias acabava por me reduzir ao silêncio. Meu coração,

porém, mantinha-se firme e, embora não soubesse explicar-lhe satisfatòriamente os motivos da minha fé, cria sem sombra de dúvida».

No Seminário de S. Sulpício Drach apresentou o seu protegido ao Padre Garnier, Director do Seminário, e julgou do seu dever preveni-lo dos receios que alimentava acerca de Libermann: era fraco; a hora do levantar da comunidade talvez fosse demasiado matinal para ele... O Padre Garnier respondeu secamente que, nesse caso, mais valia não vir para o Seminário. Drach ajuntou que o seu protegido conhecia perfeitamente o hebraico, mas estava atrasado no latim. Garnier replicou:

— Pois as aulas de teologia dão-se em latim e não em hebraico!

«Estas duas respostas — conta Libermann — fizeram-me recear, mas não me desanimaram. Não me faltaram mais tarde ocasiões de conhecer o coração bondoso que se escondia sob esta aparente rigidez».

Era já então célebre em toda a França o Seminário de S. Sulpício, conhecido como um verdadeiro foco de irradiação de piedade e de cultura: um corpo dirigente e docente que encarnava a aliança harmoniosa da Fé e da Ciência; um corpo discente que constituiu uma das mais belas gerações levíticas dadas à Igreja por um Seminário.

No meio de tais mestres e discípulos, secundária, obscura, apagada havia de ser a posição do humilde judeu. Esta posição, imposta pelas circunstâncias, dizia aliás com o seu feitio e virtude.

Bom seminarista Pouco a pouco, insensível e progressivamente, Libermann será um *apóstolo* no seminário; mas a verdade é que principiou logo por ser e ficou sempre um *bom seminarista,* adaptando-se integralmente ao meio e ao espírito do seminário. Com efeito, como notou o Cardeal Pitra, seguir, sem dar nas vistas, a via modesta e comum era o bom tom do Seminário de S. Sulpício.

E o eminente biógrafo não pode calar a sua admiração: «Não é de somenos importância afirmar que o recém-convertido, judeu de véspera e cristão de um dia, foi imediatamente um bom seminarista. E por maiores que fossem as aspirações do seu zelo e as luzes da sua fé, nunca pretendeu erigir-se em censor nem modelo dos que o rodeavam ([23]).

Tirava proveito de quanto o instruía ou inspirava; do que era menos edificante aproveitava-se ainda para proceder melhor e humilhar-se mais.

Por outro lado, nunca recuou diante de alguma boa obra, de um pensamento de zelo e edificação.

([23]) Card. Pitra, o. c., págs. 76-77.

Como conciliar estas duas atitudes aparentemente contraditórias?... Pela humildade, que é prudente e engenhosa. Leia-se esta síntese luminosa do Cardeal Pitra ([24]): «Toda a sua vida, a humildade, sua virtude predilecta, vogou, por assim dizer, entre dois escolhos: a acção em pleno sol, exposta ao risco de se mostrar, e a inacção, que se lhe afigurava uma traição. Pois bem: seguindo dòcilmente o espírito de Deus, soube ocupar sempre o devido lugar, o justo meio termo».

Luz no candelabro O Divino Mestre levantou, por fim, o *alqueire*, e a *luz* apareceu com todo o brilho.

Contraste curioso! Libermann era um seminarista extremamente reservado e... foi um apóstolo. Tímido por temperamento, cônscio da sua inexperiência, acanhado na sua condição de estrangeiro, de neófito, de pobre socorrido por um grupo de senhoras caridosas, passou por cima de tudo isso e começou a entabular colóquios de espiritualidade com os condiscípulos mais bem situados e considerados.

Segredo deste aparente enigma?... — É que ouviu, no íntimo da alma, uma voz que o impelia a falar, a ele que difìcilmente falava o francês, a falar a

---

([24]) O. c., pág. 77.

voz de Deus. Ouviu e obedeceu. O resultado foi simplesmente admirável. Dizia-se à boca cheia, em S. Sulpício:

— «Já ouvistes este simpático judeu *(petit juif)* a falar de Deus?»...

Só Deus sabe todo o bem que o seminarista-apóstolo espalhou em volta de si. Nem é para admirar. Se ele era uma alma toda de Deus! Nas horas de comunicação com Deus, na oração, diante do Santíssimo Sacramento, na comunhão, era visível nele a acção do Espírito Santo. De pé ou ajoelhado, rosto imóvel voltado para o céu, dois fios de lágrimas lhe corriam dos olhos ([25]). Imagem de contemplativo, que atraía irresistìvelmente a atenção dos mestres e companheiros. O seu sorriso, o olhar, o movimento dos lábios levavam alguns a pensar na candidez da pomba; outros, como Dupont des Loges, mais tarde Bispo de Metz, comparavam-no a S. Luís de Gonzaga. Vale a pena citar o testemunho de Mons. Dupont des Loges:

«Uma das coisas que mais vivamente me impressionou foi a sua devoção ao SS. Sacramento. Era uso, no Seminário de S. Sulpício, passarem os alunos, uma vez por semana, meia hora em adoração ao Santíssimo, em dia e hora preestabelecidos num quadro comum. Durante alguns anos fui eu o encarre-

([25]) *Notes et Doc., I,* pág. 173.

gado de dispor esse quadro. E a fim de ter comigo, durante essa meia hora, uma alma fervorosa que não só me excitasse à devoção mas ainda compensasse Nosso Senhor das minhas frequentes distracções, designava Libermann para o mesmo dia e hora que eu. Sempre me felicitei pelo bom resultado deste inocente estratagema de que ele nem por sombras suspeitava. Quantas vezes o contemplei a meu lado, numa espécie de êxtase, o peito dilatado, o rosto iluminado e derramando copiosas lágrimas!»

Tempestade Toldam-se os horizontes neste ambiente de paz divina. O pai, o velho rabino de Saverne, viera a saber de tudo: que o seu querido Jagel, que ele antevia e sonhava para seu digno sucessor na Sinagoga, fora baptizado, abraçara a carreira eclesiástica e entrara no Seminário de S. Sulpício. Até ele, o filho predilecto, o seu ai-Jesus, abusara da confiança do pai, traíra a raça, postergara as tradições dos antepassados, apostatara da religião de Israel e, para cúmulo, ia fazer-se padre! Que irritação! Que desespero! Que horror!

Escreve-lhe então uma carta longa e vibrante; emprega todos os meios que a emoção lhe inspira para reconduzir o desertor ao redil de Israel: chora, suplica, ameaça, amaldiçoa, blasfema.

A carta foi-lhe entregue na hora do recreio. Percorre-a. Os olhos arrasam-se-lhe de lágrimas. Profun-

damente comovido, a voz entrecortada de soluços, ouvem-no exclamar com a resolução dos mártires:

— «Não, não!... Sou cristão! sou cristão!... Voltar atrás, atraiçoar a luz, renegar o Divino Mestre... oh, nunca!»

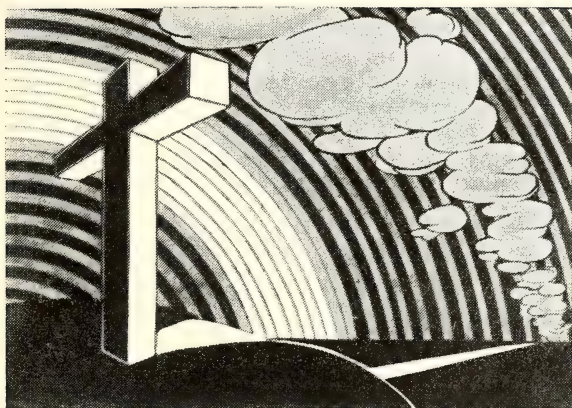
Foi um acto heróico. Libermann recordava-o, com sentimentos de gratidão para com Deus, numa carta de 3 de Agosto de 1846: «Nosso Senhor concedeu-me a graça de resistir a meu pai, que me queria arrancar a fé; tive a coragem de antes renunciar a meu pai do que abandonar a religião cristã».

O que feriu o seu coração bom, fervente e zeloso, em que nunca se extinguiram os sentimentos filiais, foi ver morrer no seu endurecimento de judeu, fechado à luz e à graça, o pai para cuja conversão tanto trabalhara ([26]). Se foi grande a dor do desolado órfão, maior foi a sua resignação, a aceitação amorosa dos desígnios imperscrutáveis de Deus.

Nos fins de 1828 teve a consolação de receber as Ordens Menores. Parecia mesmo o céu a recompensá-lo.

Compasso de espera Começara já a preparar-se, por meio dum retiro fervoroso, para a recepção do Subdiaconato...

([26]) Lázaro Libermann morreu em 1831.

...Mas, no pensamento de Deus, estava predestinado a Libermann um papel importante na Igreja. Por isso é que ele tinha de trilhar a vereda reservada às grandes almas, aos grandes apóstolos: a via do próprio Jesus Cristo, a estrada real da Santa Cruz...

A ESTRADA REAL DA SANTA CRUZ

IV

PERTINÁCIA HERÓICA

(1829-1831)

A epilepsia Grande consolação inundava a alma do minorista: aproximava-se o momento de dar o passo decisivo na carreira sacerdotal pela recepção do Subdiaconato. Corria tudo normalmente, nenhum obstáculo se receava. Verdade é que já tivera uns ataques nervosos, sendo o mais forte em fins de Fevereiro de 1827. Mas essas crises abrandaram, de tal modo que, durante dois anos, pudera aplicar-se, sem interrupção, ao estudo e outros deveres de estado e receber, como vimos, as Ordens Menores. Ele próprio julgava em declínio o seu «mal de nervos», como pode inferir-se duma carta sua a Sansão, em 27 de Julho de 1828: «Desde o mês de Fevereiro do ano passado que não tive ataques fortes, e tenho-me levantado às cinco horas e feito a oração

— o exercício mais próprio para irritar os nervos — e todavia nada tenho sentido».

Mas... quem adivinha os caminhos de Deus?

Precisamente na véspera do dia em que devia receber o Subdiaconato, estava ele no quarto do Director, de pé, junto ao fogão, conversando tranquilamente acerca de assuntos de consciência. Sùbitamente, apodera-se dele um tremor nervoso, crispam-se-lhe as mãos, congestiona-se-lhe o rosto, embacia-se-lhe o olhar, e cai desamparado no chão, aos pés do Director, o peito arquejante, sufocado, os olhos abertos, sem brilho e sem vida, a respiração estertorosa, espuma a cobrir-lhe os lábios, purpureada por um fio de sangue que lhe escorre da língua mordida.

Não há que duvidar. Os sintomas são manifestos. Aí está a realidade nua e crua: é epiléptico.

Epiléptico! É o sorver-se de todas as esperanças dum candidato ao sacerdócio. Epiléptico, é *irregular,* já não será subdiácono, barram-se-lhe as portas do sacerdócio ([27]). Por quanto tempo?... Sabe-se lá! Não dissera o velho Hipócrates que a epilepsia sobrevinda depois dos 25 anos dura até à morte?...

No dia seguinte, vê os condiscípulos darem o passo ambicionado, e ele para ali fica, só e triste. Que situa-

([27]) A Igreja declara *irregular* o epiléptico, o que o impossibilita não só de ser ordenado mas até de exercer as Ordens que antes tivesse recebido.

ção, que perspectiva!... quando afinal todas as aspirações o arrastavam irresistìvelmente para o altar. Demais, pobre bolseiro, órfão sem recursos, na emergência de ser despedido do Seminário e ficar ao desamparo!

Sublime no sacrifício Perdeu a coragem e a resignação? — Não. Forte na sua humildade e confiança em Deus, espera heròicamente.

Dom Salier, da Grande Cartuxa, a esse tempo companheiro de Libermann em S. Sulpício, recolheu dele estes desabafos impressionantes: «Espero que Nosso Senhor se há-de servir de mim e que hei-de fazer tudo o que Ele quiser, até as coisas mais difíceis... Sou como um bruto, sem espírito, sem virtude, sem nada do que é preciso para me sair bem, naturalmente, seja no que for. Assim, não serei eu a agir, Nosso Senhor se encarregará de fazer tudo».

E eis como se refere à doença: «Os nervos pregaram-me umas partidas pouco agradáveis... Apesar disso, estou muito contente; afianço-vos que nunca fui tão feliz como agora, tão verdade é que quanto mais amamos a Deus e melhor procuramos servi-Lo, mais perfeitamente realizamos o fim da nossa criação» ([28]).

([28]) Carta de 8 de Abril de 1829, a Sansão e esposa.

E como aprecia o afastamento das Ordens: «A minha saúde tem melhorado; os nervos mais calmos. Todavia não avancei ao Subdiaconato, porque a doença não me deixou por completo. Terei provàvelmente de esperar ainda muitos anos; talvez nunca chegue a ter essa felicidade.

«Aflitivo, desolador, insuportável, não é verdade? — Esta seria a linguagem dum filho do século, que põe toda a sua felicidade nos bens do mundo e procede como se Deus não existisse. Nanja assim os filhos de Deus, os verdadeiros cristãos... Todos os males com que Deus parece afligir-nos são bens reais e mal vai ao cristão para quem tudo corre à medida dos seus desejos...

«A *minha querida doença* considero-a um grande tesouro, preferível a todos os bens que o mundo pode oferecer aos que o amam, falsos bens nos quais um verdadeiro filho de Deus apenas vê lodo e miséria...

«Não vos aflijais por minha causa. Receais que morra de fome? Mas então o Senhor, que alimenta as avezinhas, não terá meios para me alimentar a mim também? Ele sempre me tem mais amor do que aos passarinhos» ([29]).

Não é esta a linguagem dos santos, das almas

([29]) Carta de 8 de Julho de 1830, aos mesmos.

heròicamente resignadas, totalmente abandonadas nas mãos de Deus?...

Vamos contar um episódio que o retrata bem. Às vezes a crise assaltava-o com o imprevisto do raio. Sucedeu um dia que, ao chegar ao cimo das escadas, pressentiu um ataque violento. Nada mais fácil que tombar para trás e precipitar-se pelos degraus abaixo. Num relance viu o perigo e gritou por socorro. Acorreram de todos os quartos próximos e transportaram-no para a enfermaria, no meio de convulsões violentas. O médico, prático experimentado, sabia que, terminadas estas crises, os doentes ficam mergulhados na mais sombria desolação. Ensaiava, pois, algumas palavras de reconforto. Qual não foi a sua surpresa ao ver que Libermann, voltando a si, imediatamente recobrou a serenidade. Como escreveu o Cardeal Pitra, «sob os seus traços transtornados pela dor, resplandecia a sua bela alma; o anjo sorria no agonizante» ([30]).

Cá fora, o médico desabafou com o enfermeiro: «Extraordinário este sr. Libermann. Conheço os estragos que semelhantes crises produzem nos sentidos e no mais íntimo da alma. O sr. Libermann vi-o tranquilo e até quase feliz: deve ser um anjo ou um santo».

Não se julgue, porém, que ele era um privile-

([30]) Card. Pitra, o. c., pág. 97.

giado, miraculosamente isento das consequências da epilepsia. Como todos os epilépticos, sofreu angústias interiores indizíveis; sentiu um profundo desgosto da vida, melancolia terrível que chegou a inspirar-lhe a estranha tentação do suicídio. Por isso tinha sempre o cuidado de nunca trazer consigo qualquer objecto cortante.

Um dia, atravessava uma ponte de Paris com um seminarista de alma atribulada. Procurava consolá-lo com toda a suavidade das suas palavras e do seu angélico sorriso. Até que o companheiro, vivamente agitado, o interrompe bruscamente:

— É fácil dar conselhos quando se é feliz e se está tranquilo. Bem se vê, pelo tom da sua voz e pelo seu semblante, que nunca passou por estas provações; aliás não sorriria desse modo

— Ah! meu caro amigo — respondeu com firmeza calma Libermann — desejo-lhe que nunca sofra o que tenho sofrido. Queira Deus que nunca a vida lhe seja tão pesada como a mim. Não atravesso uma ponte sem que me ocorra a lembrança de me atirar ao rio para acabar com tanto sofrimento. Só o pensamento do meu Jesus me ampara e incute paciência.

«Per crucem ad lucem» Durante dez anos será vítima da epilepsia; nos primeiros cinco, os ataques são frequentes e violentos; depois, tornar-se-ão mais espaçados e menos

intensos. Chegou a tal estado de cansaço e fraqueza que assistia à missa, sentado, um pouco afastado dos outros, num oratório dedicado a S. José, a quem teve toda a vida devoção muito afectuosa, ajoelhando só para comungar.

Dez anos de sofrimento físico e moral, cadinho de que o Senhor Se serviu para lhe purificar a alma, desprendê-la de tudo quanto é terreno e natural, para a elevar aos píncaros da perfeição, a fim de o preparar para a alta missão de Director espiritual a que o destinava.

São frequentes na vida de muitos santos os factos sobrenaturais de carácter miraculoso. Na de Libermann são raríssimos. Entre eles há um maravilhoso que passamos a contar. Foi num domingo de Julho de 1831, em que no Seminário de S. Sulpício se celebrava a festa do *Sacerdócio de Jesus.* Durante a missa solene teve Libermann uma visão: distinguiu nìtidamente a figura de N. Senhor sob o aspecto de Pontífice eterno, objecto da festa que se celebrava, passar lentamente entre as filas dos seus companheiros reunidos nos cadeirais do coro distribuindo a cada um os seus benefícios. Foi ele o único exceptuado. Porém, depois que todos haviam recebido a sua parcela, pareceu-lhe que o Sacerdote eterno lhe entregava a ele o tesouro das Suas graças e o convidava a fazer beneficiar dele os seus irmãos, os futuros sacerdotes ali

reunidos à sua volta e todos os sacerdotes que viesse a encontrar na vida.

Daí concluiu Libermann estar excluído do sacerdócio e competir-lhe um papel de auxiliar e cooperador dos sacerdotes. Contou o caso ao Padre Faillon, seu director espiritual. Este contentou-se com dizer-lhe que não devia orientar a sua vida segundo visões de significado incerto, mas que, em todo o caso, não lhe parecia de modo algum que aquela visão significasse a sua exclusão do sacerdócio.

O futuro precisou o sentido vago desta visão: Libermann há-de ser sacerdote e director de sacerdotes, e de sacerdotes missionários, pelos quais distribuirá largamente o tesouro de graças que recebeu do Pontífice eterno e Senhor da seara.

Cruel ansiedade Separado da família, amaldiçoado pelo pai, vítima de uma doença horrível, vivendo no seminário por esmola, parece que tudo isto bastava para encher o cális do sofrimento. Mas não. Outra provação, das mais amargas, lhe estava reservada. Os anos iam correndo e Libermann não curava. Não podia ser ordenado. A sua situação no seminário era, portanto, irregular. Impunha-se a sua saída.

Em Outubro de 1831 ainda lá estava e escrevia a um amigo, antigo condiscípulo: «Pergunta-me se

ficarei no Seminário. Nada sei... Não sei se o R. P. Superior me conservará ou não. Deixou-me estar, por piedade, até hoje; mas mais cedo ou mais tarde terá de se resolver a despedir-me. Pois que quer que façam de mim, que sou inútil para tudo?...» ([31]).

Não alimenta ilusões, prevê a saída do Seminário, a sua segunda casa paterna, mas não perde a confiança em Deus. Escreve para Ilkirch, ao irmão médico: «Não faço ideia alguma do que me vai acontecer, mas sinto que não é possível que Deus me abandone».

Nos princípios de Novembro, os Superiores comunicaram-lhe que, por decisão do Arcebispado, lhe fora retirada a bolsa de estudos, que tinha de depor o hábito eclesiástico e sair do Seminário. Ofereciam-lhe os seus préstimos e queriam ajudá-lo a encontrar uma colocação. Libermann ouviu respeitosamente, agradeceu e pediu, com muita calma e simplicidade, o favor de lhe indicarem o dia em que devia sair, acrescentando: «Então consultarei o Senhor para saber o que Ele quer que eu faça. Para o mundo não posso voltar. Deus, sim, Deus há-de olhar por mim, tenho a certeza de que me não abandonará» ([32]).

([31]) Carta a M. de Farcy, 30-X-1831.
([32]) *Notes et Doc., I,* pág. 175.

Comovidos com tal resposta, os Directores resolveram conservá-lo, por caridade, enquanto Deus fosse servido, e mandaram-no para o Seminário de Issy, casa de campo, onde os Sulpicianos tinham o curso de filosofia e o noviciado conhecido pelo nome de *Solitude.*

ESCREVE CENTENAS DE CARTAS...

V

A ACTIVIDADE PRODIGIOSA DUM MINORISTA

(1831-1839)

«Tudo para todos» Libermann esteve em Issy desde o fim de 1831 até meados de 1837. Foram seis anos de grande actividade, de caridade e dedicação omnímoda, que se revelou nas mais diversas e miúdas circunstâncias.

Ajudante do ecónomo, olhava solícito pela criação, pela limpeza das árvores e das alamedas da cerca; uma vez por semana, percorria lesto e recolhido, «apressando as pernas e conservando calmos o coração e a cabeça» (33), as ruas de Paris, a executar comissões do ecónomo e dos seminaristas, como compra de livros e objectos de escritório e de asseio,

(33) *Notes et Doc., I,* pág. 308.

pacotes e embrulhos para o correio, recovagem e mil e uma pequenas coisas complicadas que Libermann, serviçal e amável, aceitava com um semblante que não denotava nunca a resignação cortês de quem faz um favor a que não pode subtrair-se, mas antes exprimia o agradecimento de quem o recebe.

O ar livre fazia-lhe bem, os ataques de epilepsia iam-se espaçando cada vez mais. À medida que a saúde ia melhorando, alargava-se a sua acção, umas vezes pedida, outras espontâneamente oferecida. «Era literalmente — diz um antigo companheiro — esmagado por uma multidão de pedidos, que classificava perfeitamente de cabeça e que satisfazia muito melhor do que o teríamos feito nós próprios» ([34]).

Amigo dos criados, reunia-os no gabinete do porteiro, ensinava-lhes o catecismo, dirigia-lhes exortações muito simples e práticas adaptadas ao teor de vida dos ouvintes. Assim conseguiu levá-los à observância da vida cristã integral.

Alma de bondade e zelo, duas vezes por semana fazia a catequese a um grupo de crianças pobres, dando-lhes com o alimento do espírito a esmola material.

Enfermeiro desvelado, dispensava todos os carinhos aos seminaristas retidos na enfermaria, pre-

---

([34]) *Notes et Doc., I,* pág. 302.

gando-lhes mais pelo exemplo que por palavras o amor da cruz e o desprendimento da vida. Conquistava-lhes a simpatia de tal modo que eles eram depois os primeiros a reclamar a sua presença.

Atento ao bem-estar material e espiritual dos seminaristas, acorria à chegada dos novos, pegava-lhes nas malas, instalava-os, varria-lhes o quarto, fazia-lhes a cama e procurava com boas palavras e conselhos mitigar-lhes as saudades e adaptá-los ao novo meio e género de vida. Por todos era considerado um *Bom Anjo* em todo o sentido da palavra. Podíamos citar muitos testemunhos. Dois ao acaso.

Escreveu o Padre Grillard: «Que caridade, que cordialidade no acolhimento que fazia aos recém-chegados! A primeira vez que o vi, ao entrar naquela casa, logo me pareceu ser um anjo, tal a sua candura e a graciosa afabilidade do seu aspecto; mas não um anjo absorto em piedosa contemplação, sim um anjo todo preocupado, no seu modesto recolhimento e na sua amável simplicidade, em nos prestar serviços».

E o Padre Delgove: «Ainda o estou a ver a tomar conta dos recém-chegados, correndo em socorro da sua timidez, iniciá-los em todas as minúcias da vida interna do seminário, fazendo-lhes a cama, arranjando-lhes o quarto, oferecendo-lhes os seus serviços para tudo. Como todos se apegavam depressa a uma casa em que se viam tão fraternalmente recebidos!»

Ódio e amor A maior parte dos seminaristas cedo descobriam em Libermann uma virtude invulgar e um dom especial para dirigir as almas e fazê-las avançar na perfeição. Procuravam-no para que lhes fornecesse assuntos de conversas piedosas e de oração. Pouco a pouco se foram organizando «Grupos de Piedade» *(Bandes de piété)* que muito contribuíram para manter o bom espírito e intensificar o fervor do Seminário.

Havia também os rebeldes, os contraditores. Carlos Maigna, por exempo, estudante talentoso, não o encarava com bons olhos e não perdia ensejo de o humilhar. Ora um dia de grande festa, em que aos seminaristas era permitido escolher os lugares no refeitório, depois de todos terem escolhido, só ficou um vago para Libermann, sempre o último, precisamente ao lado de Maigna. Este fez uma careta ao ver aproximar-se o adversário. Os vizinhos não puderam deixar de sorrir. Maigna exasperou-se e disse-lhe desabridamente:

— Se soubesse quanto o detesto!

Libermann, um pouco aturdido, respondeu com as primeiras palavras que lhe vieram à boca:

— Se soubesse quanto o amo!...

Maigna ficou silencioso toda a refeição. Mas depois foi ter uma explicação com Libermann. Este abriu o seu *Novum Testamentum* e mostrou-lhe uma passagem sublinhada: *Pax Dei quae exsuperat*

ommnem sensum [35] que lhe traduziu assim: *a paz de Deus triunfa de qualquer outro sentimento.*

Abalado, vencido e convencido, Maigna foi daí em diante grande amigo e admirador de Libermann e fez grandes progressos na virtude.

Libermann era, na verdade, um homem de bom senso e um homem de fé, fé viva e firme, fé viva e operante, que nunca perdia ocasião de a praticar pela caridade.

Foram da máxima utilidade estes seis anos passados em Issy. Os Superiores de S. Sulpício usaram de grande misericórdia conservando o pobre epiléptico. Este pagou-lhes bem, pela sua actuação admirável no Seminário.

Mestre de Noviços dos Eudistas A Congregação dos Eudistas, nome por que é vulgarmente designada a Congregação de Jesus e Maria, foi fundada em 1643 por S. João Eudes, o primeiro apóstolo do culto do Sagrado Coração de Jesus. Em plena florescência e actividade, foi dispersada pela Revolução Francesa. Restaurada em 1826, graças aos esforços do P.ᵉ Blanchard, é depois reorganizada, em 1837, segundo o espírito do seu fundador, pelo P.ᵉ Luís de la Morinière.

---

[35] Epístola de S. Paulo aos Filipenses, IV, 7.

Raros sobreviventes apareceram quando se fez a chamada geral para a restauração: a maior parte dos membros haviam morrido. O P.[e] Luís recorreu a S. Sulpício, pedindo um auxiliar capaz de o ajudar na direcção do noviciado. O P.[e] Mollevault indicou-lhe Libermann. Minorista, é verdade, porque a epilepsia o afastava do sacerdócio, mas de virtude sólida; e a influência salutar que exercera no Seminário de Issy era garantia segura de êxito na direcção do noviciado. O P.[e] Luís aceitou. Quem sabe? A saúde podia melhorar, o obstáculo desaparecer e o minorista tornar-se padre e membro da Congregação...

E Libermann partiu para o noviciado de S. Gabriel, em Rennes, em fins de Julho ou princípios de Agosto de 1837, com simplicidade e espírito de fé, deixando-se manobrar pela divina Providência. Seria o que Deus quisesse.

Em Novembro assumiu a direcção efectiva do noviciado. Tomou a peito as suas novas funções. Ainda aqui se revela a sua *pertinária heróica* e, como aliás em toda a sua vida, o homem de consciência, de carácter, de vontade férrea. O seu primeiro cuidado foi adquirir o espírito dos Eudistas pelo estudo sério das obras de S. João Eudes. E que viva satisfação não sentiu ele ao verificar a harmonia de vistas e de espírito entre o P. Olier, fundador de S. Sulpício, onde se formara, e o P. Eudes, fundador da Congregação em que estava a desenvolver a actividade do seu zelo!

Impressionou-o particularmente a devoção aos Sagrados Corações de Jesus e de Maria e ao Santíssimo Sacramento que reinava no Instituto.

Dedicadíssimo à obra, não se esquece, na numerosa correspondência que mantém com os amigos, de recomendar os mais miúdos interesses da Congregação; abre as portas a muitos, usa de toda a sua influência para multiplicar as vocações.

Para os noviços era de uma dedicação paternal, que tocava as raias do sacrifício. Infatigável, dizia-lhes: «Vinde ter comigo sempre que encontrardes dificuldades; todos os dias, se preciso for».

Um deles escreverá mais tarde: «Todo o poder, toda a força da sua direcção residia na sua caridade sem limites. Depois de o ouvir, sentíamos um não sei quê de suave e delicioso que decidia a nossa vontade a tender para a perfeição. Possuía o segredo de nos inspirar confiança plena».

A multiplicidade de ocupações não empecia a união habitual da sua alma com Deus. A um noviço que o interrogou sobre o assunto deu esta resposta: «A cada negócio que se apresenta, minha alma eleva-se para Deus a implorar a sua assistência; daqui resulta que, quanto mais assuntos tenho para resolver, mais se consolida a minha união com Deus».

Na via dolorosa Não se julgue, porém, que o servo de Deus nadou num mar de rosas durante estes dois anos. Sofreu muitíssimo, percorreu uma estação — das não menos cruciantes — da sua via dolorosa.

Partilhava dos sofrimentos, das privações, das humilhações do Instituto que procurava renascer. «Somos pobres, pequenos, ignorados e até desprezados — escreveu ele. Dificuldades por todos os lados, em geral e em particular, de dentro e de fora, da parte dos homens e da parte dos demónios» ([36]).

Acrescentai ao quinhão comum sofrimentos pessoais, terríveis, só explicáveis por uma obsessão diabólica. Assim desabafava com um amigo: «Sofro tanto, tanto, que não faz ideia. O demónio freme de raiva e martiriza-me. Corro grande perigo. Reze por mim, para que o nome de Deus seja bendito, louvado e glorificado» (26 de Outubro de 1837).

Humilhações acabrunhadoras por que passou, entre as quais sobreleva a famosa crise de 7 de Fevereiro de 1838, na vigília da festa do Sagrado Coração de Maria, grande devoção eudista. Estavam reunidos professores e alunos do Colégio e do Noviciado. O P. Luís convidou Libermann a falar sobre o objecto da festa. Mal começa a conferência, cai

---

([36]) Carta de 4 de Dezembro de 1838.

sùbitamente, fulminado por um ataque de epilepsia, boca escumante, o corpo todo em convulsões medonhas, durante quase uma hora. Levou-lhe tempo a refazer-se desta crise violentíssima.

Sofrimentos de toda a espécie: longos meses sem utilidade (pelo menos a seus olhos) para a Igreja e para as almas; sentimento de incapacidade total; persuasão de só fazer mal às almas... Numa carta datada de 10 de Dezembro de 1839, assim resumiu o labor destes dois anos: «Que fui eu, na realidade, senão um membro nulo e mesmo muito nocivo nesta pobre Congregação?»

Para cúmulo, a impressão profunda e persistente de que também Deus o abandonara. Como nos enternece este seu desabafo estampado numa carta de 1 de Dezembro de 1837: «Momentos há em que me parece que Nosso Senhor me abandona e rejeita. A ideia de ser lançado do seio do nosso bom Mestre faz-me tremer!»

Desígnio providencial Tal foi a estação da via dolorosa percorrida em Rennes. Via dolorosa que se compreende e justifica à luz da Providência. Eram-lhe necessárias todas estas dificuldades e provações, esta *noite do espírito,* para lhe temperar a vontade, para adquirir a experiência pessoal dos misteriosos caminhos de Deus, para melhor compreender e dirigir as almas, para saber

quanto custa uma dura vitória, um combate na sede e na solidão, por uma noite de angústia.

Eis a rude velada do cavaleiro de Rennes, que o vai ser de Roma, eis a importância destes dois anos de esterilidade aparente.

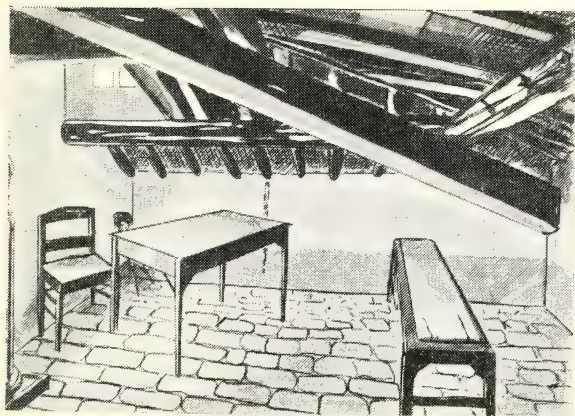
Aparente, sim, só aparente! Que, na realidade, foram dois anos fecundíssimos.

A história — arquivo das obras da divina Providência — regista factos que nos espantam, nos confundem, que só a fé explica. Lá diz S. Paulo que Deus se serve do que é louco e fraco para confundir os sábios e os fortes; do que é ignóbil e desprezível para destruir as coisas mais aparatosas do mundo... a fim de que só a Ele seja dada toda a honra e glória ([37]).

São deste género os factos que tecem a trama da vida de Libermann, minorista epiléptico. Perdida a esperança de chegar ao sacerdócio, em vez da desmoralização e da susceptibilidade, a resignação no sofrimento; mais do que resignação, o amor do sofrimento, a paz e alegria interior; em vez do desânimo e da indolência, o ardor no zelo do apostolado, de modo a ser este o período da mais prodigiosa actividade na sua vida. É durante este lapso de tempo que

---

([37]) I ad Cor., I, 27-29.

ele dirige e fomenta o apostolado interno que revoluciona os seminários de S. Sulpício de Paris e de Issy; que ele escreve centenas de cartas espirituais, ainda hoje admiração dos estudiosos de ascética e mística e pábulo precioso das almas sedentas de perfeição; que ele começa a escrever o *Comentário ao Evangelho de S. João,* a sua melhor obra, no pensar do Cardeal Pitra. Enfim, sem ser padre, vemo-lo colocado à frente do noviciado duma Congregação religiosa que renasce, e escolhido para negociar em Roma a fundação duma Congregação missionária, que muito há-de contribuir para a conquista cristã do mundo infiel.

O QUARTO DO VENERÁVEL EM ROMA

VI

A OBRA DOS MISSIONÁRIOS DO CORAÇÃO DE MARIA

(1839-1841)

O sonho de dois seminaristas Nos «Grupos de Piedade» do Seminário de Issy distinguiam-se, pelo fervor, pelo zelo, pela confiança depositada em Libermann, dois seminaristas: Frederico Le Vavasseur e Eugénio Tisserant.

Le Vavasseur era um crioulo da ilha de Bourbon (ou Reunião), no Oceano Índico. Aos 18 anos, apaixonado pelos estudos, partiu para França, a fim de seguir um curso superior. Qual? Não sabia ao certo. Na despedida, o pai dissera-lhe: «Sê lá o que quiseres... menos padre! Se te fizeres padre, deixarei de te considerar meu filho!»

Resolveu entrar na Escola Politécnica. Estudou excessivamente, esgotou-se. O resultado foi que não

passou no exame de admissão, apesar de ter feito uma boa prova de matemática.

Não desanimou. Depois de algum tempo de repouso, entrou na Faculdade de Direito e ainda fez dois exames. Mas a saúde falta. Impossível estudar. Novo período de repouso se impõe. Entretanto reflecte: no meio de todas estas provações não estaria Deus a significar-lhe que andava fora da sua vocação? Orou, consultou e convenceu-se de que o que devia fazer era precisamente o que o pai não queria: abraçar a carreira sacerdotal.

Em 1836 vamos encontrá-lo em Issy, às voltas com a filosofia. Tinha então 25 anos. Encontrara um *bom anjo,* um amigo e confidente na pessoa de Libermann.

Le Vavasseur pensava muito na triste situação dos pretos da sua terra natal, infelizes escravos votados ao mais completo abandono. Não aparecia quem se se desse ao incómodo, melhor, à tarefa evangélica de os instruir, catequizar, de lhes formar a consciência de homens e de cristãos. Ele, o crioulo, filho de uma das melhores famílias de Bourbon, um dia padre, não hesitaria na escolha do seu campo de apostolado: consagrar-se-ia todo à evangelização dos pretos da sua terra.

Mas esse esforço individual, embora generoso, pouco adiantaria. Impunha-se uma acção colectiva, uma organização estável em prol dessa pobre raça

abandonada. Era o sonho, a ideia fixa de Le Vavasseur. Mas como? Como e quando volveria Deus o sonho em realidade?

De vez em quando, em Issy, desabafava com Libermann, à busca dum conselho, duma palavra de luz, ou ao menos duma simpatia. Esta nunca faltava.

Libermann ouvia confidências análogas de outro seminarista de Issy, Eugénio Tisserant. Este nascera em Paris, em 1814. O pai era parisiense, mas a mãe nascera em Port-au-Prince, no Haiti. Muitas vezes a mãe lhe falara no lamentável estado religioso do Haiti. O coração do filho comovia-se. E o jovem pensava em remediar aquela situação. Sonhava ser o apóstolo da terra natal da sua mãe; visionava uma comunidade de padres apóstolos dos negros do Haiti. «Mas isto não passava dum lindo sonho — são palavras suas — que jamais se realizaria» ([38]).

Em 1836 entrava ele em Issy. Como Le Vavasseur, fez de Libermann um amigo e confidente. Quando se falava em almas abandonadas, logo manifestava as suas preocupações relativas aos pretos do Haiti.

([38]) Diz-se que, depois de ordenado presbítero, pediu a Mons. de Quélen, arcebispo de Paris, autorização de partir para o Haiti, e que o arcebispo teria respondido: «Pensa que temos tanto trabalho para formar bons padres, a fim de os mandar perderem-se no Haiti? Enquanto for vivo, jamais lhe será dada autorização.» (*Notes et Doc., I,* pág. 626). Outros eram os desígnios de Deus!

De tanto ouvir, dum e doutro, de Bourbon e do Haiti, o judeu convertido começou a pensar nos «pobres Negros».

Entretanto, nas férias de 1837, Libermann segue para o noviciado dos Eudistas, em Rennes.

Obra de Maria Le Vavasseur foi passar as férias de 1838 no noviciado de S. Gabriel junto de Libermann, a quem tinha na conta de director espiritual. O seu espírito era agitado por sentimentos vários no tocante ao problema da evangelização de Bourbon: ora se lhe afigurava como coisa urgente, ora se lhe apresentava eriçado de dificuldades insuperáveis; agora ideava uma associação de padres, zelosos, rigorosamente escolhidos, que talvez pudessem formar-se no noviciado dos Eudistas; depois, em horas de desânimo, receava não poder concluir os estudos e abandonava-se à ideia de ser simplesmente um catequista voluntário ao serviço dos escravos. Libermann escutava-o com paciência e aconselhava calma e confiança em Deus.

Como escreverá o P. Tisserant, «a obra dos Missionários do Sagrado Coração de Maria havia de ser verdadeiramente a obra de Maria». Ela, refúgio dos pecadores, mãe de todas as almas abandonadas, ia ouvir os suspiros do coração do jovem entusiasta e idealista, compadecer-se dos «pobres Negros», esclarecer e concretizar o projecto vago e incerto.

Le Vavasseur, terminadas as férias, entrou no Seminário de S. Sulpício de Paris para fazer o curso teológico. No meio de todas as suas incertezas teve a boa inspiração de confiar a Maria a solução do problema.

Entretanto Tisserant tivera a dita de conhecer a Arquiconfraria do Santíssimo e Imaculado Coração de Maria, Refúgio dos Pecadores, fundada em 3 de Dezembro de 1836 pelo P. Desgenettes, pároco de Nossa Senhora das Vitórias, em Paris, e inscreveu-se nela. Pouco depois, também Le Vavasseur entrou na Arquiconfraria. E — coincidência curiosa! — sem combinação prévia, no mesmo dia, 2 de Fevereiro de 1839, correram os dois a Nossa Senhora das Vitórias a recomendar às orações dos milhares de associados, um os pretos de Bourbon, o outro os do Haiti.

O P. Desgenettes, impressionado com a semelhança das suas preocupações e do seu pedido, chamou-lhes a atenção para esta coincidência e encontro providenciais, lembrando-lhes até que, no rito grego, a Purificação é chamada a *festa dos encontros.* Viram no acontecimento um feliz augúrio: a «obra dos Negros» ia sair da sua aliança e bom entendimento ([39]).

([39]) P. Maurice Briault, *Le Vénérable Père Libermann,* pág. 69.

A partir de então vai-se fazendo luz nos espíritos, as ideias clareiam, os planos precisam-se. Le Vavasseur consulta o P. Gallais, seu confessor, o qual lhe diz que faz bem «pensar na Obra»; abre-se depois com o P. Pinault, que aconselha «uma comunidade e, se não os votos, pelo menos obediência inteira a um chefe e uma grande caridade entre os membros».

Le Vavasseur escuta o conselho do P. Pinault com respeito e devoção enternecida, como se fora a resposta do Coração de Maria às orações fervorosas feitas em Nossa Senhora das Vitórias, exulta e entusiasma-se.

Poucos dias depois, escrevia a Libermann a dar conta do que se passara e do projecto que tinha em cabeça. Ia longe no seu ardor juvenil ávido de se sacrificar. Para soerguer os pretos do «estado de ignorância, miséria e corrupção, de que ninguém na Europa podia fazer ideia», eram precisos homens «cheios do verdadeiro espírito de Nosso Senhor que animara o P. Claver»; homens com «desejos ilimitados de santidade e de perfeição», dispostos a abraçar «todas as cruzes, exteriores e interiores» e a viver em condição de «pobreza, nudez, opróbrio e desprezo mais baixa que a dos pobres Negros, a fim de lhes poderem pregar o Senhor crucificado» e de os ganharem para a causa do Evangelho.

Onde encontrar e formar homens desta envergadura? — pergunta. Já encontrou alguns no Semi-

nário, uns cinco ou seis. Esses e outros que se declarassem iriam para o noviciado de S. Gabriel, adoptando as constituições do P. Eudes com as modificações julgadas convenientes. Poderiam chamar-se os Padres ou Missionários da Santa Cruz e teriam um Superior próprio, que poria o pessoal ao serviço dos Prefeitos Apostólicos ou dos Bispos ou dos párocos nas Missões.

No projecto, um tanto ou quanto vago, Le Vavasseur não é bairrista, transpõe os limites estreitos da sua ilha, entrevê já a evangelização da Maurícia e de Madagáscar.

Instado a emitir a sua opinião e sobretudo a dizer se tal projecto seria da vontade de Deus, Libermann responde por carta, a 8 de Março de 1839. Vê no projecto do seu amigo uma inspiração de Deus para «a salvação das pobres almas abandonadas». Nada de desânimos nem de precipitações; andar para a frente, mas com humildade como condição das graças divinas e com muita confiança em Deus que dará a perseverança e o êxito. Acha esplêndida a ideia do noviciado entre os Eudistas, cujas constituições «se prestam admiràvelmente ao fim em vista». O Superior dos Eudistas ficara encantado e pronto a recebê-los.

E quanto ao nome: «Não pense por enquanto no Padroeiro ou na dedicação da Obra. Deixe tudo entre as mãos de Jesus e Maria. Também eu me

sinto inclinado para a Cruz, que deve ser a nossa partilha» ([40]).

Posto ao corrente do que se passava, Tisserant entregou-se de alma e coração à obra em projecto. Era para ele como um chamamento do Coração de Maria. Sonhara ser o apóstolo do Haiti, é verdade, mas o ministério sacerdotal isolado amedrontava-o, receava perder a sua alma pretendendo salvar as dos outros. Queria ser missionário, sim, mas com as garantias da vida de comunidade. Mas não quis tomar uma resolução definitiva sem consultar Libermann; este respondeu-lhe, felicitando-o e animando-o. Era também de opinião que se deixasse por então de lado o projecto da evangelização do Haiti, «para não dividir os espíritos». Mais tarde se pensaria nisso.

«Desde esse momento — escreverá — esquecendo São Domingos (Haiti) para voar de preferência para Bourbon, onde estaria em comunidade, como servo dos escravos, só pensei em dar graças a Maria» ([41]).

«E uma luz brilhou no meio das trevas!» Nas férias de 1839 Libermann foi até Paris visitar os seus antigos directores. No noviciado de S. Gabriel as dificuldades eram tantas, os desgostos e trabalhos tão acabrunhantes que lhe

([40]) *Notes et Doc., I,* págs. 635-640.
([41]) *Notes et Doc., I,* pág. 647.

parecia dever retirar-se. Esperava encontrar em S. Sulpício uma palavra de orientação, um conselho que fosse a expressão da vontade de Deus. Mas nada. Regressou a Rennes disposto, mais do que nunca, a deixar correr as coisas à mercê de Deus. Mas adivinha-se-lhe na alma uma depressão dolorosíssima.

Não deixara todavia, em Paris, de conferenciar com Le Vavasseur, Tisserant, de la Brunière e outros simpatizantes acerca da «Obra dos Negros». E ficou resolvido que, em fins de Setembro, de la Brunière iria ter com ele a Rennes para estudarem juntos certos pormenores.

De la Brunière acabara o curso teológico e era subdiácono. Seminarista muito piedoso e inteligente, fizera parte dos «Grupos de Piedade» do Seminário de Issy e fora um dos primeiros a aderir ao projecto de Le Vavasseur. Jovem talentoso e rico, sobrinho do Bispo de Mende, era também dotado de espírito de dedicação e de sacrifício. Olhando para todas estas qualidades, os outros consideravam-no muito e pensavam até que estaria indicado para Superior da futura comunidade.

De la Brunière foi, pois, a Rennes. Observador e psicólogo, não tardou a ver claramente a situação: Libermann não podia continuar no noviciado de S. Gabriel e a «Obra dos Negros», não podia ser, como antes se pensara, um ramo da Congregação de S. João Eudes. O Mestre de Noviços cada vez se

convencia mais de que era lá um inútil. Não podia mais.

— Porque não ver naquela situação insustentável um sinal evidente de que Deus o chamava a outro campo de apostolado? — insinuava de la Brunière. Não, para ele já não havia dúvidas, Libermann tinha a sua vocação marcada: a de realizador da obra em projecto!

Libermann hesitava ainda, esperava um sinal certo da vontade de Deus. Até que o Céu falou. No dia 28 de Outubro, festa dos Apóstolos S. Simão e S. Judas, a convite de la Brunière, ofereceu a sagrada comunhão pelos «pobres e queridos Negros» e durante a acção de graças recebeu uma graça extraordinária, uma «luzinha» (diz ele): era Deus a traçar-lhe o caminho, a dar-lhe o sinal que esperava. Tisserant data desde esse momento a «vocação» daquele que a futura Congregação reconheceria como Fundador e Pai.

Mas não se precipita. Pede orações. Consulta. O P. Pinault, director de S. Sulpício, sempre ao corrente das aspirações daqueles jovens piedosos, ardentes e idealistas, aconselha-o e encoraja-o a deixar os Eudistas e a pôr-se à frente da obra em projecto. Já não havia lugar para hesitações. O partido estava tomado: daí em diante viveria única e exclusivamente para a «Obra dos Negros».

No dia 2 de Dezembro de 1839, véspera da festa

de S. Francisco Xavier, partiria para Roma juntamente com de la Brunière, porque, antes de mais nada, era necessário consultar a Santa Sé ([42]).

O P. Luís de la Morinière quis retê-lo, tachando o seu projecto de ilusão do demónio e produto do seu amor próprio. Mas não, a sua resolução era inabalável. Deus chamava-o, tinha de partir, embora levasse o «coração dilacerado, imerso na mais profunda dor».

A caminho de Roma Deixando Rennes, a 2 de Dezembro, Libermann dirigiu-se a Paris, onde mais uma vez o P. Pinault lhe incutiu coragem e suavizou a dor. Dali seguiu para Lião. O Superior duma comunidade religiosa, a quem foi pedir conselho, riu-se dele e abandonou a sala de visitas sem sequer uma palavra de despedida. Um sacristão, intrigado com a sua aparência de mendigo, não o deixou ajudar à missa.

Em Marselha esperava-o de la Brunière, que era quem devia pagar as despesas da viagem e da estada em Roma. Embarcaram no dia 1 de Janeiro de 1840. No dia 6, festa da Epifania (bom presságio!), chega-

---

([42]) No mesmo dia em que Libermann partia de Rennes a caminho de Roma, nessa arrancada heróica de *Salvador da Raça Preta,* o Papa Gregório XVI condenava solenemente a escravatura e o tráfico dos negros, na sua Bula *In Supremo Apostolatus.*

ram a Roma e instalaram-se numa pensão modesta, na via Magnanápoli.

Ei-lo, pois, em Roma, o homem sobrenatural, cheio de fé, de humildade, de confiança em Deus. Não levava recomendações. Bastava-lhe, junto da suprema autoridade eclesiástica, o apoio misterioso da Virgem «que, se quisesse a obra, a havia de levar a bom termo, custasse o que custasse».

Os dois primeiros meses passaram-nos, os dois companheiros, a estudar e discutir as bases do Memorial que deviam apresentar à Sagrada Congregação da Propaganda Fide. A elaboração decorria difícil. Nem sempre estavam de acordo. Consultaram vários canonistas e padres seculares e regulares muito considerados nos meios romanos. Da maior parte faltou o acolhimento favorável: simpatias, nenhumas, oposições declaradas, algumas. Esta atmosfera de desconfiança, antipatia e oposição levou de la Brunière ao desânimo. Acabou por se convencer de que aquele ideal que o trouxera a Roma não passava de uma quimera e bateu em retirada. Voltou a Paris, ingressou nas Missões Estrangeiras e partiu pouco depois para as Missões da Manchúria, onde morreu martirizado, em 1846, precisamente quando o seu Bispo, Mons. Verrolles, lhe ia notificar a sua nomeação de coadjutor e bispo titular de Tremitonta.

Libermann ficava só, em Roma, na árdua tarefa de preparar o berço da «Obra dos Negros». O de-

sânimo assentava arraiais no grupo dos simpatizantes de Paris. Intrépido na sua humildade e confiança em Deus, Libermann escrevia-lhes: «Então?! Porque um homem com talentos, com um nome e fortuna vos abandona, ficais inquietos e desanimados? Que vale tudo isso? Não é assim que se estabelecem as obras de Deus. Deus não quer que elas sejam atribuídas ao poder dos homens... Se se levantam obstáculos, que importa?... Avançar, avançar sempre, ficar ao pé do muro, esperar que ele caia e, então, passar por cima».

«Será um santo» Graças a Paulo Drach, então bibliotecário da Propaganda, e que ficara amigo fiel, foi recebido em audiência pelo Santo Padre Gregório XVI, em 17 de Fevereiro. O Papa deu-lhe uma bênção muito especial e depois de ouvir alguns esclarecimentos que Drach lhe forneceu acerca das origens, da história e do projecto de Libermann, exclamou: — «Será um santo!»

Um santo! Mas... padre chegaria ele a sê-lo?...

Enfim, no dia 11 de Março de 1840, Libermann entregou a Mons. Cadolini, Secretário da Propaganda Fide, o seu Memorial, que divide em três pontos:

1.º — O *fim:* «a salvação dos pretos, que são as almas mais miseráveis, as mais afastadas da salvação e as mais abandonadas na Igreja de Deus». Deter-

mina, para começar, os da ilha de Bourbon e do Haiti.

2.º — Os *meios:* a vida de comunidade, a obediência, a pobreza e mesmo os votos privados revogáveis pelo Superior. Querendo muito embora, e a todo o custo, a vida de comunidade, não se pensa todavia, para já, numa Congregação pròpriamente dita.

3.º — Dependência directa da Santa Sé. O Superior só teria poderes depois de confirmado pelo Cardeal Prefeito da Propaganda; a Propaganda determinaria os países e as missões em que deviam trabalhar.

A concluir a exposição, Libermann aponta com toda a lealdade algumas dificuldades que se apresentam: são poucos, oito sòmente; apenas três concluiram o curso de teologia, nenhum é padre ainda; mas tem a certeza de que o número aumentará e alguns padres entrarão no noviciado, se a Santa Sé aprovar o projecto.

Enfim, o seu caso pessoal (nada esconde, sempre liso nos seus processos): sofre duma doença nervosa que o impediu de receber as Ordens Sacras; mas essa doença vem diminuindo sensìvelmente de há oito ou nove anos para cá; há dois anos que não tem ataques; tomando certas precauções, pode evitá-los.

Declarando-se disposto a obedecer inteiramente

aos conselhos e ordens que lhe derem, assina: «F. Libermann, *acólito*» ([43]).

Na expectativa Passados oito dias, o «acólito» voltou a encontrar-se com Mons. Cadolini. Acolhimento frio, resposta pouco animadora: que, antes de mais nada, precisava ordenar-se, porque «não se trata duma futura sociedade de padres com um simples clérigo».

— Mas que pensa, Monsenhor, das bases do projecto? — insistia Libermann, humilde e ansioso.

— Dir-lho-ei quando for padre. Antes disso, nada feito.

E terminou a audiência.

Esperar... esperar... «ficar ao pé do muro»!

Trocou a pensão da via Magnanápoli pela casa dum tal sr. Patriarca, na via del Pinácolo, que era hospedaria de padres estrangeiros de magros recursos. Instalou-se nas águas-furtadas, onde um homem de estatura ordinária não podia estar de pé; a cabeça tocava-lhe nas vigas que sustentavam as telhas; a mobília constava apenas de uma mesa, duas cadeiras e um lavatório velho; a cama, um enxergão estendido no sobrado com uma manta usada; pendente da parede, um quadro de S. Francisco de Assis.

([43]) *Notes et Doc., II,* págs. 68-76.

Ninguém entrava no seu quarto; ele é que o arrumava e cuidava da limpeza; as visitas recebia-as numa varanda à entrada das águas-furtadas.

Saía manhã cedo para uma igreja, onde meditava longamente, assistia à missa e comungava. Voltando a casa, tomava um café simples com pão seco. Trabalhava toda a manhã, escrevia muitas cartas. Por volta do meio-dia tomava a refeição principal com os seus hospedeiros. De tarde saía para tratar dos seus negócios ou para visitar os santuários ou outros lugares piedosos de Roma; por vezes servia de *cicerone* a eclesiásticos peregrinos: então mostrava-se alegre, humorista e obsequioso em extremo, sem perder o seu recolhimento habitual. À noite não lhe davam de cear: comia um bocado de pão, que repartia com as pombas que também habitavam no seu quarto das águas-furtadas. De vez em quando mendigava a sopa que distribuíam à porta dos conventos.

Toda a família do sr. Patriarca se lhe afeiçoou. Era tão simples, tão bom, tão virtuoso, e sabia acarinhar as crianças! E admiravam-no, ao mesmo tempo, porque, não sendo padre, recebia muitas cartas e muitas visitas, entrava nas Embaixadas e nas Congregações Romanas e em toda a parte era respeitado.

Foi nestas condições que ele redigiu as Constituições ou Regra Provisória. Sim! Contra toda a expectativa humana, firmemente esperava que a Santa Sé aprovasse o seu projecto. A princípio era-

-lhe penosa, quase impossível, a redacção. As dificuldades começaram logo pelo título a dar à Obra. Le Vavasseur queria-a dedicada à Santa Cruz e Tisserant inclinava-se para o Sagrado Coração de Maria. Libermann titubeava... até que, um dia, após uma peregrinação às sete Igrejas, se sentiu interiormente movido a adoptar a ideia de Tisserant. Então desapareceram as dificuldades, viu claro, tudo se precisou e coordenou no seu espírito, e redigiu com muita facilidade a Regra Provisória.

Tisserant disse bem: «A Obra dos Missionários do Sagrado Coração de Maria havia de ser verdadeiramente a obra de Maria».

O muro caiu Apesar daquela resposta fria e evasiva, Mons. Cadolini não deitara o Memorial no cesto dos papéis inúteis; entregara-o ao Cardeal Fransoni, Prefeito da Propaganda. Este examinou-o e colheu em Paris informações acerca do seu autor. As informações chegaram a Roma e eram boas, elogiosas. O Memorial foi então examinado e discutido numa reunião plenária da Sagrada Congregação da Propaganda. A 6 de Junho de 1840, o Cardeal Fransoni escrevia a Libermann:

«O projecto que submeteu à Sagrada Congregação da Propaganda para a fundação duma sociedade de missionários destinados a evangelizar os pretos, e sobretudo nas ilhas de Bourbon e de S. Do-

mingos, muito honra o seu zelo da salvação das almas e foi considerado como muito oportuno para a propagação da fé. Se bem que a Sagrada Congregação tenha resolvido examinar este assunto com mais maturidade e reservar para mais tarde a sua aprovação, julgou todavia oportuno responder-lhe já, exortando-o a perseverar com os seus associados nesse propósito, e a nada negligenciar, cada qual em particular, para corresponder à vocação. A S. Congregação espera que Deus todo bom e poderoso lhe dará a saúde precisa para poder receber as Ordens Sacras e dedicar-se inteiramente, com os seus colaboradores, ao sagrado ministério».

É de imaginar a alegria de Libermann ao receber tão boa nova! Roma falara. O muro caíra. Mais uma vez o Céu recompensara a fé e a pertinácia heróica do humilde judeu convertido, do apóstolo da África Negra.

Perplexidades dum humilde E agora que as coisas se encaminham para um desfecho feliz, outras perplexidades afligem a alma de Libermann. Seria ele chamado ao sacerdócio? A saúde era fraca, mas havia já três anos que não tinha ataques de epilepsia. Encontraria ele um Bispo que o ordenasse com a condição de se consagrar à evangelização dos pretos, tão caros ao seu coração? E se passasse a outrem a direcção da socie-

dade em embrião e, cedendo ao atractivo da vida contemplativa e oculta, fosse acabar os dias nalgum ermitério dos Apeninos?...

Loreto! Qual seria a vontade de Deus? Eis o que lhe importava saber. Um impulso misterioso o leva em peregrinação à Santa Casa do Loreto, para implorar luz e força. Foi só. Pobre como Job, rosto emagrecido pelo sofrimento, tipo acentuado de judeu, foi vaiado pela canalha, insultado por muita gente. Até houve quem tivesse o mau gosto de lhe descoser, pela calada, a rapsódia de farrapos velhos que compunham a capa. Com tal arranjo, tiveram-no na conta dum vagabundo e várias vezes a polícia embicou com ele. Mas tudo venceu com a sua paciência de santo.

Que felicidade, para um judeu convertido, ajoelhar na casa em que o Verbo divino encarnou! Lá esteve uma semana. E a luz fez-se plena. E a força necessária para levar a cabo obra tão gigantesca recebeu-a abundantemente. E obteve talvez, por acréscimo, a cura da sua doença. Seja como for, o certo é que ele atribuirá à Virgem do Loreto a graça das Ordens Sacras.

Não mais dúvidas nem perplexidades. Queria ser padre, antes de mais nada, como lhe tinham dito na Propaganda.

No dia 15 de Dezembro estava de novo em Roma. A 8 de Janeiro de 1841 regressava a França. Um ano de oração, de paciência heróica e de prudência consumada alcançara-lhe tudo quanto tinha ido buscar.

PADRES TISSERANT, LAVAL E LE VAVASSEUR

VII

A TEBAIDA DE LA NEUVILLE

(1841)

«Sacerdos in aeternum» Agora o que lhe importava era ser ordenado sacerdote. Admitido por Mons. Raess no seminário de Estrasburgo a 23 de Fevereiro de 1841, recebeu o subdiaconato a 5 de Junho e o diaconato a 10 de Agosto. Não sem dificuldades... porque à última hora pessoas muito zelosas pintaram-no ao Prelado como um sonhador, um exaltado, inconstante e intriguista. Mas o P. Carron, grande amigo de Libermann e secretário particular de Mons. Affre, Arcebispo de Paris, defendeu-o calorosamente, fazendo realçar o seu carácter impoluto, o seu bom senso e a sua virtude.

Desde então decorreu serena a sua vida no seminário. Adaptou-se ao meio: de novo, como outrora em S. Sulpício, «bom seminarista». Sem alarde, com

simplicidade, atraiu a simpatia de professores e condiscípulos para a sua pessoa e para a sua obra: vários de entre eles irão colocar-se sob a sua direcção no noviciado de La Neuville e ser Missionários do Sagrado Coração de Maria, como o P. Burg, professor de Moral, e os seminaristas Inácio Schwindenhammer, Melchior Freyd, Luís Kobès, futuro Bispo do Senegal. O exemplo destes arrastará outros para o noviciado e para as Missões.

Libermann passou as férias em Illkirch, em casa do seu irmão mais velho, o Dr. Sansão Libermann, dando uma saltada a Paris a fim de resolver com os amigos e irmãos de ideal o problema da instalação do noviciado. Ele pensava na Alsácia, alfobre de vocações; o P. Gallais inclinava-se para Lião; o P. de Brandt, secretário do bispado de Amiens, antigo confrade de Libermann em S. Sulpício e em Rennes, muito dedicado à nova fundação, chamava-o para Amiens: O bispo, Mons. Mioland, declarava-se pronto a ordená-lo nas Têmporas de Setembro e indicava-lhe até uma casa, propriedade do bispado, sita em La Neuville, a dois quilómetros da cidade. Não se hesitou mais: o noviciado instalar-se-ia ràpidamente em La Neuville-lès-Amiens.

No dia 18 de Setembro, após um retiro fervoroso, Libermann foi ordenado presbítero por Mons. Mioland, na sua capela particular.

Enfim, sacerdote do Altíssimo, após longos anos de dolorosa expectativa e de porfiadas lutas, «in spe contra spem»! Que alegria e que acções de graças ao Senhor, que se dignara coroar a sua pertinácia heróica! Agora, como há dezoito meses lhe dissera em Roma Mons. Cadolini, secretário da Propaganda, podia lançar as bases da Obra da evangelização da raça preta.

«A acção mais bela da sua vida»

Enquanto o P. Libermann, em transportes de fervor, dava graças a Jesus e se Lhe oferecia em holocausto, pessoas mal intencionadas foram perturbar a consciência de Mons. Mioland, dizendo-lhe que se deixara enganar: o neo-sacerdote era um catavento e um desordeiro; ordenando-o, S. Ex.ª Rev.ma contraíra tremenda responsabilidade de que muito se havia de arrepender. Felizmente nessa altura o P. Mollevault, de passagem em Amiens, fez uma visita ao Bispo. Este, vivamente impressionado, desabafou com ele, contando-lhe pormenorizadamente todos os seus receios e apreensões. O P. Mollevault ouviu, ouviu até ao fim sem o interromper, e quando o Prelado lhe perguntou o que pensava disso tudo, o digno ancião respondeu-lhe com toda a calma, seguro do que afirmava:

— Monsenhor, ordenando este padre, acaba de praticar a acção mais bela da sua vida!

O P. Libermann celebrou a primeira missa no dia 21 de Setembro, na capela das Religiosas de Louvencourt, benfeitoras do noviciado que se ia abrir. No sábado seguinte, dia 25, subiu ao altar da arquiconfraria do Imaculado Coração de Maria, Refúgio dos Pecadores, em Nossa Senhora das Vitórias; ajudou-lhe à missa o P. Desgenettes e assistiram o P. Le Vavasseur, o P. Tisserant e Collin, ainda simples tonsurado, com alguns amigos íntimos ([44]). A distância encontrava-se um sacerdote desconhecido que orava com grande fervor, pedindo à Santíssima Virgem se dignasse esclarecê-lo sobre a sua verdadeira vocação. Era o P. Bessieux, de 40 anos, que fora professor do seminário de Pons e actualmente pároco de Minerva, na diocese de Mompilher. No fim da missa o P. Libermann deitou-lhe uma bênção especial e falou com ele na sacristia. Logo ali se resolveu o seu futuro. Daí a um ano será noviço de La Neuville, para depois desempenhar um papel primacial na ressurreição das missões africanas ([45]).

Assim decorreu o que se pode chamar a primeira missa de comunidade da Congregação do Sagrado Coração de Maria.

([44]) Tisserant fora ordenado, em Paris, em 19 de Dezembro de 1840, e Le Vavasseur, em Paris também, a 18 de Setembro de 1841.

([45]) O P. Bessieux entrou na Congregação a 6 de Setembro de 1842.

Dois dias depois, a 27 de Setembro, inaugurou-se o noviciado de La Neuville com a presença do P. Libermann, de Le Vavasseur e Collin. Pouco a pouco o número dos noviços havia de ir crescendo.

Nova Tebaida Que foi La Neuville nos seus inícios? — Uma espécie de *Tebaida*... Muita pobreza, com a simplicidade, o fervor e as alegrias do berço das Ordens Religiosas.

A lenda doirou o berço de La Neuville. Em toda a lenda há um fundo de realidade e de fantasia poética; o caso é destrinçar o histórico do lendário.

Dizia-se à boca pequena, em Amiens, que os «solitários» de La Neuville praticavam mortificações extraordinárias. Havia no boato um fundo de verdade. De facto, o P. Le Vavasseur era em extremo mortificado e queria a todo o transe impor como regra a maior austeridade: nem quarto, nem cama, uma única refeição, enfim um rigor insuportável, que daria em resultado a ruína da saúde de quem tanto dela precisava para o trabalho apostólico em climas exóticos. Mas lá estava o P. Libermann com o seu bom senso a deitar água na fervura e a impor-se com a sua autoridade, quando era preciso.

A princípio iam todos, por turnos, buscar água à fonte. Anos depois ainda o P. Libermann recordava esses bons tempos: «Quando íamos buscar água à fonte, toda a gente nos tratava por *Irmãos;* agora

que já lá não vamos, todos nos dão reverência e nos saúdam com respeito: contudo não me parece que lucremos muito com isso».

Na cozinha ter-se-iam passado cenas pitorescas. O ofício de cozinheiro era desempenhado por todos, à vez. Ora sucedeu um dia que o improvisado cozinheiro se pôs em contemplação diante do Crucifixo toda a manhã. Batem onze horas e dá-se o sinal para a conferência. Aturdido, vai ter com o P. Libermann e diz-lhe: «Sr. Padre, pus-me a olhar para o Crucifixo e o tempo foi correndo sem eu reparar; ainda nem sequer acendi o lume». Libermann sorriu, juntou os papéis em que escrevera os tópicos da conferência e exclamou: «Pois bem, meus senhores, hoje não há conferência». E foi preparar o almoço.

O P. Le Vavasseur, no princípio da sua semana de cozinheiro, não esteve com mais aquelas: cozeu uma grande panela de cenouras para toda a semana, julgando deste modo poupar lenha e tempo e ter mais horas disponíveis para a contemplação. Ficou espantado quando, ao cabo de dois dias, encontrou as cenouras azedas e com bolor. Calou-se muito calado e mudou de sistema.

Mais se conta ainda. As instalações eram pobres e reduzidas. Quando chegava um novo, um dos antigos cedia-lhe o quarto e a cama e, para descansar durante a noite, deitava-se na mesa do refeitório. Se esse lugar já estava ocupado, servia de leito um

degrau das escadas. O P. Bessieux, antigo professor dum seminário e mais tarde Vigário Apostólico, teve muito tempo como cela o vão dumas escadas, o que não obstou a que achasse no noviciado de La Neuville «as delícias do paraíso». «Dai graças a Deus — escrevia ele à família — por me ter destinado a ir servir a gente mais pobre e abandonada».

Os mimos do Superior cifravam-se numa mesa, um leito e um enxergão, que ele próprio remexia todas as manhãs. A princípio havia apenas um tinteiro colocado na sala comum: todos lá iam molhar a pena, inclusivamente o Superior que não consentia o deslocassem para seu uso.

A verdade é que na Tebaida de La Neuville reinava a pobreza mas não a miséria. O P. Libermann estimava muito aquela, queria-a a todo o custo na sua Congregação, mas não queria esta, que seria causa de desordem. Viviam de esmolas, é certo, mas não faltava o necessário: a virtude comprovada do Fundador inspirava confiança e não faltaram apoios e auxílios, muitas vezes vindos como por milagre. Eis um facto que mostra bem o heroísmo do seu desprendimento e a sua confiança na Providência: Um jovem missionário, filho duma família rica, desejava oferecer vinte mil francos à Congregação. Mas este dom ia ocasionar dificuldades à mãe do missionário. Libermann declarou-lhe imediatamente que não consentia em perturbar, por tal preço, a tranqui-

lidade da mãe. «Quanto ao dinheiro — acrescentava — Deus é bastante rico e poderoso para no-lo mandar, quando quiser».

Libermann descreve a casa de La Neuville numa carta ao irmão e cunhada, escrita em 18 de Setembro de 1841: «Acabo de ver a nossa casa; é muito boa; dá para catorze ou quinze pessoas. Teremos uma capelinha; religiosas caritativas deram-nos uma linda estátua de Nossa Senhora de madeira, dourada e pintada com cores naturais, bem como castiçais; estão elas agora a acabar os paramentos. Também se encarregaram da aquisição de todo o mobiliário, parte grátis por caridade, parte comprada à nossa custa. Numa palavra, Deus tem-nos favorecido além de toda a esperança no que respeita à nossa instalação. Temos um pedaço de terreno para horta e pomar e um bosquezinho onde poderemos passear à vontade. O ar é saudável» ([46]).

Sobre o passadio informa-nos o noviço Blampin, de família remediada, em carta escrita à mãe: «A vida que levamos aqui não é dura nem penosa, antes doce, aprazível e retirada, muito apropriada para favorecer o recolhimento interior e santificar as almas...

Ao chegar, encontrei para a noite um enxergão, um colchão, um travesseiro, um cobertor, etc...., enfim tudo quanto costuma ter uma cama; no in-

---

([46]) *Notes et Doc., II,* págs. 498-499.

verno acrescentam-se os cobertores precisos. A alimentação não é delicada, mas sã e abundante: uma sopa grossa, um cozido excelente e fresco todos os dias, um prato copioso de legumes, eis o nosso almoço. A bebida é cerveja ou vinho com água. À noite, um bom prato de legumes e uma salada; e tanto à noite como ao meio-dia, fruta da estação para sobremesa.

Há um dia de passeio por semana e temos um jardim para passar um pouco de recreio, tomar ar e rezar o ofício. A comunidade compõe-se actualmente de sete padres, doze membros ao todo, e esperamos mais» ([47]).

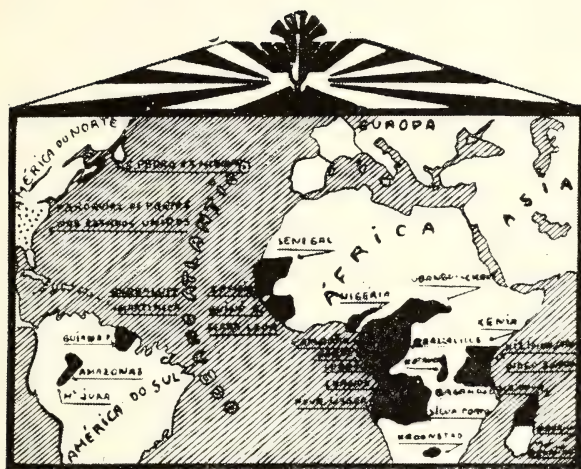
Um ponto há em que todos concordam: resplandeciam a caridade e o fervor no noviciado de La Neuville, graças sobretudo aos exemplos que a todos e a toda a hora dava aquele a quem chamavam simples e ternamente o *Pai.*

Nos cinco anos que esteve à frente do noviciado, conservou sempre o encanto exterior da santidade que se exalava de toda a sua pessoa. «Para mim — escreveu um noviço — tudo era divino e sobrenatural no P. Libermann: a sua alma era um tesouro de graças preciosas, ocultas sob as aparências da mais encantadora simplicidade. Era a imagem de Nosso Senhor!» Dedicado aos noviços, desvelado com os

([47]) Esta carta é de 1842.

doentes, ainda lhe sobejava tempo para se entregar com zelo às funções do sagrado ministério, catequizando, confessando, dirigindo almas, fazendo o bem de todas as maneiras. Era todo carinhos para os missionários que partiam, estendendo esses sentimentos afectuosos às famílias desoladas. Escrevia-lhes para as consolar da dolorosa separação dos filhos e em mais de uma carta se encontram pensamentos como este: «Sinto-me desolado por ser o algoz do amor maternal». Mas, se Deus o queria e as almas o exigiam!...

Com tal Superior, fácil é de supor que alfobre de religiosos e missionários havia de ser a Tebaida de La Neuville.

O noviciado ia-se enchendo. Em Março de 1842, o P. Libermann comprou por 30.000 francos o imóvel, até então alugado, e construiu duas alas e uma capela. O dinheiro provinha de esmolas que o Fundador não tinha vergonha de pedir, confiando na Providência.

AS NOSSAS MISSÕES

VIII

LARGADA MISSIONÁRIA

O P. Laval O primeiro a largar foi o Padre Jacques Désiré Laval.

Era médico. A clínica foi para ele, a princípio, uma espécie de sacerdócio: cuidava com o mesmo zelo do corpo e da alma dos seus doentes. Depois, sem perder a fé, aliás, foi pondo de lado as práticas religiosas. A equitação, os bons cavalos, eram a sua paixão. Um dia deu uma queda perigosa, quase mortal. Pôs-se então a reflectir sobre a vaidade das coisas da terra e voltou-se completamente para Deus. Em 1835, com 32 anos, entrou no curso teológico do Seminário de S. Sulpício. Foi ordenado em 2 de Dezembro de 1838. Na paróquia rural de Pinterville, diocese de Evreux, onde o seu Bispo o colocou, foi um «cura d'Ars».

Em S. Sulpício conhecera Libermann, Le Vavasseur e Tisserant e o projecto da «Obra dos Negros»

e apaixonara-se por ela. O seu anelo era ser missionário entre os pretos. A 6 de Junho de 1841 parte para a ilha Maurícia, no Oceano Índico, na companhia de Mons. Collier, Vigário Apostólico, depois de ter celebrado uma missa na igreja de Nossa Senhora das Vitórias e de ter feito voto de obediência diante de Libermann. Missionário evangélico, despojara-se de todos os seus bens, que não eram poucos, dando uma grande parte a Libermann para a fundação do noviciado, e levava como bagagem o breviário e o crucifixo. Circunstâncias imperiosas aconselharam Libremann a deixá-lo partir antes da abertura do noviciado.

Foi entre os pretos da Maurícia, recentemente e na teoria emancipados, o que S. Pedro Claver fora entre os negros do Novo Mundo. Orações prolongadas diante do SS. Sacramento, mortificações dos anacoretas, visitas às palhotas, catequeses variadas, caridade inexaurível, dedicação omnímoda: esta foi a vida do primeiro missionário da escola de Libermann. Dele se pôde dizer que teve a vocação mais perfeita, a santidade mais profunda, o desprendimento mais absoluto e, também, os métodos de apostolado mais apropriados. Impressionou tanto os indígenas que declaravam ingènuamente «não haver nos livros um santo como o seu *Padre*». E fossem lá contradizê-los...

Quando chegou à ilha, apenas vinte pessoas o

ouviam. À hora da sua morte verificou-se que tinha convertido 67.000 almas. Morreu no dia 9 de Setembro de 1864, festa de S. Pedro Claver. Quarenta mil pretos acompanharam o enterro, verdadeiro cortejo triunfal. O seu túmulo converteu-se num lugar de peregrinação, onde anualmente afluem cerca de 150.000 pessoas, entre as quais muitos pagãos e muçulmanos. A Sagrada Congregação dos Ritos estuda o processo da sua beatificação. Atribuem-se-lhe muitas curas milagrosas.

Tal foi o primeiro missionário da Congregação do Sagrado Coração de Maria.

O P. Le Vavasseur O segundo foi o P. Le Vavasseur, que partiu para a ilha de Bourbon (Reunião), sua terra natal, a 16 de Fevereiro de 1842. Um ano depois irão juntar-se-lhe os confrades Padres Collin e Blampin.

Animado de zelo extraordinário pelas almas abandonadas, em breve granjeou grande popularidade e o título honroso de *Pai dos Negros.* Nigon de Berty, alto funcionário do Ministério dos Cultos, depôs nestes termos no processo de beatificação do P. Libermann: «O P. Le Vavasseur prestou relevantes serviços à Colónia, facilitando, pela sua influência e pelo seu ensino, a emancipação dos pretos, que ali se operou sem qualquer desordem, graças a ele. Atribuo este sucesso do missionário à esclarecida

direcção que recebeu do seu Superior, o P. Libermann». Note-se que na Reunião havia 65.000 escravos.

O P. Tisserant Também ao Novo Mundo se estendeu o zelo do P. Libermann, que no mesmo ano de 1842 mandou o P. Tisserant começar a Missão do Haiti.

Só em Agosto desse ano alcançara do Arcebispo de Paris autorização de entrar na Congregação. Antes, fora vigário paroquial e subdirector da Arquiconfraria de Nossa Senhora das Vitórias.

O P. Tisserant embarcou no dia 12 de Novembro de 1842. Como a situação no Haiti era muito confusa, deteve-se na Martinica. Só em Agosto de 1843 pôde lá entrar. Pouco depois escrevia ao P. Libermann: «Toda a gente aqui suspira pela reforma do clero, mas o Governo não está disposto a largar a autoridade que usurpou nos negócios eclesiásticos. Os protestantes mexem-se para se tornarem agradáveis, abrir escolas e suplantar a religião católica. Parece-me que seria bem aceite a formação de clero indígena».

Libermann sorri de satisfação diante desta ideia e chega a propor ao Cardeal Fransoni a fundação dum Seminário para jovens do Haiti. Como se vê, não é de hoje nem de ontem a ideia do clero indí-

gena: Libermann acarinha-a, ainda antes de ter uma Missão a seu cargo.

No mês de Dezembro as notícias não eram mais satisfatórias. Contra o P. Tisserant levantavam-se os párocos e o Governo. A juventude corria para o protestantismo. Falava-se no casamento dos padres como meio de evitar escândalos! Corriam rumores duma revolta eminente com matança de brancos e mulatos...

Enfim, por uma reviravolta ou contradição inexplicável, o general Hérard Rivière, Presidente provisório, mandava dizer ao P. Tisserant que, para remédio de tantos males, era preciso que se entendesse com a Santa Sé. Sabedora do caso, a Congregação da Propaganda concedia ao P. Tisserant poderes de Prefeito Apostólico, de que ele usaria quando as circunstâncias fossem favoráveis, e insistia com o P. Libermann para que lhe mandasse mais pessoal.

E lá foram mais três missionários. Tudo parecia encaminhar-se para melhor. O Governo reconheceu o P. Tisserant como «chefe da Igreja Católica no Haiti», título nada canónico, nada romano, mas que o Padre aceitou sob reserva. Entretanto vinha à Europa a fim de se curar dos estragos da febre amarela que o vitimara e de tratar de vários assuntos. Percorreu a França e a Bélgica, não em viagens de recreio mas de recrutamento missionário. Conseguiu que as Irmãs de S. José de Cluny fossem para o Haiti

e para lá voltou ele, em Fevereiro de 1845, com mais quatro missionários. Ia cheio de esperanças... Encontrou o país amotinado e o Governo hostil. A situação era insustentável. Dois meses depois, retirava para a Europa com todos os seus confrades.

Falhou a tentativa do Haiti. Choque doloroso para Tisserant e Libermann. Deixai correr os anos... dias melhores hão-de despontar para o povo haitiano e para os filhos do venerável Fundador. Em 1871 lá se hão-de eles estabelecer definitivamente, no Superiorato geral do P. Schwindenhammer.

O continente africano Enfim, a primeira grande leva de missionários para a África.

Em meados de Dezembro de 1842, o P. Libermann desabafava com o P. Desgenettes, em Nossa Senhora das Vitórias: tinha em La Neuville sete missionários prontos para partir e não sabia para onde os mandar.

— Padre, estou muito embaraçado.

— Porquê?

— Falta-nos a terra.

— Quer dizer que lhe falta dinheiro?

— Não, não é isso: a Santíssima Virgem ajuda-nos, o dinheiro não tem faltado. Mas... não sabe-

mos para onde ir; de todos os lados nos fecham as portas.

Era a realidade nua e crua. Os Missionários do Coração de Maria não tinham ainda uma Missão que fosse sua. O Superior Geral da Congregação do Espírito Santo ([48]) reivindicava o privilégio exclusivo de enviar missionários para as colónias francesas. Haiti era o que se viu atrás.

O P. Desgenettes consolou-o o melhor que pôde. Deixemos falar Libermann. «Não tinha pròpriamente necessidade de consolação. Apesar do apuro em que me via, com os missionários impacientes, que podiam desanimar por terem de esperar indefinidamente, não estava inquieto. Meu espírito voltava-se incessantemente para o Sagrado Coração de Maria e meu coração enchia-se de calma e de segurança. Estava certo de que não tardaríamos a ter uma Missão... *O Coração de Maria preparava-nos um campo de apostolado*».

Assim era. Mons. Eduardo Barron, Vigário Apostólico das *Duas Guinés* ([49]), percorria a França à

([48]) Fundada em 1703. No capítulo seguinte far-lhe-emos larga referência.

([49]) A expressão *Duas Guinés* correspondia mais ou menos à actual distinção entre África ocidental francesa e África equatorial francesa, que as antigas correspondências chamavam Guiné superior e Guiné inferior. Caiu em desuso.

procura de missionários para o seu vicariato. Para contrabalançar a acção dos numerosos missionários protestantes que da América tinham seguido para a jovem república da Libéria, o zeloso Prelado tinha apenas um sacerdote, irlandês da América, como ele. No dia 18 de Dezembro foi a Nossa Senhora das Vitórias recomendar o assunto às orações da Arquiconfraria. Desgenettes lembrou-se naturalmente do desabafo de Libermann. Este, chamado a Paris, teve uma entrevista demorada com Mons. Barron. Os sete missionários partiriam para a Guiné, o continente africano ficaria a ser o campo de acção principal dos missionários do Sagrado Coração de Maria.

Mons. Barron esteve em La Neuville e fez várias palestras sobre a sua Missão, a religião dos pretos, as suas disposições, as suas necessidades de ordem física e moral, entusiasmando os noviços.

Fixara-se a partida para o mês de Março. Mas em Londres, um médico colonial sugeriu a Mons. Barron a conveniência de partir só em Agosto; o Cardeal Fransoni foi da mesma opinião.

Nos longos meses que precederam o embarque, Libermann revelou grande prudência, saber e vigilância em colher informações acerca do clima e de outros problemas referentes aos países tropicais. Não se exagera afirmando que parecia mãe previdente e carinhosa a preparar a longa viagem e separação de seus filhos. Não, o Superior dotado de invulgar

senso prático não ia lançar os súbditos numa aventura louca. Fez tudo quanto humanamente se podia para assegurar o êxito dessa heróica arrancada missionária. Se houve erros, é que as circunstâncias e as lacunas de informação os tornavam inevitáveis.

Enfim, no dia 13 de Setembro de 1843 embarcaram em Bordéus os missionários: Padres Bessieux, Régnier, Audebert, Roussel, Bouchet, Maurice e Paulo Laval ([50]). À última hora juntaram-se-lhes três auxiliares leigos, que não eram nem religiosos nem assalariados, mas voluntários que, a convite do P. Bessieux, aceitaram partir com os missionários, sem saber ao certo o que iam fazer nas Missões: Gregório Sey, João Fabé e André (de sobrenome incógnito). Gregório será mais tarde Irmão Auxiliar.

Lá vão eles, cheios de coragem e de fervor, a caminho da África, no veleiro *Deux Clémentines,* de 250 toneladas. Mons. Barron partirá só dois meses mais tarde. No noviciado de La Neuville rezava-se com ardor e esvoaçava a esperança entrecortada por vezes de sombrios pressentimentos.

([50]) Não confundir com Jacques Désiré Laval, apóstolo da Maurícia.

Hecatombe gloriosa Cinco longos meses se passaram sem notícias dos viajantes. Corriam rumores dum naufrágio. Em La Neuville começavam a inquietar-se. Até que no dia 1 de Março de 1844 chega uma carta de Mons. Barron, escrita da Goreia em 9 de Janeiro.

Fora previsto que os missionários se dividiriam em dois grupos: os Padres Régnier, Audebert, Laval e Maurice deviam desembarcar na Goreia e fundar a Missão do Senegal; os Padres Bessieux, Roussel e Bouchet continuariam a viagem até ao Cabo das Palmas para fundar a Missão da Guiné ([51]). Por um equívoco e má interpretação duma carta do P. Libermann, não se fraccionaram e foram todos desembarcar no Cabo das Palmas. A viagem fora penosa sobretudo desde a Goreia até ao Cabo das Palmas. Os padres Bouchet e Laval haviam tido febres mas lá estavam agora todos no Cabo das Palmas assistidos pelo P. Kelly, aquele sacerdote irlandês de quem acima falámos.

Estas as primeiras notícias, incompletas. Depois, espaçadamente, vão-se conhecendo os pormenores da grande tragédia.

([51]) *Goreia:* ilha situada na costa da Guiné, a 14° de lat. N. e 45° de long. O., a 3 km. da terra firme; com a fundação de Dacar, a Goreia decaiu, tornando-se refúgio de negreiros.

Cabo das Palmas: situado ao S. da república da Libéria e a NO. do golfo da Guiné.

Os dez viajantes foram quase se pode dizer encurralados numa sala do navio juntamente com grumetes e cães de bordo. Sempre fiéis aos exercícios de regra e cheios de zelo, catequizaram alguns marinheiros e levaram-nos, bem como a um 2.º oficial de bordo, a fazer a comunhão. No dia 10 de Outubro chegaram à Goreia, onde foram recebidos pelo padre indígena Fridoil, único sacerdote da paróquia. Após uma breve visita a Dacar, recolheram a bordo, donde não mais saíram, com medo das febres. O navio prosseguiu a sua rota, a 26 de Outubro, rumo ao Cabo das Palmas, onde desembarcaram no dia 30 de Novembro.

O P. Kelly não contava com tanta gente, mas recebeu-os fraternalmente e acomodou-os o melhor que pôde. Os missionários desde logo procuraram pôr-se em contacto com os nativos, organizaram uma grande procissão e entregaram-se ao estudo da língua indígena. Mas o sítio era insalubre, a estação a pior do ano, não havia médico. Inexperientes, continuaram a usar o chapéu e as roupas da Europa, praticavam largamente a mortificação e, apesar das provisões abundantes que o P. Libermann com solicitude maternal lhes fornecera, adoptaram o regime dos indígenas. Os resultados não se fizeram esperar. Um a um foram adoecendo gravemente.

O primeiro a sucumbir foi o P. Régnier, primeira vítima da nova Sociedade Missionária na redenção

da África infiel! Sentindo a aproximação da morte, escreveu este comovente e derradeiro adeus: «Digam à minha família e aos meus amigos que me sinto muito feliz por ter deixado tudo pelo nosso divino Mestre; se devesse recomeçar, gostosamente aceitaria ainda mil vezes o sacrifício; não trocaria a minha sorte por toda a felicidade do mundo». E ao morrer, ditou estas palavras para o Superior de La Neuville: «Coragem, querido Pai! Quando tudo parecer perdido, Maria mostrar-se-á: *sive vivimus, sive morimur, Domini sumus et Mariae!*» ([52]). Morreu no dia 30 de Dezembro.

O P. Kelly não pode mais e retira para a América.

Daquela esperançosa leva de missionários, que partiram de Bordéus no dia 13 de Setembro de 1843, apenas dois sobreviveram à hecatombe: o P. Bessieux e o Irmão Gregório. Era preciso que muitas vítimas fecundassem o solo africano, que muitos grãos de trigo morressem... para hoje podermos contemplar as searas loirejantes, as cristandades florescentes das terras da raça preta.

Desanimado, Mons. Barron pediu a demissão de Vigário Apostólico e regressou à América. Entretanto, os dois sobreviventes obtiveram passagem num

([52]) Na vida e na morte, somos do Senhor e de Maria.

navio francês e dirigiram-se para o Gabão, onde chegaram no dia 28 de Setembro de 1844. Por eles continuava assim a *Missão da Guiné* ([53]).

As notícias da tragédia demoraram muito a chegar a La Neuville. No dia 8 de Junho de 1844 recebeu Libermann a carta de 28 de Dezembro do ano anterior que noticiava a agonia do P. Régnier. Nove vezes escreveu aos seus filhos da costa da Guiné e todas as cartas se perderam. E só no dia 8 de Outubro recebeu a carta de Mons. Barron, datada de 7 de Agosto, em que lhe anunciava a consumação da catástrofe. Muitas missas se celebraram e muitas orações se fizeram pelos saudosos confrades; nesses sufrágios englobaram o P. Bessieux e o Ir. Gregório, dos quais não havia notícia. Três longos meses decorreram até chegar a boa nova de que eles viviam e trabalhavam com zelo no Gabão.

O desastre da primeira missão africana magoou profundamente o coração de Libermann. Mas não recuou nem arrefeceu no amor à África. «Oh! a infeliz Guiné! — exclamava. — Parece-me que a tenho toda dentro do coração! A desgraça destas pobres

---

([53]) Por este nome *Guiné* entendia-se, então, quase toda a costa ocidental e equatorial da África, mais precisamente todo o litoral desde Marrocos até Angola, de sorte que o Senegal e o Gabão, separados por dois mil quilómetros, formavam uma única Missão, na qual o Gabão era o único ponto ocupado.

almas esmaga-me. Será preciso abandoná-las?... — Oh! nunca. Morreria de dor. Estou persuadido de que os nossos missionários, que tão prematuramente tombaram no campo da luta, foram vítimas que Deus quis enviássemos àquelas terras para sobre elas atraírem as bênçãos divinas. Vi neste acontecimento uma marcha providencial. Todas as precauções tomadas resultaram inúteis. Desígnios da Providência!» Não se enganava.

Os noviços mostraram-se dignos de tal chefe. Todos à uma queriam partir para a Guiné. Preciso foi moderar-lhes o entusiasmo esquentado.

Mas Deus e a África infiel reclamavam mais vítimas.

Nova tentativa O P. Libermann recebera da Propaganda o encargo da Missão da Guiné e carta branca para nomear um Prefeito Apostólico. Resolve então mandar à Goreia segunda expedição missionária constituída pelo P. Tisserant, com o título de Prefeito Apostólico, pelos Padres Briot e Arragon e pelo Irmão Pedro, todos vindos da malograda Missão do Haiti. Uma das recomendações que os missionários levavam era de abrir uma escola para selecção de rapazes pretos que depois viriam fazer na Europa os estudos eclesiásticos. Persiste no ânimo do Fundador a ideia do clero indígena. Entendia, por então, que a África só poderia ser

eficazmente evangelizada e cristianizada pelos próprios africanos.

Os missionários embarcaram em Junho de 1845. O Prefeito Apostólico adoecera e só pôde partir em fins de Novembro, no navio *Papin.* Assaltado por violenta tempestade, o navio naufragou, a 7 de Dezembro, diante de Mogador. Pereceram metade dos passageiros. O P. Tisserant, uma das vítimas, portou-se heròicamente, consagrando os derradeiros instantes da vida a absolver os companheiros da desgraça e a baptizar um judeu que naquela hora suprema quis fazer-se cristão. Assim acabou os dias este missionário que o P. Libermann tinha na conta de um colaborador preciosíssimo. A substituir o P. Tisserant seguiu o P. Gravière.

E os missionários de Libermann estabeleciam-se sòlidamente na Goreia, entravam no continente, abriam uma residência em Dacar com uma estação agrícola e escola de artes e ofícios, irradiavam. Não foi pequeno o escândalo dos Padres indígenas e de Irmãos e Irmãs de Escolas, anteriormente lá estabelecidos, quando viram os novos missionários aprender a língua da terra! Eles serviam-se do francês em todas as circunstâncias, até para ensinar o catecismo...

Lá mais para o Sul, no Gabão, o P. Bessieux enraizava-se: fundava a residência, aprendia a língua indígena, compunha até um dicionário, catequizava,

fazia cristandade. Em Setembro de 1845 o venerável Fundador mandava-lhe dois confrades. Um deles, o P. Le Berre, ia dar um grande missionário. Homem de estudo, de paciência e de perseverança, depressa aprendeu com perfeição a língua e fez uma gramática, que ainda hoje se considera em dia.

Em cima e em baixo, pouco a pouco, os missionários iam ocupando o interior. A luz do Evangelho, a civilização cristã iam iluminando e transformando o continente negro.

Na Austrália Não queremos encerrar este capítulo sem uma breve referência à Missão da Austrália. A pedido de Mons. John Brady, Bispo de Perth, o P. Libermann aceitou abrir uma Missão na Austrália. Três Padres e dois Irmãos para lá seguiram em Setembro de 1845. Um deles, o P. Maurício Bouchet, morreu logo à chegada, Janeiro de 1846. Esta morte edificante impressionou vivamente os próprios protestantes, mas era de mau presságio e privava a Missão dum excelente obreiro.

Os outros dois Padres, Thévaux e Thiersé, mais os dois Irmãos mandou-os Mons. Brady, com carta de prego, para Albany, 400 quilómetros ao Sul de Perth. E — coisa incrível! — na carta de prego nomeava Superior um padre secular irlandês e limitava aos «nativos» a jurisdição dos Padres da Congregação. O P. Thévaux protestou respeitosamente, lem-

brando ao Bispo os compromissos tomados em La Neuville. Em vão. A viagem durou quinze dias, a pé, carga às costas, através de florestas. Tinha-lhes dito o Bispo que naquele «Vicariato» a erigir e a confiar à Congregação, havia cerca de 50.000 habitantes; ao cabo de várias excursões de reconhecimento averiguaram que não haveria mais de 400, em pequeninos grupos muito disseminados. As condições de vida eram as piores: reinava a miséria, a desordem, a vagabundagem.

Em Abril, o Bispo intima-os a deixar a cidade marítima de Albany e a «formar duas ou mesmo três comunidades no interior». Querem obedecer. Lá vão a pé, em viagens de reconhecimento, à procura do grande povoado que existia apenas na imaginação de Mons. Brady. O P. Thiersé adoece gravemente. O Ir. Teodoro não se adapta à vida de comunidade e separa-se. Estão reduzidos a três membros: dois Padres e um Irmão. E renova-se secamente a ordem episcopal: fundar duas, mesmo três comunidades!

Faltam os víveres e o dinheiro. O Bispo manda-lhes dizer que não tem com que os ajudar e com injustiça flagrante censura-os de nada terem feito. O P. Thévaux pede emprestados ao capitão dum veleiro francês 300 francos. O capitão, comovido, empresta-lhes o dinheiro e dá-lhes uns 90 quilos de farinha, bolachas e conservas. O P. Libermann chora ao saber da modicidade do empréstimo feito em seu

nome por estes pobres filhos perdidos em tão longínqua paragem...

De Perth apenas chegava mais uma vez a ordem de marcharem para o interior. Em meados de Outubro lá vão eles; caminham três dias a pé, abatem árvores e fazem uma casa de madeira, que é benzida no Natal de 1846 com o nome de comunidade de Santa Maria. A miséria cresce. A ementa esteve muito tempo reduzida a rãs cozidas e erva pilada. A Propagação da Fé mandou 24.000 francos ao Bispo; 3.000 eram para os Padres do Sagrado Coração de Maria: nada receberam! O P. Thévaux queixa-se discreta e respeitosamente. O Bispo suspende-o.

Impossível se tornava a continuação dos missionários na Austrália. Com grande desgosto a deixaram, partindo para a Maurícia. Assim acabou a Missão efémera da Austrália [54].

Os Padres Thévaux e Thiersé fizeram, na Maurícia, longa e brilhante carreira missionária, sendo bons colaboradores e continuadores da obra do santo Padre Laval.

---

[54] Acrescente-se, de passagem, que também os outros missionários, seculares e religiosos, acabaram por abandonar Mons. Brady, uns antes, outros depois dos filhos de Libermann e que a Santa Sé o convidou a pedir a demissão.

A CATEDRAL DE DACAR

IX

UM GRANDE MISSIÓLOGO

Novas casas Os vazios que deixava em La Neuville a partida dos missionários logo se enchiam com novas vocações, padres ou seminaristas adiantados nos estudos e alguns leigos.

E começou, ao lado dos clérigos, a obra dos Irmãos coadjutores, que o P. Tisserant achava indispensáveis «como agentes dos negócios exteriores e encarregados do material» e o P. Le Vavasseur muito úteis «para instruir os catecúmenos idosos e moribundos, a fim de deixar tempo aos missionários». O P. Libermann determinou que os Irmãos teriam votos e plena participação na vida da Congregação, mas que formariam, desde o noviciado, um grupo à parte dos clérigos com exercícios apropriados à sua vocação e emprego.

De Janeiro a Outubro de 1844 entraram em La Neuville 24 novos, dos quais onze Irmãos. Como

chegassem alguns noviços não padres, criou-se para eles um curso de estudos, prelúdio do futuro Escolasticado Maior. Esta secção foi confiada ao P. Schwindenhammer e ao P. Thévaux.

O berço da Congregação tornava-se estreito de mais. À medida que esta crescia em número de membros, forçoso era também que se alargasse em número de casas. Em Agosto de 1846 comprou-se uma casa na cidade de Amiens: em Outubro estava cheia. Preciso foi comprar a Abadia de Nossa Senhora do Gard, antigo mosteiro de cistercienses, 16 quilómetros a Oeste de Amiens, e logo aí se instalaram 28 estudantes de teologia e de filosofia, sob a direcção do P. Schwindenhammer Os noviços, que eram então nove, ficaram em Amiens com o P. Libermann. Duas vezes por semana costumava ele visitar os seus filhos do Gard.

A casa de La Neuville, berço da Congregação, vendeu-se para se poder adquirir o imóvel do Gard. Pouco depois abria a Procuradoria das Missões em Bordéus.

Libermann na intimidade O Fundador multiplica-se dentro e fora de casa. Todos se admiram de como ele pode tanto! Vivendo a 40 léguas de Paris, trata com Roma e com os Governos, conferencia com o Núncio e com os Ministros, recebe contìnuamente pessoal da casa e de

fora, mantém numerosa correspondência de direcção espiritual, desce até às miudezas da cozinha, do vestiário e do quintal.

Eis, por exemplo, como ele fala da capela de La Neuville numa carta ao P. Bessieux: «...É bela e brilhante. Pobres como somos, devíamos fazer coisa mais simples: verdade é que fui surpreendido pelo bravo P. Warlop que encarreguei do trabalho e dos planos ([55]). É arquitecto, ama demasiadamente o belo e o brilhante: apanhou-me e parece não ter remorsos. Por cima da capela temos um andar com quartos bem bons e por baixo do tecto mansardas: ao todo, 25 quartos. Esta construção em tejolo, muito sólida, custou-nos 34.000 francos. A Boa Mãe pagou-a».

Ao P. Le Vavasseur: «Falei na *Carta Comum* das nossas necessidades ([56]). São reais: temos um *déficit* de alguns milhares de francos. Não me inquieto: a Boa Mãe não nos deixará abrir bancarrota. Todavia, se puder vir em nosso auxílio, bom é. Poderia, por exemplo, mandar-nos honorários de missas... e dizer ao P. Laval que nos mande também, se tiver em demasia... O P. Tisserant já prometeu mandar...»

([55]) O P. Warlop, antigo sargento de sapadores, foi a primeira vocação belga da Congregação.

([56]) A «Carta Comum» *(Lettre Commune)* era uma circular enviada periòdicamente aos missionários dispersos, que se transformará depois no Boletim Mensal *(Bulletin Mensuel)*.

E desce, bem humorado, a pormenores domésticos: «Vivemos, não miseràvelmente, mas mediòcremente... De manhã, pão e vinho com água; de inverno, sopa quente sem pão. Ao meio-dia: sopa, cozido ou outra carne, legumes e sobremesa; à noite, batatas ou outro prato de legumes ou salada e sobremesa. Bebe-se com abundância: um terço de vinho, dois terços de água, ou cidra. Cozemos pão no sábado para toda a semana. Não morreremos de fome este ano: temos trigo e batatas até à próxima colheita; o quintal deu-nos mais de 700 cestos e não vendemos nada.

Cevamos três porcos... Temos três vacas que nos dão leite e ainda fornecem estrume gratuitamente... umas quarenta galinhas e pombas: estas últimas quase não pagam a pensão! Temos um cavalo: quanto a mim, um burrico bastava, mas outros entendem que não. Temos vinho para mais dum ano, mas ainda não está pago».

A sua correspondência é o espelho da sua vida: um homem que pensa em tudo, cuida de tudo ao mesmo tempo. Entende da criação e da quinta, da cave e da lavandaria.

Mas ao cair da noite, na conferência quotidiana, transfigura-se. Os seus comentários da regra são duma doutrina tão elevada, tão pura e tão profunda que os noviços lhe apreendem fàcilmente o espírito sem poderem tomar apontamentos, tal é o seu acento

pessoal. Os assuntos de meditação recolhidos pelo P. Lannurien são temas de muita luz, duma claridade diáfana. E lembrar-se a gente de que «o mais pequenino assunto de meditação lhe custava, por vezes, três horas de esforço cruel!»

A sua terrível doença evoluía. As crises espaçam-se mais e mais; sucede-lhes uma enxaqueca crónica que frequentemente lhe altera o rosto. Em 1845 precisou pedir um indulto para celebrar sempre a Missa *de Beata,* não por motivo de cegueira, mas porque lhe era penosíssimo ler no Missal. Em certos dias é-lhe intolerável o jejum eucarístico. Deus é para com ele avaro em consolações espirituais sensíveis.

Contudo, sempre um anjo e apóstolo da paz. Em Setembro de 1846 foi ele ao convento das Irmãs de Nossa Senhora da Conceição de Castres visitar a Madre Maria de Vilanova e algumas Irmãs que para lá tinha mandado a fim de as preparar para as Missões de África. Ia só. Entrou na sala de comunidade e saudou as Irmãs desejando-lhes a paz. E falou-lhes da paz, da verdadeira paz interior, não uma paz sensível e agradável, antes pelo contrário nunca isenta de tentações e provações.

A conversa prolongou-se depois no locutório: «Minhas Irmãs, como vedes, ando de viagem e só com esta batina suja e rota. Queria que ma arranjásseis, mas é preciso fazê-lo sem eu a tirar». Assistiu-se

então a uma cena engraçada: o Padre no meio da sala com duas ou três Irmãs ajoelhadas à sua volta, atarefadas a coser e a limpar-lhe a batina, enquanto outras, no papel de Maria, estavam muito quietinhas a ouvi-lo falar de Deus. E ninguém teve vontade de rir. Tudo era natural, simples e profundamente edificante.

Viagem de recrutamento Os meses de Maio e Junho de 1846 passou-os o P. Libermann a percorrer grande parte da França, nomeadamente a Alsácia, não em viagem turística mas sim de propaganda e recrutamento. Levou como companheiro o P. Blampin que voltara de Bourbon completamente afónico. Fez conferências em diversos seminários. Quase por toda a parte foi acolhido — ele e a sua obra — com simpatia e entusiasmo. Foi frutuosa esta jornada de propaganda. Nos seminários ficaram a ser mais conhecidas as Missões Africanas, a Congregação do Sagrado Coração de Maria e as suas necessidades. Alguns padres, entre os quais o P. Kobès, futuro Vigário Apostólico da Guiné, e o P. Melchior Freyd, futuro Superior do Colégio Francês em Roma, e muitos seminaristas ouviram o apelo do *Judeu Salvador da Raça Preta* e autorizados pelos seus Bispos foram povoar La Neuville. Custosa jornada em morosas e nauseabundas diligências coroada de êxito!

De novo em Roma No dia 4 de Julho está em Roma. A extensão e intensificação das obras missionárias suscitavam novos problemas a que era preciso dar solução. Esclarecido pela experiência dos seus missionários de Bourbon, da Maurícia, de Dacar e do Gabão, Libermann estudava esses problemas e preparava a solução. Impunha-se marcar os limites da Missão da Guiné, estatuir a sua organização e as relações entre os Vigários Apostólicos e o Superior da Congregação. Tudo isto seria objecto dum Memorial a apresentar à Sagrada Congregação da Propaganda. Era o que Libermann fazia nesta segunda viagem a Roma.

O Memorial estava pronto no fim de Julho. Alguém lhe chamou a carta magna das Missões Africanas daquela época ([57]). Foi entregue à Propaganda no dia 15 de Agosto de 1846, acompanhado duma carta.

Toma a defesa da raça preta contra os esclavagistas; reivindica para ela o direito à Redenção, comum a toda a humanidade. Encara de frente as dificuldades dos defeitos da raça, do clima, da poligamia dos chefes, da propaganda protestante... e responde às objecções malévolas e derrotistas.

Aponta em seguida os meios a empregar para a

([57]) P. Maurice Briault, *Le Vénérable Père Libermann*, pág. 207.

organização sólida, estável e permanente das Missões. Uma frase a registar: «Não pretendemos solicitar uma organização completa. Propomos tão sòmente medidas que convêm ao estado actual das coisas e que julgamos absolutamente necessárias para firmar a nossa Missão em bases sólidas, estáveis e tendentes a dar-lhe, com o tempo, a forma regular das outras Igrejas». Há mais dum século, sem ler tratados de Missiologia que não existiam, Libermann entrevia claramente a finalidade das Missões: plantar a Igreja, organizá-la com todos os elementos vivificantes, em terras infiéis; via essa finalidade e adoptava os meios de a realizar.

Meios principais que aponta: escolas e internatos com instrução rudimentar e primária completa e trabalhos agrícolas para sustentação do pessoal e exemplo dos outros; formação de professores, catequistas, agricultores, artistas e de clero indígena depois de aturada preparação. Há mais dum século, exalta o elemento civilizador das Missões. Frases a reter: «Cremos que a Fé não poderá tomar uma forma estável entre estes povos, nem as Igrejas nascentes um futuro assegurado, sem o concurso da civilização aperfeiçoada até certo ponto... Chamamos civilização aperfeiçoada a que tem por fundamento, além da religião, a ciência e o trabalho». «Por outro lado, a civilização é impossível sem a Fé. Eis a tarefa, o dever sagrado do missionário: trabalhar, não sòmente

na parte moral, mas também na parte intelectual e física, isto é, na instrução, na agricultura e nas artes e ofícios. Só ele, pela sua autoridade sobrenatural de enviado de Deus, pela sua caridade e zelo sacerdotal, é capaz de produzir um efeito completo».

Passa depois às relações que devem existir entre «o Bispo, chefe dos missionários na sua qualidade de missionários, e os superiores religiosos, chefes dos missionários na sua qualidade de membros da Comunidade». «Devem portanto fixar regulamentos para conciliar estes dois interesses, mantendo em toda a integridade o poder do Bispo na sua Missão e dando também à Comunidade as garantias suficientes para a conservação das suas regras e do seu espírito» e bem-estar material conveniente. Este capítulo compreende dois artigos: 1.º *Regulamentos para as relações do Bispo com os missionários;* 2.º *Administração do temporal.* Muitas das suas sugestões ainda hoje conservam actualidade. Libermann é o homem das realidades, de tacto administrativo e bom canonista.

Trata, finalmente, da organização da Missão da Guiné em especial. Depois de alguns dados topográficos e etnográficos, remata com dois pedidos bem documentados: 1.º *a determinação dos limites da Missão:* os Missionários precisavam saber até onde se estendia a sua jurisdição, para evitar desaguisados e conflitos com os Missionários do Espírito Santo que

tinham uma Prefeitura Apostólica no Senegal; 2.º para já, *um Vigário Apostólico revestido do carácter episcopal com residência em Dacar,* onde ficaria a missão e escola central. Com o tempo, outros poderiam ser nomeados.

Aí fica um pálido resumo do Memorial apresentado à Sagrada Congregação da Propaganda na festa da Assunção de Nossa Senhora de 1846. Libermann afirmou-se clarividente, audaz, genial (sem hipérbole) neste trabalho. Quem até então vira, como ele, os problemas missionários? Lançou as ideias-mestras, que ficarão para sempre de pé. Foi um grande organizador, um missiólogo emérito. Cabe-lhe bem o epíteto de «Salvador da Raça Preta» e de criador do apostolado africano moderno.

O primeiro Bispo da Congregação

O P. Libermann apresentara à Propaganda três candidatos da sua Congregação ao Vicariato Apostólico da Guiné: os Padres Truffet, Boulanger e Gravière. Em carta datada de 28 de Dezembro de 1846, que chegou a La Neuville no dia 6 de Janeiro seguinte, o Cardeal Fransoni comunicava-lhe que a Santa Sé nomeara o P. Truffet *Vigário Apostólico da Missão das Guinés* e *Bispo titular de Calípolis.* Como pedira Libermann, o Vicariato estendia-se desde Dacar até à jurisdição do Bispo de

Angola e Congo, exceptuando a jurisdição do Bispo de Cabo Verde (arquipélago de Cabo Verde e Guiné Portuguesa).

Mons. Estêvão Maurício Bento Truffet era originário da diocese de Chambéry, tinha 34 anos, era padre há doze, tinha sido professor no Seminário de Pont-de-Beauvoisin, entrara no noviciado a 10 de Janeiro de 1846. Piedoso e culto, poeta de inspiração religiosa nas horas vagas, gozava de boa reputação.

Foi sagrado em Nossa Senhora das Vitórias, no dia 25 de Janeiro de 1847. Embarcou em Bordéus no dia 15 de Abril com seis confrades: 3 padres, 1 subdiácono e 2 minoristas que mais tarde serão ordenados em Dacar. Desembarcou na Goreia em 5 de Maio e três dias depois foi calorosamente recebido em Dacar pelos pretos. Foi breve o seu episcopado. Vitimado pelo excesso de penitência e por uma febre perniciosa, expirou no dia 23 de Novembro de 1847. A África infiel parecia insaciável de vítimas... Mas estas mortes prematuras serviram também para dar aos missionários um pouco de experiência: paulatina e progressivamente foram aprendendo que a África não era a Europa e que não se deve levar longe demais o princípio de «se fazer preto com os pretos», até na habitação e na comida, como foi norma de alguns missionários e do próprio Mons. Truffet.

Era grande a desolação. Espíritos mais timoratos julgavam a Missão condenada a um fracasso. Profundamente amargurado, mas humilde, resignado, confiante, o Fundador levanta os ânimos: «Não desanimeis. Recobrai ânimo. Nosso Senhor quis mostrar que faz o que quer e não tem necessidade de ninguém... A nossa obra exige vítimas e vítimas de amor! Levando Mons. Truffet, Deus fez o que quis fazer e os seus desígnios são de misericórdia e não de justiça». Mas vai recomendando prudência, condenando excessos de zelo. A experiência virá, «a experiência que não pode ser suprida nem pela santidade, nem pela virtude duma alma ardente», como escreveu Libremann, e a Missão sobreviverá e crescerá com esplendor.

AS ARMAS DA CONGREGAÇÃO

X

A CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO E DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA

(1848)

Os filhos do Venerável Padre Francisco Maria Paulo Libermann chamam-se hoje, por toda a parte, Padres do Espírito Santo ou Espiritanos. Não era assim no princípio; a fundação do P. Libermann era, como vimos, consagrada ao Sagrado Coração de Maria. Regularmente deviam chamar-se: *Padres do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria,* a lembrar que as duas Congregações — do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria — foram reunidas, fundidas numa só, em 1848. Por amor da brevidade é que se diz simplesmente: Congregação do Espírito Santo e Padres do Espírito Santo ou Espiritanos,

Congregação do Espírito Santo A Congregação do Espírito Santo (nos primeiros tempos dizia-se Seminário do Espírito Santo) foi fundada em Paris, «nas festas do Pentecostes» de 1703 (27 de Maio), por um estudante bretão, Cláudio Francisco Poullart des Places, que se formara em Direito e seguia então a carreira eclesiástica. Inicialmente o fim da Congregação era educar e sustentar estudantes pobres capazes de virem a ser pastores úteis na Igreja de Deus em ministérios humildes, nos postos mais abandonados.

Poullart des Places morreu a 2 de Outubro de 1709, em odor de santidade: tinha 30 anos; havia dois que fora ordenado. Foi durante o superiorato do P. Luís Bouic, segundo sucessor de Poullart des Places (1710-1763), que a Congregação se organizou: ganhou simpatias, adquiriu imóveis e recursos e obteve a aprovação régia (2 de Maio de 1726, renovada em 17 de Dezembro do mesmo ano e confirmada em 14 de Abril de 1733). As Constituições rudimentares deixadas por Poullart des Places receberam do P. Bouic a redacção definitiva e mereceram a aprovação canónica do arcebispo de Paris em 2 de Janeiro de 1734.

A Congregação era *consagrada ao Espírito Santo sob a invocação da Bem-Aventurada Virgem Maria concebida sem pecado:* os membros deviam honrar muito especialmente o Espírito Santo e a Imaculada

Conceição, a fim de merecer a Sua protecção e de alcançar a santidade, a força, a bondade e a pureza angélica. Alargava-se o fim do Instituto: *educar clérigos pobres, prontos a aceitar, a escolher de preferência e a amar de todo o coração os postos eclesiásticos mais modestos e laboriosos para os quais difìcilmente se encontravam ministros.* E especificava-se: *Pauperibus et etiam Infidelibus Evangelizare:* a evangelização dos pobres, as Missões em países infiéis ficariam para sempre atributo dos Padres do Espírito Santo. Os membros obrigavam-se à vida religiosa e comum, à prática da pobreza, castidade e obediência, embora sem votos públicos.

Os membros da Congregação recrutavam-se entre os melhores alunos e recebiam o nome de directores ou *associados.* À morte do Fundador, os alunos eram 60; com o P. Bouic chegaram à centena. Cedo, o rei e os bispos começaram a apreciar os padres formados no Seminário do Espírito Santo e a utilizá-los, com grande proveito das almas, nos mais variados serviços: vemo-los nos hospitais, nas paróquias abandonadas, nos vicariatos, nas missões rurais; o Cardeal de Bissy, bispo de Meaux, e o bispo de Verdun entregaram, em 1736, aos Padres do Espírito Santo a direcção dos seus seminaristas ([58]).

([58]) H. LE FLOCH, *Poullart des Places,* Paris, 1906, pág. 399.

Vemo-los também a *evangelizar os infiéis* no Canadá, no Tonquim e na China. Logo a seguir, no superiorato do P. Francisco Becquet (1763-1788), as missões das colónias francesas tornam-se a obra principal da Congregação: os missionários do Espírito Santo correm a Saint Pierre et Miquelon, à Guiana Francesa, ao Senegal e à Goreia.

Quanto à educação ministrada no Seminário do Espírito Santo, o melhor elogio que se lhe pode tecer é que, de 1730 a 1750, foi alvo, na pessoa dos directores e alunos, do ódio, da perseguição, das calúnias mais soezes e violentas dos jansenistas. Porquê esta guerra sem tréguas? Porque os Padres do Espírito Santo ensinavam e defendiam com todas as veras a sã doutrina e a fidelidade inquebrantável à Igreja e ao Papa. Pureza de doutrina, lealdade e amor indefectível a Roma será sempre a linha de conduta seguida pela Congregação: resistiu ao jansenismo, como oporá um dique impenetrável ao galicanismo e à *constituição civil do clero:* nem um *apelante* nem um *ajuramentado.*

Ruínas Estava a Congregação a desenvolver-se como árvore viçosa quando estalou a Revolução Francesa (1789). Era então Superior Geral o P. João Maria Duflos (1788-1805). O Seminário foi confiscado e a Congregação suprimida pela Assembleia legislativa em 18 de Agosto de 1792.

Os membros dispersaram-se, alguns sofreram a prisão e o exílio. É novamente reconhecida por Napoleão Bonaparte em 23 de Março de 1805, no superiorato do P. Jacques Bertout (1805-1832), para quatro anos mais tarde ser outra vez suprimida por decreto do mesmo Imperador em guerra com Pio VII; até que, no reinado de Luís XVIII, por decreto-lei de 3 de Fevereiro de 1816 lhe foi dada *existência legal* e *personalidade civil e jurídica.* Mas só em 1822 lhe foi restituído o imóvel do Seminário. Foi então a Congregação oficialmente encarregada pelo Governo francês, de acordo com Roma, do serviço missionário de todas as colónias francesas.

Por decreto de 12 de Janeiro de 1824 a Santa Sé aprovou e confirmou as Regras declarando-as «cheias de prudência, de sabedoria, de inteligência, muito aptas a formar excelentes ministros do santuário». Por este facto a Congregação tornou-se um Instituto de direito pontifício, dependendo da Propaganda no que diz respeito às Missões.

Estava a Congregação a levantar-se das ruínas da Revolução Francesa, tinha já cerca de 100 alunos, entre seminaristas menores e maiores, quando rebentou a revolução de Julho de 1830. O Seminário foi invadido e saqueado, os subsídios retirados. Sobreveio, depois, em 1832, a peste da cólera-morbus e o Seminário transformou-se em hospital militar. No meio de tantos contratempos morreu o Geral

P. Bertout acabrunhado de desgostos, deixando a Congregação em estado muito precário: ficavam apenas dois associados-directores, os Padres Fourdinier e Hardy.

Jacques Fourdinier, eleito Geral (1832-1845), conseguiu reaver em 1835 o edifício do Seminário e um subsídio do Estado. O Ministro da Marinha escrevia-lhe em 22 de Novembro de 1839: «O Seminário do Espírito Santo é hoje a única Congregação que, pelo fim da sua instituição, se encontra em estado de formar e fornecer eclesiásticos recomendáveis não só por bons estudos e costumes puros, mas por uma vocação marcada, por um zelo cuidadosamente esclarecido acerca do regime especial dos países onde devem exercer o sagrado ministério e enfim pela unidade de doutrina que todos lá devem professar. A vós, portanto, é exclusivamente entregue a instrução, a escolha e a direcção geral dos padres chamados a trabalhar na obra laboriosa e delicada da moralização dos pretos nas colónias».

Os padres, sobretudo os padres bons, rareavam nas colónias, e tão precisos eram naqueles tempos em que se estava a proceder à emancipação dos escravos! O Governo insistia com o Geral do Espírito Santo para que mandasse muitos padres. Mas ele não os tinha. Fatal e triste resultado do jacobinismo revolucionário! Dirigiu um apelo às dioceses de França; estas, em período de reconstrução, não ce-

diam os melhores para as colónias... e alguns desses recrutas lançaram o descrédito sobre a Congregação.

O P. Fourdinier concebeu um projecto que em consciência julgou ser meio eficaz de salvar a Congregação, aumentando o número de associados-directores, e de levar «a instrução cristã aos negros escravos criados, como os Brancos, à imagem de Deus, e resgatados pelo sangue do Salvador»: incorporar na Congregação todos os padres que ele e o seu antecessor tinham enviado para as colónias. O Governo favorecia-o, a Propaganda aprovava-o, mas os Prefeitos Apostólicos e a maioria do clero colonial opuseram-se-lhe e o projecto foi abandonado. Fourdinier morreu deixando a Congregação na agonia. O P. Nicolau Warnet, antigo missionário de Bourbon, aceitou a sucessão provisòriamente (7 de Janeiro a 26 de Abril de 1845). Foi preciso recorrer a um estranho, o P. Alexandre Leguay, vigário geral de Perpignan, para encontrar sucessor.

O P. Leguay (1845 — 2 de Março de 1848) tentou reorganizar o Seminário e ressuscitar o projecto falido de Fourdinier com algumas emendas. As tentativas goraram e ele pediu a demissão.

Iria morrer a Congregação do Espírito Santo, decorrido quase século e meio de existência? Não. O Coração de Maria, por intermédio do P. Libermann, ia salvá-la, vivificá-la, injectando-lhe sangue novo.

Tentativas de união Já em 1840, quando Libermann estava em Roma a tratar da fundação da «Obra dos Negros» (Congregação do Sagrado Coração de Maria), lhe haviam sugerido a ideia de a agregar à Congregação do Espírito Santo, a única que enviava missionários para os países de raça preta. Esta ideia vem expressa no Memorial de 11 de Março entregue à Propaganda. Libermann via poucas possibilidades de união, mas não deixou de tratar do assunto, encarregando dele o sulpiciano P. Pinault, que teve algumas entrevistas com o Geral do Espírito Santo, Jacques Fourdinier: os missionários do Coração de Maria ficariam ao dispor do Geral do Espírito Santo, mas conservariam as suas regras e escolheriam entre si um Vigário, com o qual exclusivamente se entenderiam e que seria junto deles o representante do Geral do Espírito Santo.

Fourdinier começou por considerar este projecto como uma fantasia de rapazes, mas oferecia a Libermann as Missões de Caiena e da Guiana Francesa. A oferta não lhe sorriu: era uma série de paróquias distantes umas das outras, em que difìcilmente se poderia salvaguardar a vida de comunidade. Libermann não queria os seus missionários párocos; queria-os missionários, sim, mas religiosos com vida comum, pobres e servos dos mais pobres.

Por aqui se ficou o projecto de união de 1840. Mas Libermann nunca o perdeu de vista. Era um homem que via longe e previa as dificuldades que, com o rolar dos anos, se iam levantar entre os dois Institutos.

Estas começaram a aparecer em 1842, com a partida do P. Le Vavasseur para Bourbon e com a chegada do P. Tisserant à Martinica; avolumaram-se em 1843, quando do embarque dos primeiros missionários do Coração de Maria para a Guiné; e atingiram o ponto nevrálgico, em 1845, quando Libermann, fortemente apoiado pelo Núncio Apostólico de Paris e com plena aprovação da Propaganda, tomou à conta da sua Congregação a Prefeitura Apostólica da Guiné. O P. Fourdinier opunha-se tenazmente à presença dos «homens de Libermann» nas colónias que olhava como campo exclusivo dos seus, dos seus — ai! — que eram quase nenhuns.

Era necessário, urgente um *modus vivendi* entre os dois Institutos. Este *modus vivendi,* que a Santa Sé desejava e aconselhava, foi objecto do pensamento e do estudo de Libermann durante anos ininterruptos. O assunto era de capital importância, uma questão de vida ou de morte. As rivalidades que inevitàvelmente iam surgindo entre os missionários dos dois Institutos, frente a frente no mesmo campo de acção, acabariam por enervar os ânimos e esterilizar o apostolado. Desunidos, era a guerra e a morte; unidos,

era a garantia de vida perene e dum apostolado magnífico.

Se, por um lado, a Congregação do Espírito Santo possuía a preciosa vantagem da aprovação legal civil e canónica, por outro lado debatia-se em anemia extrema: por morte de Fourdinier (5 de Janeiro de 1845) restavam-lhe apenas três membros; o Governo reclamava missionários que justificassem, em número e qualidade, as despesas orçamentais com eles feitas, e nem o P. Fourdinier nem o P. Leguay que lhe sucedeu os tinham. A Nunciatura de Paris não podia cruzar os braços por mais tempo; superior a questões sentimentais e considerações dum passado histórico, procurava uma solução: queria a todo o custo entregar ao Coração de Maria o Seminário do Espírito Santo ([59]).

À Congregação do Coração de Maria faltava ainda a aprovação civil e canónica, mas estava pujante de vida: o noviciado em crescimento normal, vocações consideráveis pelo número e pela qualidade, formação muito boa, a todos animava aquele espírito de fervor e zelo apostólico próprios da primavera das fundações.

Parecia lógico, natural, simples que as duas Con-

([59]) *Notes et Doc., VII:* carta de Libermann a Schwindenhammer, 6-2-1845.

gregações entrassem em acordo e se unissem. Libermann trabalhava nesse sentido, não se detendo no caminho eriçado de espinhos. Quem se der ao cuidado de ler toda a sua correspondência referente ao assunto, cartas ao Ministro da Marinha, cartas à Sagrada Congregação da Propaganda, cartas aos seus confrades, e tomar conhecimento das entrevistas que realizou, sentirá profunda admiração por esse homem extraordinário, de visão superior, diplomata genial e incansável, mas sempre liso, sincero, sobrenatural. As dificuldades eram «imensas», não tinha ilusões, confessava-as singelamente; mas via também as «grandes vantagens» da união.

Ao Ministro da Marinha escrevia ele em 7 de Fevereiro de 1845: «Tive sempre a persuasão de que a obra do Espírito Santo não podia satisfazer às necessidades mais urgentes dos povos em favor dos quais foi fundada. Tal como existe, não pode prover à moralização dos pretos das nossas colónias. A experiência não dá lugar a dúvidas, e a razão mostra claramente que o Espírito Santo, dando apenas párocos aos países coloniais, limita a sua influência quase exclusivamente aos Brancos, estendendo-se a um número insignificante de Pretos.

Para mais, o estado de sofrimento em que de há muito se encontra esta piedosa sociedade tornou quase inútil, e até muitas vezes nocivo, o zelo dos

seus membros. Estas desgraças, toda a gente as conhece, como toda a gente sabe que o Espírito Santo está impossibilitado de remediar a situação no futuro. A sua posição actual incapacita-o de sustentar a sua obra, e o descrédito em que infelizmente caiu, afastando dele os eclesiásticos generosos e verdadeiramente desinteressados, coloca-o na impossibilidade de se levantar da sua queda».

E propõe o remédio: «O meu projecto era reunir a nossa Sociedade à do Espírito Santo, formar uma só e mesma Sociedade, a fim de trabalhar de concerto na obra da moralização das colónias. Esta reunião daria os mais felizes resultados... Uma vantagem imensa que a obra colonial colheria desta reunião, era a de se tornar uma obra completa. Os pretos ficarão sempre abandonados, se lhes não dermos homens completamente abnegados, única e totalmente dedicados ao bem moral e religioso das suas almas. Tudo isto encontrarão nos nossos missionários: haja em vista os sucessos obtidos em Bourbon... Enfim, proporei a V. Ex.ª uma última consideração em favor da reunião das duas Sociedades: a facilidade que ela nos daria de levar o facho da fé e da civilização aos povos das costas de África. Podíamos assim alimentar as mais belas esperanças de realizar um dia os nossos projectos relativos às escolas de agricultura, de artes e ofícios, único meio eficaz de implantar a civilização cristã nesses países».

Ao P. Schwindenhammer escrevia em 24 de Fevereiro: «A reunião com o Espírito Santo preocupa-me...; quanto mais avanço mais vejo grandes dificuldades... Confesso-vos que me custa infinitamente procurar a destruição do Espírito Santo para nos colocarmos em seu lugar. Custa tanto construir sobre as ruínas de outrem! Mas, considerando tudo, da reunião das duas Congregações resultariam grandes vantagens. A obra do Espírito Santo e a nossa obterão resultados mais fáceis, mais sólidos, mais extensos e mais completos... A reunião completaria a obra do Espírito Santo e favoreceria a nossa. Estando separados, os senhores do Espírito Santo farão sempre a maior oposição às nossas operações; procurarão entravar-nos em todo o sentido, conseguirão o seu intento numa multidão de circunstâncias, privar-nos-ão do concurso do Ministério. Reunidos, teremos todos os meios que a nossa Congregação encerra, não teremos já nenhum obstáculo e teremos todas as facilidades para executar os nossos projectos; teremos o auxílio do Ministério e, outra vantagem ainda, seremos uma Congregação aprovada pelo Governo...».

Toda a boa vontade e todos os esforços do P. Libermann esbarraram contra um conjunto de circunstâncias que seria longo enumerar e as negociações

para a união foram suspensas. Não soara ainda a hora providencial.

A fusão Essa hora chegou em 1848. A revolução de Fevereiro aniquilara todas as tentativas de restauração empreendidas pelo P. Leguay. Em 2 de Março era eleito Superior Geral o P. Alexandre Monnet, que fora Vice-Prefeito em Bourbon, afamado negrófilo naqueles agitados tempos da emancipação. Em Bourbon mantivera relações amistosas com o P. Le Vavasseur e os outros missionários do Coração de Maria. Era homem de zelo e de acção, mas não de governo mormente na situação delicadíssima em que se encontrava a Congregação do Espírito Santo. Apareceu-lhe então a Congregação do Coração de Maria como a tábua de salvação, a arca de Noé que havia de salvá-la do naufrágio iminente e total. E o P. Monnet, primeiro por escrito, depois por intermédio do P. Loevenbruck, entrou em negociações com o P. Libermann a fim de estudarem o problema da fusão.

Numa conferência realizada em Paris, no Seminário do Espírito Santo, em 10 de Junho de 1848, vigília do Pentecostes, ficou assente a fusão das duas Congregações.

A maioria dos membros da conferência, incluindo os do Espírito Santo, entendia que o P. Monnet devia retirar-se. Retirada honrosa seria a sua promoção ao

Vicariato Apostólico de Madagáscar, que estava vago. Tudo dependia da Santa Sé. O P. Loevenbruck partiu para Roma, com credenciais do P. Monnet e do P. Libermann, a fim de propor à Propaganda o projecto da fusão das duas Congregações e a nomeação do P. Monnet para Vigário Apostólico, meio excelente de resolver a dificuldade subsistente para a imediata solução do problema — a questão do superiorato após a união dos dois Institutos num só.

A Propaganda aplaudia a ideia da fusão e achava feliz a promoção do P. Monnet: mas ia estudar o assunto em reunião plenária, antes de se pronunciar definitivamente.

No dia 24 de Agosto realizou-se, em Paris, nova conferência, na qual ficou estabelecido um acordo, assinado pelos Padres Monnet, Gaultier, Hardy e Vidal, do Espírito Santo, e pelos Padres Libermann, Schwindenhammer, Briot, Boulanger e François, do Coração de Maria. No acordo estipulava-se que a Congregação ficaria consagrada ao Espírito Santo sob a invocação do Santíssimo e Imaculado Coração de Maria e se guardariam as constituições do Espírito Santo, já aprovadas pela Propaganda, com algumas emendas referentes à observância da pobreza religiosa.

Faltava que Roma dissesse a última palavra...

Pelo Decreto de 26 de Setembro de 1848, enviado aos Padres Monnet e Libermann, a Propaganda encarregava os dois de realizarem a união definitiva das duas Congregações, de tal modo que, «*cessando desde agora a que tem o título do Sagrado Coração de Maria, os seus membros e alunos sejam agregados à Congregação do Espírito Santo* e se tornem participantes dos direitos e privilégios e sejam sujeitos às regras dos membros e alunos da Congregação do Espírito Santo».

Pouco depois o P. Monnet recebia de Roma a sua nomeação de Vigário Apostólico de Madagáscar e dava a sua demissão de Superior Geral, sendo eleito por unanimidade o P. Libermann. No dia 3 de Novembro, a Propaganda confirmava-o no novo cargo e por decreto desse mesmo dia determinava que o Instituto se intitulasse *Congregação do Espírito Santo sob a invocação do Imaculado Coração de Maria,* devendo dar-se ao termo *invocação* o sentido de *consagração,* de sorte a que seja idêntico a *Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria* [60].

No dia 22, numa reunião feita em Paris, Mons. Monnet deu mais uma vez a sua demissão de Supe-

---

[60] *Notes et Doc., X,* pág. 341.

rior Geral; e no dia 23 o P. Libermann é eleito segunda vez, em escrutínio secreto, Superior Geral da Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria e fixa a sua residência em Paris, no Seminário do Espírito Santo.

Em breve se iam manifestar os efeitos felizes desta união. Visìvelmente o Espírito de Deus pairava sobre o Instituto, fecundando-o, fazendo-o prosperar a olhos vistos. Deram-se sempre bem o Espírito Santo e o Imaculado Coração de Maria!...

CASA MÃE EM PARIS

XI

O SUPERIOR GERAL

(1849-1852)

Os três últimos anos da vida do P. Libermann foram de intensa actividade, apesar de a doença lhe ser companheira quase inseparável. Neste período revelam-se mais que nunca as suas qualidades de director, organizador, reformador e defensor desvelado dos direitos e interesses da Congregação e das Missões. É calmo, humilde e manso à imagem do Coração de Jesus; na apreciação e no governo dos homens é bom, caridoso e justo — desta justiça, tão rara entre os mortais, que não traz os olhos vendados, que não pára nos defeitos mas descortina as qualidades que lhes fazem contrapeso, que toma na devida conta as circunstâncias atenuantes de actos censuráveis. Foi assim que ele aproveitou muitas vocações periclitantes e salvou o Seminário Colonial

de Paris eivado dum fermento de revolta, de independência, de mau espírito.

Mas quando a susceptibilidade, a incompreensão, o orgulho ou a maldade levantavam a fronte altiva, sem perder aquela mansidão e paz interior tão características da sua personalidade, surgia nele o homem forte, lutador que não recuava e por fim vencia, atribuindo sempre a vitória à graça do Senhor.

São desta têmpera os santos, os homens de Deus. O P. Libermann era, na verdade, conduzido pelo Espírito Santo.

O lutador Nesta biografia forçosamente resumida, não podemos acompanhá-lo na luta, sempre leal e respeitosa, que teve de travar contra alguns dos antigos membros da Congregação do Espírito Santo e até alguns do Coração de Maria, vesgos e terríveis incorformistas perante a nova situação, e principalmente contra o Arcebispo de Paris que, levado pelas ideias galicanas ainda em voga, reclamava sem razão o direito de confirmar a eleição do Superior Geral — direito que transitara para a Sagrada Congregação da Propaganda — e pretendia ingerir-se no governo da Congregação, do Seminário e, indirectamente, das Missões, chegando até a ameaçar com o espectro da supressão do reconhecimento legal. Foram horas — que digo? — foram meses e meses de expectativa dolorosa!

Por meio de cartas, de relatórios, de entrevistas, o Superior Geral procurou esclarecer, dissipar equívocos... até que o direito e a razão triunfaram.

O director O Seminário Colonial do Espírito Santo trouxe-lhe sérios cuidados. Regra geral, as transições operam-se com dificuldades; é universal o provérbio: «Depois de mim virá quem bom me fará».

Os seminaristas receberam com desconfiança os novos directores: O Superior constava-lhes que tinha fama de santo e sabia impor-se; mas dos outros dizia-se que eram intransigentes e fanáticos. A atmosfera estava carregada, pressentia-se uma catástrofe.

Há muito que faltava no Seminário uma direcção estável e firme; a onda revolucionária que ensanguentava Paris, as barricadas nas imediações do Seminário contribuíam para envenenar o ambiente, dificultar a disciplina, exaltar as cabeças.

O P. Libermann viu claro e aplicou-se a remediar. Em Dezembro de 1848 começou a ocupar-se assìduamente da direcção dos seminaristas. Os receios e preconceitos iam desaparecendo, o ambiente melhorando. Mas em Abril de 1849 adoeceu gravemente e teve que se ausentar de Paris. Durante esta ausência forçada, que se prolongou até Outubro, deram-se incidentes desagradáveis no Seminário, a disciplina relaxou-se. A agravar a situação, meteu-se na cabeça

dos seminaristas a ideia falsa de que a Congregação pretendia açambarcar para os seus membros todas as paróquias das colónias e até as bolsas de estudo, em detrimento dos padres seculares. Em Outubro, já o Superior regressara a Paris, mais ou menos refeito da doença, cinco padres novos, destinados à Guiana, fizeram uma manifestação colectiva de descontentamento, declararam alto e bom som que não partiam e que haviam de fazer muito barulho. O P. Libermann interveio com mão suave e firme, perdoou até onde era justo perdoar, impôs-se com autoridade onde devia impor-se. Os ânimos serenaram, os cinco «revoltados» partiram bem dispostos para a Guiana, a efervescência passou, o Seminário foi salvo. De 1850 a 1878 dele saíram 361 padres, que foram preciosos auxiliares dos Bispos coloniais.

O organizador Nem estas canseiras nem a doença o impediram de cuidar solícita e pormenorizadamente dos interesses gerais da Congregação e das Missões. Reviu a Regra Provisória de 1845, fundiu-a inteligentemente com as Regras do Espírito Santo e adaptou admiràvelmente o conjunto à natureza e fins da Congregação de modo a conjugar perfeitamente a vida religiosa com a vida apostólica. Acompanhava mui de perto o desenvolvimento do noviciado e escolasticado do Gard e a

formação dos aspirantes, visitando-os frequentemente e fazendo-lhes conferências.

Manteve boas relações com o Ministério dos Cultos e com o da Marinha, conseguindo por esse meio aumentar o número e melhorar a qualidade e condições do clero colonial. O Ministro da Marinha convidou-o, em 1849, a fazer parte da comissão encarregada de organizar os capelães da Marinha e a traçar um plano de regulamento para os capelães, o que mostra a consideração em que era tido nas esferas governamentais.

Foi preponderante a sua influência na criação dos Bispados coloniais da Reunião (Bourbon), Guadalupe e Martinica, em 1850. O Ministro da Marinha consultou-o várias vezes e até lhe pediu uma lista de candidatos para Bispos. Era aliás uma ideia firme e amadurecida de Libermann substituir nas antigas colónias francesas os Prefeitos Apostólicos por Bispos residenciais: o Bispo impunha-se mais pela sua categoria, era mais respeitado, ficava em melhores condições de zelar e defender os interesses da Igreja.

O P. Libermann redigiu para os novos Bispos umas *Instruções* cheias de exactidão e sabedoria. Ao lê-las quase se nem acredita que o autor nunca tenha vivido nas colónias. O P. Le Vavasseur, conhecedor experimentado dos problemas coloniais e missionários, não se cansava de elogiar a precisão e o

a-propósito destas Instruções: «(O P. Libermann) abarcava tudo, falava de tudo, como o teria feito um homem de longa experiência no ministério das nossas colónias longínquas. Tudo quanto havia a dizer acerca dos Brancos e dos Pretos, tudo nelas se diz e tudo está perfeito!... E todavia era necessário expor a verdade, explicar os preconceitos das diversas classes, desculpá-los sem os diminuir, descobrir as faltas cometidas sem lesar a reputação dos culpados. O Padre (Libermann) conseguiu-o de maneira feliz».

De novo na África Para a África, para a sua «querida e pobre Guiné» convergiam singularmente os paternais desvelos do P. Libermann.

Durou meses a viuvez do Vicariato Apostólico das Duas Guinés, após a morte de Mons. Truffet ([61]). Para sucessor, pensou no P. Bessieux, o heróico sobrevivente da «hecatombe gloriosa» ([62]), que no Gabão se revelava grande missionário e apresentou-o à Santa Sé. Foi aceito. Um Breve de 20 de Junho de 1848 nomeava-o Vigário Apostólico e Bispo titular de Calípolis.

Libermann queria mais: um Bispo só era pouco para aquela enorme extensão entre Dacar e o Gabão;

([61]) Cf. cap. IX.
([62]) Cf. cap. VIII.

dois é que estaria certo. Mas não seria pedir demais? Propôs à Santa Sé um Coadjutor e indigitou o P. Kobès. Ainda nisto foi atendido. Nomeado Bispo *in partibus* de Modon, Mons. Kobès foi sagrado no dia 30 de Novembro de 1848 por Mons. Raess, na catedral de Estrasburgo. Mons. Bessieux foi sagrado em 14 de Janeiro de 1849, na capela do Espírito Santo; foi sagrante Mons. Parisis, Bispo de Langres, assistido por Mons. Monnet e Mons. Kobès. Deu-se o caso interessante, invulgar, de um Coadjutor ajudar a sagrar o seu Bispo! Em 17 de Fevereiro embarcaram para o seu Vicariato com mais 6 padres, 3 irmãos e 6 irmãs de Nossa Senhora da Conceição de Castres.

Mons. Bessieux fixou residência no Gabão e Mons. Kobès em Dacar. Foram dois grandes chefes: lançaram definitivamente na África as bases do apostolado missionário moderno da escola de Libermann, multiplicaram as estações e postos missionários, começaram a erguer sòlidamente o grandioso edifício da Igreja africana. As Irmãs de Castres, colocadas em Dacar, na Gâmbia e no Gabão, como também as Irmãs de S. José de Cluny, que há mais tempo mourejavam no Senegal, tornaram-se muito populares pela sua dedicação nos hospitais e nas obras de educação. Sem elas nunca as Missões lograriam a influência extraordinária a que finalmente chegaram.

Também lá longe, na Reunião e na Maurícia, as Missões tomaram grande desenvolvimento.

Em 1851 fundou uma Missão espiritana na Guiana Francesa, onde essa mulher extraordinária (*um grande homem,* no dizer de Luís Filipe), que foi a Beata Ana Maria Javouhey, fundadora das Irmãs de S. José de Cluny, realizara já uma obra admirável de colonização.

De Paris, o Venerável Fundador, que nunca pôs os pés em África, mas era incontestàvelmente um grande missiólogo e mentor de missionários africanos, progressivamente esclarecido pela experiência dos seus primeiros missionários, dirigia, aconselhava, animava e consolava os seus filhos com cartas que constituem um dos mais preciosos tesouros da Congregação.

E na Europa Prodigioso este P. Libermann! Superior Geral duma Congregação Missionária, absorvido pelos múltiplos trabalhos da organização do Instituto em França e da orientação dos seus missionários, que se viam em apuros na fundação das Missões na América e na África, e que a ele recorriam em todas as circunstâncias, esperando uma resposta, um conselho que nunca faltava, com uma saúde precária, ainda encontra tempo e forças

para se dedicar a diversas obras de zelo e caridade sacerdotal em França: escreve numerosas cartas de direcção; recebe inúmeras visitas de religiosas e de sacerdotes, alguns bem precisados de assistência e conforto moral; é muito tempo capelão e confessor da comunidade das Irmãs de S. José de Cluny em Paris e toma a defesa desta Congregação perante inimigos temíveis; promove na capela do Espírito Santo reuniões de soldados, de operários e de pobres, a quem se dão instruções de catecismo, alimentos e roupas.

Entre essas obras de zelo, que ele organizou, avulta a *Associação de S. João Evangelista* formada por sacerdotes de Paris: as conferências espirituais e pastorais que lhes fez contribuiram eficazmente para o afervoramento do clero e mais frutuoso desempenho do ministério sacerdotal.

Pressentindo a aproximação da morte, pôs-se a escrever as *Instruções aos Missionários,* que são como que um testamento espiritual, as últimas recomendações do Pai querido aos filhos que em breve ia deixar. Não teriam mais a sua presença material, não ouviriam mais as suas falas nem receberiam mais cartas suas; mas o seu espírito ali ficaria vivo, actuante, nestas Instruções, guia seguro nas andanças da vida ascética, mística e apostólica dos membros da Congregação.

O primeiro Superior Geral da Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria pode, em verdade, considerar-se um vulto notável do seu século e do seu meio. Impôs-se pela sua forte personalidade, pela sua virtude, pela sua destreza nos negócios e na diplomacia, em que não será difícil descobrir a sua origem israelita, e também pela sua cultura. No Dogma, na Moral, no Direito, na Liturgia, nunca deu impressão de ciência medíocre. Por isso foi muito cotado não só entre os seus como também nos meios mais distintos do clero da capital. Asceta e místico, não deixou de cultivar as ciências eclesiásticas.

Passou cinco semanas (9 de Março a 14 de Abril de 1851) em Nossa Senhora do Gard. Os noviços rodeiam-no e observam-no como o modelo realizado da regularidade e da perfeição que ele lhes pede. É a Regra viva e vivida, é o Pai e o Superior por excelência, até no meio de tantos sofrimentos, sobretudo dores horríveis do fígado e da cabeça. Numa conferência disse como em desabafo: «Sou um homem crucificado... Para qualquer lado que me voltasse, só encontrei cruzes e sofrimentos... Quando os encontrardes, não percais a confiança e caminhai para a frente: a Cruz é que salvou o mundo!»

NO LEITO DA MORTE

XII

A MORTE DO JUSTO

(1852)

Uma ida à África Mons. Kobès e todos os missionários acalentavam o projecto duma visita do Venerável Fundador à Guiné. Queriam que ele fosse ver com os próprios olhos as missões com os seus sucessos e dificuldades, embeber-se na atmosfera africana, inteirar-se pessoalmente da psicologia dos povos evangelizados pelos seus filhos. Uma coisa é ver, ver *in loco,* numa presença prolongada... outra é informar-se por intermédio de cartas, de relatórios.

Em carta de 20 de Fevereiro de 1851 Mons. Kobès convidava-o com insistência e exclamava: «Ah! se Maria vos inspirasse a ideia de vir visitar-nos!...»

Espírito lúcido, Libermann apercebia-se da grande utilidade desta visita. O seu desejo era partir, partir e demorar-se por lá. A estimulá-lo, tinha diante dos

olhos o exemplo da R. M. Javouhey, Superiora Geral das Irmãs de S. José de Cluny, que passara anos a percorrer as suas missões. Mas era-lhe difícil, impossível sair de França: a saúde requeria especiais cuidados, e além das responsabilidades ordinárias havia ainda o desentendimento com o Arcebispo de Paris e a ameaça duma nova revolução, que aconselhavam absolutamente a presença do Superior Geral no seu posto.

O pensamento de Libermann revela-se numa carta a Mons. Kobès, começada em 26 de Abril e terminada em 3 de Maio de 1851.

«Dizeis-me no princípio da vossa carta (de 20 de Fevereiro): *Ah! se Maria vos inspirasse o pensamento de vir visitar-nos!* O pensamento e o desejo são grandes, mas falta o meio de os realizar. Todas as vezes que leio nas vossas cartas aos nossos queridos confrades a expressão deste desejo, uma flecha me trespassa e um desejo muito vivo nasce em mim; mas, reflectindo, tenho que o afastar imediatamente. A princípio estava quase resolvido a ir e tinha a intenção de falar nisso ao Conselho... Depois, ao fazer o retiro, examinei o assunto muito a sério na presença de Deus e vi que me deixava arrastar pela impressão que me fizera o desejo dos missionários tão vivamente expresso e pela vontade de lhes dar este gosto. E convenci-me então de que esta longa ausência seria temerária, com as minhas febrezitas fre-

quentes, com a minha doença de fígado sempre a dar sinal e uma certa lassitude nos membros que não me larga e me impede de fazer meia hora de caminho sob pena de ficar com febre. Tudo isto é de pouca monta e não me causa inquietação, se ficar aqui; mas considero uma imprudência grave empreender uma longa viagem num clima exótico e difícil.

Não posso assumir a responsabilidade desta imprudência no estado actual da Congregação, que podia correr grave risco se eu faltasse, não que eu seja alguma coisa por mim mesmo, mas em virtude das circunstâncias estou em condições de manter as coisas em bom estado. A Congregação ainda não está suficientemente firme para que outro, diferente de mim, a possa conservar na paz e no bom espírito que ela tem e deverá sempre conservar. Demais, no momento actual não posso de maneira nenhuma deixar a França. Estamos ameaçados de novas perturbações políticas... Ninguém pode adivinhar o resultado da luta, embora presentemente a sorte não pareça favorável ao partido da desordem. No caso de se desencadear uma revolução, a minha presença aqui era absolutamente necessária...» ([63]).

O projecto da ida à África nunca se pôde realizar.

([63]) *Notes et Doc., XIII,* págs. 101-102.

O fim aproxima-se Em Outubro de 1851 o P. Libermann queixa-se muito de cansaço. Fala em passar uma temporada na sua querida comunidade do Gard... mas os negócios e a muita correspondência retêm-no em Paris. Em Novembro manifestam-se sintomas alarmantes: o doente digere muito mal; depois das refeições cai numa sonolência invulgar; por vezes parece completamente abstracto.

No dia 2 de Dezembro deu-se em Paris um golpe de Estado. Corriam rumores do pior. Libermann inquieta-se; pensa mandar os seminaristas para as suas famílias e resolve seguir para o Gard. Os seus confrades de Paris tinham o exército e a polícia para os defenderem em caso de necessidade; no Gard, estavam longe e sós, havia o risco de exagerarem os acontecimentos e desmoralizarem-se. A sua presença era precisa. E partiu.

A doença agravou-se. Passou o tempo quase todo na cama.

Regressou a Paris em 26 de Dezembro e logo acamou. «Vou para a cama, disse; quando me tornarei a levantar?» Avisado pelo P. Le Vavasseur por carta de 7 de Janeiro de 1852, o Dr. Sansão Libermann correu de Estrasburgo para junto do querido doente. Foi para este uma consolação. Foram sempre muito íntimas as suas relações com o irmão mais velho.

O mal progredia. O doente não se podia alimentar. Ora sofria dores agudíssimas, ora ficava prostrado. Os médicos hesitavam no diagnóstico; havia quem desconfiasse dum cancro no estômago.

O P. Le Vavasseur, ajudado pelo Irmão Tomás, constituiu-se seu enfermeiro e raramente saía do quarto. Ele abandonava-se, sujeitando-se às prescrições dos médicos: «Obedeçamos, dizia, assim nada terão que nos censurar». Sempre o mesmo, sempre igual: agora, na aproximação da morte, como antes em vida, os mesmos hábitos de mortificação e modéstia, a mesma simplicidade adversa a exibicionismos. Poucas marcas exteriores de piedade, apenas algumas invocações no meio dos sofrimentos. Quando lhe puseram diante as imagens de Nosso Senhor, de Maria e de José, agradeceu com um sorriso àqueles que «o colocavam em tão boa companhia». A sua atitude habitual era a do silêncio: pensamento concentrado, continuação daquela oração interior, daquele recolhimento, daquela paz íntima, que eram nele como que uma segunda natureza. Diante da vida e da morte, santa indiferença: nunca pediu orações pela conservação da vida.

No dia 26 de Janeiro, quando o Dr. Cayol saía do quarto do doente, o P. Le Vavasseur abordou-o:

— Doutor, será o fim? Pode dizer-me com toda a sinceridade se o Pai chegou aos últimos dias?

O médico declarou que a morte devia estar pró-

xima e até podia surgir repentinamente. O P. Le Vavasseur dirigiu-se então ao doente:

— Meu bom Pai, Deus chama-o.

— Bendito seja Deus! — exclamou ele.

Disseram-lhe então que era conveniente receber nessa mesma tarde os últimos sacramentos.

— Pensais que é assim tão urgente que não possa esperar até amanhã?

Confessou-se ao P. Briot. E no dia 27, de manhã, recebeu o Viático e a Extrema-Unção. O P. Le Vavasseur, num momento em que se encontrava a sós com ele, pediu-lhe que houvesse por bem indicar quem lhe devia suceder no cargo de Superior Geral. Respondeu-lhe que ia reflectir. No dia seguinte estavam à cabeceira do doente os dois Padres que pareciam mais indicados para receber a sucessão: o P. Le Vavasseur, o primeiro que tivera a ideia da fundação da «Obra dos Negros», o braço direito de Libermann, ìntimamente associado ao governo geral da Congregação após o regresso de Bourbon; e o P. Schwindenhammer, Superior do noviciado e escolasticado do Gard, outro homem da confiança de Libermann por causa da sua ciência, espírito metódico, regularidade e dedicação. O P. Le Vavasseur renovou o pedido da véspera. O moribundo recolheu-se uns instantes e voltando-se para o P. Schwindenhammer, articulou estas palavras: «Parece-me que é o meu amigo quem deve sacrificar-se».

Vivamente alvoroçado, o P. Schwindenhammer escreve para o Gard: «O nosso querido Pai jaz entre a vida e a morte. Já mal pode falar... Só um milagre pode salvá-lo. Peçamos esse milagre. Cada qual ofereça a sua vida em troca da do nosso querido Superior, pois que todos juntos não o igualamos...» No dia 29 foi a Nossa Senhora das Vitórias celebrar a missa no altar do Imaculado Coração de Maria, oferecendo a sua vida em troca da do Pai que se finava.

No dia 30, de manhã, o P. Libermann pediu que lhe rezassem as orações dos agonizantes. Toda a comunidade se reuniu à sua volta. Deitou a sua bênção à comunidade, aos alunos do Seminário Colonial, à Congregação inteira e dum modo especial à Guiné, a Mons. Bessieux e Mons. Kobès. Voavam para a África os seus últimos pensamentos.

Últimas palavras Numa ocasião o P. Lannurien perguntou-lhe como se achava. Respondeu-lhe a custo que sofria muito, «dores humanamente intoleráveis». Recomendaram-lhe então que oferecesse os seus sofrimentos pelos seus filhos.

— *Sim... a Nosso Senhor... por vós... por todos... por vós todos.*

— E também pela Guiné?

— *Oh sim! por Dacar... por Mons. Kobès... pela Guiné...*

E num suspiro: «*Pobre, pobre Guiné!*» E repetiu quatro ou cinco vezes estas palavras.

Em seguida recomendou a todos que fossem bons religiosos.

— Que havemos de fazer para ser bons religiosos? — perguntou-lhe o P. Schwindenhammer.

— *Sede fervorosos... fervorosos... sempre fervorosos... e sobretudo a caridade. Caridade em Jesus Cristo, por Jesus Cristo, em nome de Jesus Cristo... Fervor, caridade, união em Jesus Cristo.*

Às 9 horas da noite desse mesmo dia 30, a comunidade voltou ao quarto do moribundo para lhe dizer o último adeus. De momento a momento esperava-se o desenlace. Ele compreendeu perfeitamente o sentido desta reunião e fazendo um esforço grande para dominar os sofrimentos, quis falar como se fizesse a conferência habitual:

— *Vejo-vos pela última vez... sinto-me feliz de vos ver... Sacrificai-vos por Jesus, com Jesus só... Deus é tudo. O homem é nada... Espírito de sacrifício... zelo pela glória de Deus e pelas almas.*

Não podia mais. Calou-se. Levantando com esforço o braço direito, traçou uma cruz dando a última bênção.

A agonia prolonga-se. Na madrugada de 31 é sacudido por vómitos violentos. Padres e Irmãos

acorrem pressurosos, julgando que é chegada a hora suprema. Mas não. Acalmou. Todo o dia de 31 de Janeiro, 1 e 2 de Fevereiro até às duas horas da tarde passou-os em estado de modorra: dormita, não fala, ouve difìcilmente, mas reconhece as pessoas que o vão visitar.

No dia 1 de Fevereiro, domingo, celebrava-se em Nossa Senhora das Vitórias a festa da Arquiconfraria; às 7 horas da tarde, o P. Desgenettes dirigia aos associados estas palavras:

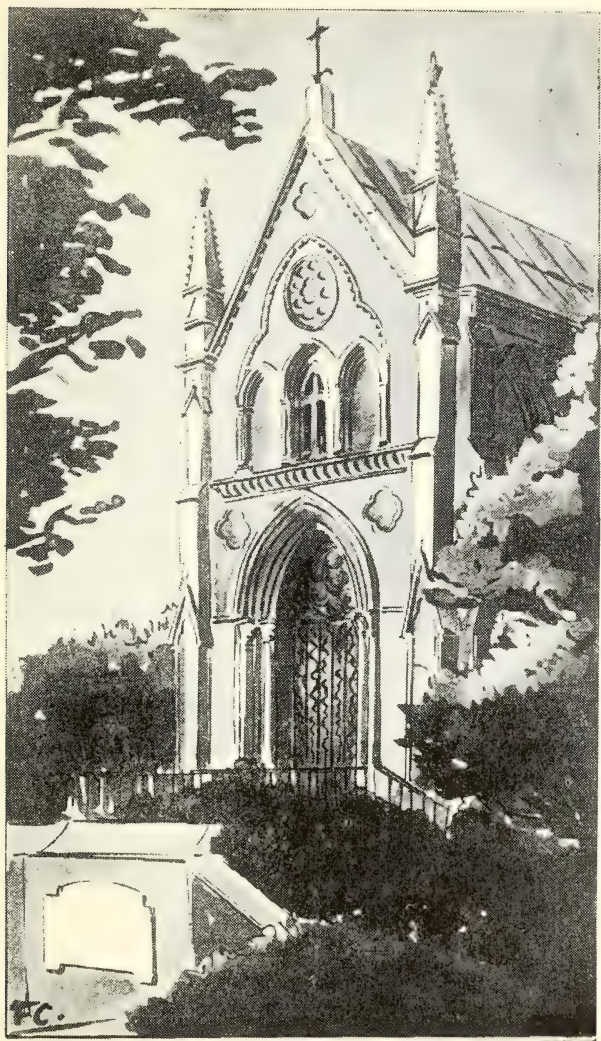
«Meus caros irmãos, uma grande tristeza empana a alegria da nossa linda festa. Um dos meus amigos, um santo, jaz há três dias em agonia: o R. P. Libermann. Deus fá-lo sofrer para expiar os pecados dos homens. A sua vida foi um sofrimento contínuo. O Senhor trouxe-o de longe, converteu-o do judaísmo de modo milagroso para que fosse o fundador e o primeiro Superior duma Sociedade a que deu o nome do Sagrado Coração de Maria. Escolheu este vocábulo porque amava muito a Arquiconfraria e queria ocupar-se das almas abandonadas. Parece-me que Deus prolonga esta cruel agonia para o tornar participante das vossas orações... Oremos por ele neste momento. Ele também pedirá por nós quando estiver no Céu. Perco nele, meus irmãos, um amigo e um modelo...»

2 de Fevereiro, festa da Candelária, da Purificação de Nossa Senhora e Apresentação do Menino Jesus no Templo! Às duas horas da tarde, o moribundo desperta daquela modorra que durava há dois dias. Entreabre os olhos. Apresentam-lhe o crucifixo e sugerem-lhe as invocações: Jesus, Maria, José! O olhar fixa-se num ponto, não se mexe. O rosto amarelecido pela icterícia ilumina-se, transfigura-se. Entrara em êxtase.

Às três e um quarto começa a diminuir progressivamente a expressão radiosa do semblante. O olhar continua fixo na mesma direcção. A respiração afroixa. Na capela, próxima do quarto, cantava-se o *Magnificat* das Vésperas solenes. Quando se ouvia o versículo *Et exaltavit humiles* («e exaltou os humildes»), o P. Libermann deu o último suspiro e trocou a vida terrena pela feliz eternidade. Durante o canto do *Gloria Patri* mãos piedosas e trémulas fecharam-lhe os olhos.

No dia 3 de Fevereiro dois médicos fizeram a autópsia do cadáver e extraíram a língua e o coração, que estão religiosamente guardados. A autópsia revelou que o fígado estava muito reduzido, endurecido, como que ossificado. Os médicos chegaram à conclusão de que Libermann desde há muitos anos sofria horrìvelmente.

No dia 4 celebraram-se exéquias solenes na ca-

pela do Seminário. Os restos mortais foram transportados para o cemitério da comunidade de Nossa Senhora do Gard. Meses depois foram encerrados num túmulo especial. Nesta ocasião abriu-se a urna e cortou-se o indicador da mão direita que foi mandado, como relíquia preciosa, para a Missão da Guiné.

O TÚMULO DO VENERÁVEL EM CHEVILLY

XIII

A CAMINHO DOS ALTARES

Mal se fechara o túmulo, de todos os lados — da Europa, da América e da África — afluiram à Casa Mãe dos Padres do Espírito Santo súplicas ardentes para que se introduzisse a Causa de beatificação do Servo de Deus. Estes pedidos não provinham apenas dos membros da Congregação. Não admira. Libermann estivera em relações com o alto clero do seu tempo; fora amigo de alguns Bispos e director espiritual de muitos sacerdotes, na sua maioria directores de seminários ou de obras de apostolado, de religiosos e religiosas, de muitas pessoas piedosas e junto de todos deixara fama de santo.

Poucos dias depois da sua morte, logo em 12 de Fevereiro de 1852, Mons. Luquet, Bispo de Hésémon, funcionário da Cúria Romana, escrevia ao P. Le Vavasseur:

«É preciso iniciar sem demora as diligências oficiais para a introdução desta Causa de beatificação:

se a vida do P. Libermann não apresenta desses factos brilhantes ou sobrenaturais que impressionam o público, oferece provas de virtudes certamente acima do ordinário, que constituem o *verdadeiro fundamento da glória dos Santos*... Quanto a mim estou pronto a testemunhar a impressão profunda que sempre me causou: nunca vi sacerdote que me parecesse tão consumado em santidade.»

O sábio beneditino Dom João Baptista Pitra, futuro Cardeal, que vivera largo tempo no Seminário do Espírito Santo, junto de Libermann, e observara a sua vida, os seus trabalhos, as suas lutas, a sua linha de conduta, escreveu a sua biografia que bem se pode definir a *história de uma alma* ([64]).

Testemunhos calorosos e persuasivos iam chegando de toda a parte. Foram-se reunindo e publicando os seus escritos, que muito contribuiram para alargar o conhecimento do Servo de Deus e a admiração pela sua vida, virtude e apostolado.

O aniversário da sua morte, 2 de Fevereiro, tornou-se, desde 1853, a festa mais familiar da Congregação, assim como o *Magnificat* o seu canto predilecto.

A casa do Gard era já pequena para albergar os aspirantes. Em 1852 os noviços instalaram-se na Casa

---

([64]) *Vie du Révérend Père Fr. M. P. Libermann.* Teve 4 edições: 1855, 1872, 1882 (3.ª e 4.ª).

Mãe e os escolásticos na casa de campo de Mons-Ivry, que já não existe. Em 1864 abriu-se o Escolasticado Maior de Chevilly, perto de Paris, onde se alojaram convenientemente escolásticos, noviços e irmãos; no ano seguinte trasladaram-se para lá os restos mortais de Libermann.

Esta trasladação chamou de novo a atenção para a Causa. Em 24 de Fevereiro de 1868 abriu-se, em Paris, o processo chamado do Ordinário; a última sessão realizou-se em 19 de Fevereiro de 1872. Foram ouvidas 68 testemunhas.

No primeiro de Junho de 1876 o Papa Pio IX assinou o decreto da Introdução da Causa; pelo facto mesmo o Servo de Deus recebeu o título de *Venerável.* Celebraram-se grandes festas de regozijo e de acção de graças em todos os lugares onde a Congregação estava estabelecida, inclusivamente nas colónias e nas missões. Em Paris, Mons. Freppel pronunciou um panegírico eloquente, apresentando o P. Libermann nas diversas fases da sua acção, no movimento das conversões israelitas, na renovação dos Seminários, na retomada das Missões africanas. São desse panegírico as palavras que a seguir transcrevemos:

«Não me pertence a mim antecipar a decisão definitiva da Igreja; porém, se me fosse dado exprimir um voto no momento em que esta grande Causa

vai ser apresentada diante do tribunal supremo do Vigário de Jesus Cristo, não hesitaria em pedir ao Santo Padre que levasse a cabo a sua obra, dando às tribos dispersas de Israel um protector, gerado do seu sangue, desiludido das crenças da sua pátria, cuja voz doce e penetrante lhes falasse aos corações endurecidos...

«Dai, diria eu, dai um protector à África infiel, à desgraçada raça de Cam, para que após uma longa escravidão entre na posse da liberdade cristã e venha preencher o lugar que lhe pertence junto dos filhos da Santa Igreja...

«Dai um novo penhor de afeição e solicitude a esta Congregação nascente, a mais nova entre as muitas de que se compõe a grande família religiosa, e que, não obstante, se tem espalhado até aos confins da terra...

«Pertence-nos a nós, meus irmãos, apressar com as nossas orações a realização destes votos...»

Os vários processos apostólicos prosseguiram coroados de feliz resultado. Em 27 de Maio de 1886 os escritos foram declarados isentos de todo o erro. Em 19 de Junho de 1910 Pio X assinou o decreto da *heroicidade das virtudes do Servo de Deus.* Estava dado um grande passo. Para o passo decisivo falta apenas o processo dos milagres.

Não terá feito milagres o Venerável Liber-

mann?... No processo do Ordinário, em 1868, o P. Frederico Le Vavasseur citou nove casos de curas extraordinárias alcançadas por intercessão do Venerável Libermann; e no processo apostólico de 1881 figuravam trinta e quatro.

O P. La Place, C. S. Sp., cita algumas dessas curas ([65]).

Havia mais de dois anos que a Irmã L..., da Congregação de S. José de Cluny, sofria de uma doença de peito que a impedia de sair da enfermaria. No ano de 1870 viu-se também atacada por uma doença de garganta que o médico declarou incurável. O seu estado de fraqueza inibia-a de ser operada; como não podia engolir, receava-se que morresse de fome. Tornando-se a alimentação impossível pelas vias naturais, o médico tentou introduzir, primeiro pela boca, depois pelas fossas nasais, uma sonda. Não conseguiu. Momentos depois, a doente perdia a voz. Uma novena que fizeram a Nossa Senhora serviu apenas para a ajudar a suportar com maior resignação o aumento dos seus sofrimentos. Quatro dias depois, as religiosas começaram uma novena ao Venerável Libermann e puseram ao pescoço da doente uma relíquia do Servo de Deus. No último

([65]) *Vida do Venerável Padre Francisco Libermann,* Guimarães, 1892, págs. 522-526.

dia da novena, o seu estado piorou e recebeu os últimos sacramentos.

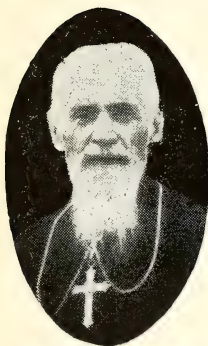
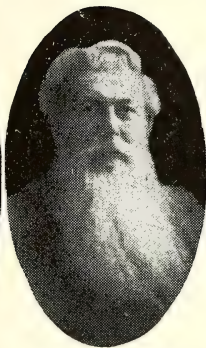
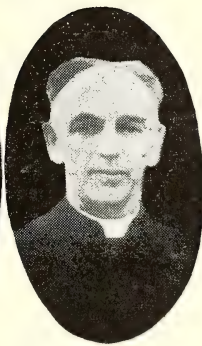
A moribunda, porém, alimentava ainda grande esperança e não tardou que recebesse o prémio dessa confiança inquebrantável. Por volta das duas horas caiu numa espécie de letargo. Apareceu-lhe então Libermann radiante de glória e colocou-lhe três dedos sobre a cabeça, depois sobre o peito, como quem lhe queria arrancar o coração e toda a parte lesada. Sentiu dores horríveis e deu um grito. Estava curada. A febre, as dores desapareceram imediatamente. Sem o auxílio de ninguém levantou-se, vestiu-se, tomou algum alimento, desceu à capela, onde se achava reunida a comunidade, e sem mostras de fraqueza acompanhou o coro no canto do *Magnificat.*

Uma senhora de Chevilly, que sofria da dança de S. Vito, pediu que a conduzissem ao túmulo do Venerável no dia em que terminava uma novena. Chovia torrencialmente quando lá chegou. Sobreveio-lhe novo ataque, durante o qual se dirigiu ao Venerável nestes termos: «Se o meu bom Pai estivesse a sofrer da cabeça como eu, certamente me curaria». No mesmo instante sentiu uma dor agudíssima, semelhante à que lhe causaria uma lanceta ao arrancar-lhe a parte mais sensível da cabeça. Logo em seguida exclamou: «Estou curada!» E estava de facto.

Outros casos podíamos referir. O certo é que lá do Céu o Venerável Libermann vai lançando bênçãos sobre a terra e distribuindo favores de ordem espiritual e temporal por toda a parte, sem esquecer o nosso País e o nosso Ultramar, como se pode ver no jornal «Acção Missionária» e no folheto «Vida e Graças do Venerável Libermann» ([66]).

Praza a Deus não demore o momento, por que todos suspiramos, em que surjam os dois milagres que faltam para a Causa chegar ao termo feliz e vermos levantar-se aureolada nos altares da cristandade a imagem do judeu convertido, salvador da raça preta.

Dois milagres!... Três são precisos para a beatificação; mas um já ele o fez e está averiguado: o desenvolvimento extraordinário da sua obra, da sua Congregação, das suas Missões, depois da sua morte.

([66]) EDITORIAL LIAM, Lisboa, Rua de Santo Amaro, à Estrela, 47, para onde pedimos se envie a relação de todas as graças atribuídas à intercessão do Venerável Libermann.

MONS. LE HUNSEC   MONS. LE ROY   R. P. GRIFFIN

EPÍLOGO

NESTES CEM ANOS

(1852-1952)

Na morte a vida Os santos e sobretudo os Fundadores, a bem dizer, não morrem: permanecem vivos nos exemplos que legaram, nas obras que criaram e se vão desenvolvendo e frutificando de terra em terra, de geração em geração, de século em século. As regras e directrizes que traçaram, os escritos que deixaram, como cintilações do seu génio e do seu espírito, projectam feixes de luz a iluminar as estradas do Mundo por onde caminham seus filhos a espalhar o bem e a paz.

Que belos são os passos dos que vão mundo em fora evangelizando a paz e o bem! — canta a Sagrada Escritura.

Libermann foi um santo Fundador. Fecundos, admiráveis de realizações, foram os seus doze anos de sacerdócio. Fundou, para a evangelização da raça

preta, ao tempo tão abandonada, a Congregação missionária do Imaculado Coração de Maria, com um noviciado florescente de sacerdotes e de irmãos; restaurou a antiga Congregação do Espírito Santo, de tão gloriosas tradições, integrando nela o novo Instituto pujante de mocidade; promoveu a criação de vicariatos apostólicos em África e de dioceses nas antigas colónias francesas; espalhou os seus missionários pela Guiana e Antilhas, pela Costa Ocidental africana, pelas Ilhas do Oceano Índico e pela longínqua Austrália.

Houve quem duvidasse da solidez da sua obra, apodando-a de utopias dum judeu epiléptico. Os factos falam mais que as palavras, e os factos estão à vista.

Em verdade, Libermann foi um daqueles fundadores para quem, desde o princípio, tudo parecia correr mal, daqueles lutadores sempre a esbarrar com obstáculos, avançando sem glória por entre desaires retumbantes. Mas acontece ordinàriamente a estes que a morte os glorifica e a sua obra, semelhante ao grão de trigo do Evangelho que primeiro tem de morrer na terra fria, os exalta desde que passaram os umbrais da eternidade.

Recorde-se o longo compasso de espera da sua ordenação sacerdotal, o insucesso inicial da Missão do Haiti, o desaire da Missão da Austrália, a catástrofe do Cabo das Palmas, o naufrágio do P. Tisse-

rant, a morte prematura do primeiro Bispo da Congregação, Mons. Truffet, as negociações difíceis da fusão... obstáculos aparentemente insuperáveis, tentativas com ar de derrotas!

Morre. A sua obra estava como que no berço. Os anos vão rolando e encarregando-se de mostrar a excelência dos seus planos e directrizes, a vitalidade do seu espírito.

Ela aí está, a obra de Libermann, enraizada e a irradiar na Europa, na América e sobretudo na África, seu principal campo de actividade. Milagre de Deus a atestar a santidade do Fundador!

Após um século Quando Libermann morreu, havia na Congregação 58 padres e 30 irmãos. Na Europa, a Congregação ficava apenas estabelecida em França com a Casa Mãe e o Seminário Colonial em Paris, o noviciado e escolasticado em Nossa Senhora do Gard e a residência-procuradoria de Bordéus. Missões, existiam apenas as da Maurícia e Reunião no Oceano Índico, o vicariato apostólico das Duas Guinés na África Ocidental e a Missão da Guiana Francesa na América do Sul.

Actualmente a Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria conta 42 Prelados (5 Arcebispos, 30 Bispos ou Vigários Apostólicos, 1 Prelado *nullius,* 1 Administrador de Prelazia *nullius* e 5 Prefeitos Apostólicos); 2.554 padres, 899

escolásticos professos (nos cursos de filosofia e teologia), 798 irmãos auxiliares, 169 noviços clérigos, 1.792 seminaristas de preparatórios e 101 aspirantes a irmãos entre noviços e postulantes.

Total dos membros professos: 4.293.

Total dos aspirantes: 2.062.

Da França a Congregação etendeu-se à Irlanda, Alemanha, Portugal, Estados Unidos da América do Norte, Bélgica, Holanda, Suíça, Polónia, Inglaterra, Canadá e Trindade: é, pois, uma Congregação verdadeiramente internacional, dividida em 12 Províncias, destinadas a servir de base ao apostolado missionário. As Províncias têm por fim principal o recrutamento e formação do pessoal para as Missões especialmente confiadas a cada uma pela Santa Sé por intermédio do Superior Geral.

Quando em 1853 se fundou em Roma o Colégio Francês, o Papa Pio IX com aplauso de todo o episcopado francês entregou à direcção do referido Colégio aos Padres do Espírito Santo. Era um acto público de confiança no espírito genuinamente romano dos discípulos de Libermann e de reconhecimento da sua competência em matéria de direcção espiritual e de formação sacerdotal. Ali se têm ido recrutar a maior parte dos Bispos e dos professores de seminários de França.

Além do Colégio Francês, a Congregação sustenta em Roma um Escolasticado internacional para os membros das diversas Províncias que vão frequentar os cursos da Gregoriana.

No decurso deste centenário tombaram já no campo da luta 1.614 padres e 1.024 irmãos. Só em África morreram 24 Bispos, 3 Prefeitos Apostólicos, 567 padres e 296 irmãos auxiliares, ou sejam 890 membros da Congregação. Não deram a vida em vão. O seu sacrifício foi visìvelmente abençoado por Deus.

O campo do apostolado espiritano é imenso: 38 circunscrições missionárias, entre dioceses, vicariatos e prefeituras apostólicas, das quais 9 na América (no Brasil, duas Prelazias *nullius:* Alto Juruá e Tefé) e 29 na África. A tarefa é esmagadora: ao zelo dos Missionários do Espírito Santo está confiada, na América e na África, a salvação de cerca de 4 milhões de católicos, mais de meio milhão de catecúmenos, 2 milhões de hereges e cismáticos, 4 milhões e meio de muçulmanos e 30 milhões de pagãos. Nesta vasta porção da vinha do Senhor trabalham 1.677 padres europeus ou americanos e 21 nativos, 228 irmãos europeus e 106 nativos, 1.548 irmãs europeias e 1.243 nativas e 19.761 catequistas.

Fiéis ao espírito e directrizes do Venerável Fun-

dador, os Padres do Espírito Santo dedicam especiais cuidados à formação do clero nativo na mira de estabelecer sòlidamente a Igreja nos povos que evangelizam: nas suas Missões há 11 seminários maiores com 328 alunos e 26 seminários menores com 1.389 alunos; têm montado um serviço admirável de instrução e de assistência: 3.069 escolas primárias elementares, 89 escolas secundárias e colégios, 242 escolas profissionais, 36 escolas normais, 1 Universidade — com 11.468 professores e 419.963 alunos; 82 hospitais com 5.182 camas; 268 dispensários onde fazem anualmente cerca de 2.131.564 curativos; 119 orfanatos com 3.883 crianças; 16 leprosarias com 4.164 doentes.

No ano passado administraram 236.617 baptismos, 22.485.417 comunhões e realizaram 30.583 casamentos.

Ao contemplar, do Céu, os clarões de luz e de bem por seus filhos derramados na selva pagã, o Venerável Libremann há-de por certo sorrir e dar graças a Deus por lhe ter inspirado o dom total do coração aos pobres e deserdados filhos de África.

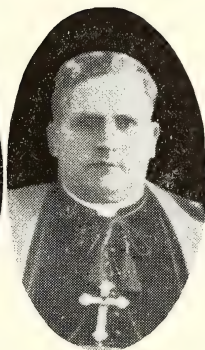
Coração dos Africanos Quadram bem aqui uns passos da carta que Libermann escreveu, em 31 de Janeiro de 1848, ao rei Elimão de Dacar, por ocasião da morte de Mons. Truffet:

«Lembrei-me de que terieis gosto em receber de mim algumas palavras de consolação após a morte quase repentina de Mons. Truffet, que o Pai dos cristãos enviou a Dacar, pela muita afeição que tem às almas dos habitantes da África, e que a divina Providência tão cedo levou deste mundo, terra de dor e de lágrimas, para o recompensar da sua piedade e virtudes. A minha alma partiu-se de dor ao saber de tal perda; não só porque o saudoso Bispo era para mim um amigo do coração, mas sobretudo porque vós já não tendes aquele que vos amava com tanta ternura, aquele que tão ardentemente amava todos os homens pretos... Quanto queria que vos fosse possível ver esta dor no meu coração, pois desejo que saibais que o meu coração é vosso, que *o meu coração é dos Africanos, todo dos Africanos,* todo dos homens pretos, de alma boa e coração sensível...

Muitas vezes, ao ler nas cartas dele a satisfação que experimentava conversando convosco, com os vossos irmãos, os homens pretos, que são também nossos irmãos muito queridos, sentia muita alegria e consolação e era um constrangimento para o meu coração não poder dar-se a vós, não poder sofrer pelos homens pretos, e não poder fazer quanto deseja para os tornar cada vez mais felizes...

Sou servo de Jesus; Ele quer que eu ame todos os homens como Ele os ama, mas inspira-me um

amor muito mais vivo e terno para com os seus queridos irmãos, os homens pretos; e porque amo assim tão afectuosamente os homens pretos, quero, e Jesus meu Mestre também o quer, que toda a minha vida se consagre a procurar e a realizar a felicidade dos homens da África, não só a sua felicidade sobre a terra, mas sobretudo a felicidade que é sem medida e sem fim, no templo da glória de Deus, que é o Céu...

O bom e zeloso Bispo morreu. Não vos aflijais, julgando que já não queremos ir para a África; vou pedir ao Papa de Roma que mande outro Bispo, que será bom, e ele há-de mandar um, porque ama os Africanos...»

D. FAUSTINO D. MOISÉS D. DANIEL

EM ANGOLA E CABO VERDE

(1866-1952)

Era desolador o estado das Missões Religiosas no Império Português, ao dealbar do século XIX. O pombalismo com a perseguição aos jesuítas, o liberalismo com a extinção das Ordens Religiosas [67], haviam de levar fatalmente ao abandono quase total da ocupação missionária das nossas Províncias ultramarinas; o romantismo, envenenando as inteligências e os corações e amolecendo as vontades, acabaria por descristianizar a alma do nosso povo e estancar as fontes do recrutamento missionário.

D. António Tomás da Silva Leitão e Castro, que foi Bispo de Angola e Congo de 1884 a 1891, em carta a Luciano de Castro, secretário perpétuo da

---

[67] Decreto de 30 de Maio de 1834, do ministro da Justiça, Joaquim António de Aguiar, o mata-frades.

Sociedade de Geografia de Lisboa, traça este quadro sombrio da sua diocese:

«As igrejas e capelas numerosas em cada concelho caíram todas em ruínas, e assim, tanto os indígenas convertidos como os europeus e os seus descendentes católicos, espalhados pela Província, se acharam todos sem templo, sem culto, sem sacrifício, sem ao menos um ministro sagrado que os unisse em matrimónio constituidor da família, que baptizasse os seus filhos e os instruísse na Fé, e que na hora do passamento os reconciliasse com Deus e lhes lançasse, com a última pá de terra, a primeira bênção cristã sobre a lôbrega sepultura.

De 1852 a 1853, por morte do páraco missionário de Pungo Andongo, ficaram no sacrário, um ano inteiro, as sagradas partículas completamente abandonadas, visto não haver sacerdote que as consumisse; e nesse último ano contavam-se só dois párocos em todo o bispado de Angola, e três cónegos; nenhum padre mais!»

Em 1852, D. Joaquim Moreira Reis, que pastoreou a diocese de 1849 a 1856, contava entre lágrimas ardentes ao P. Lossedat, dos Missionários do Espírito Santo, que tinha apenas cinco padres para toda a diocese, quatro dos quais em Luanda, o que era oficialmente confirmado pelo mesmo Bispo em

ofício de 15 de Junho de 1853, ao Governador Geral.

Situação angustiosa que fez dizer àquele Prelado: *Das Missões de Angola só existe a memória*» ([68]).

Suprimidas as Ordens Religiosas, estancadas as fontes de recrutamento e formação de pessoal missionário, quem irá levantar de novo as pedras e reconstruir o edifício grandioso das Missões de antanho desse vasto reino em boa hora descoberto por Diogo Cão e de novo trazido à coroa portuguesa pelo bravo Salvador Correia?

Os filhos de Libermann, os Missionários do Espírito Santo.

Aurora de redenção Libermann que olhava, como numa obsessão, para os filhos de África a salvar, não podia deixar de volver os olhos para a miséria espiritual de Angola: abraçava-a no âmbito do seu zelo salvador. A morte prematura impediu-o de realizar esse apostólico intento; legou-o ao seu sucessor, o P. Inácio Schvindenhammer.

Em 1855 o rei do Congo pedia ao Governo português que lhe mandasse missionários... e os missionários não apareciam, nem nacionais nem estrangeiros. Dez anos mais tarde, o Superior Geral dos Padres

---

([68]) M. Alves da Cunha, *Missões Católicas de Angola,* 1935.

do Espírito Santo pediu à Santa Sé que lhe fosse confiada a evangelização da antiga e célebre «Missão do Congo», abandonada pelos últimos Capuchinhos com o decreto do mata-frades. Por decreto de 9 de Dezembro de 1865, a Propaganda entregou-lhe essa Missão, nas mesmas circunstâncias em que a tinham dirigido os Frades Barbadinhos.

No dia 27 de Janeiro de 1866, desembarcavam em Lisboa três missionários do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria, os primeiros que o Instituto mandava para a África Portuguesa. O mais idoso, o P. José Maria Poussot, já tinha a experiência de 15 anos de vida missionária na Guiné; o segundo, P. António Espitallié, tinha sido ordenado no Natal de 1865; o terceiro, o agregado Estêvão Billon, era um ex-soldado do Senegal, que a Missão entusiasmara.

Demoraram-se uma semana em Lisboa, hospedando-se em casa dos Lazaristas de S. Luís. O Núncio, Mons. Inocêncio Ferrieri, que se achava doente, recebeu-os em audiência no quarto, animou-os e aconselhou-os. Numa visita à Embaixada Francesa, o secretário, Marquês de Sayve, assegurou-lhes a benevolência do Ministro dos Estrangeiros de Portugal, a quem tinham sido oficialmente recomendados. O Governador Civil, Conde de Sobral, facilitou-lhes o despacho dos passaportes e guias, de maneira que pudessem seguir sem demora no vapor *Lincolnshire.*

Em 5 de Fevereiro saíram a barra de Lisboa com destino a Ambriz, onde desembarcaram no dia 14 de Março. Apenas chegados, foram cumprimentar o Governador Civil, que foi atencioso. O sacerdote encarregado da paróquia acolheu-os na sua casa, bem pobre casa. No dia seguinte celebraram a santa Missa pelo futuro da sua querida Missão: a primeira Missa de Padres do Espírito Santo em terras de Angola... 15 de Março de 1866!

Pouco depois seguiam para Luanda, ficando a viver no paço episcopal, que era ao mesmo tempo seminário diocesano. Ali foram prestando os serviços de que se lhes oferecia oportunidade e adestrando-se no estudo da nossa língua. Quanto à inauguração da Missão do Congo, tinham de esperar o beneplácito régio: assim lhes disse o Governador. Mas o beneplácito régio nunca mais chegava.

Em Lisboa, na Câmara dos Deputados, levantara--se, a 9 de Fevereiro, um debate formidável contra os missionários estrangeiros. O deputado da oposição, Levy Maria Jordão, atacara violentamente o Governo pela sua covardia na defesa da nossa dignidade contra a audácia da Santa Sé, que atentara contra o nosso direito de Padroado e a nossa suzerania no Congo, pelo facto de confiar a antiga Prefeitura, completamente abandonada, à Congregação do Espírito Santo! Pronunciaram-se catorze discursos, somando os da Câmara dos Deputados com os da Câmara dos Pares:

favoraveis, hostis, e enfim moderados, simplesmente tolerantes. O deputado Pinto Coelho tomou a defesa dos missionários e da Santa Sé, e fê-lo com rara inteligência e coragem: «Não tenho — disse — motivos, nem creio que os haja, para crer que a Santa Sé se oponha à realização do nosso Padroado. Aquilo em que a Santa Sé não poderia consentir é que o nosso Padroado sirva só para *impedir a civilização católica dos povos a ela submetidos*». Depois das explicações do Conde de Castro, Ministro dos Estrangeiros, e da intervenção razoável do deputado António de Serpa, a Câmara passou à Ordem do dia. Em conclusão, nem se aprovava, nem se condenava a admissão dos missionários, mas tolhiam-se os seus movimentos. Como se eles se não tivessem logo prontificado a prestar obediência ao Prelado no exercício do ministério e ao Governo a submissão exigida!

Entretanto lá iam eles fazendo o que podiam ou o que lhes deixavam fazer. Em Agosto de 1866, o P. Espitallié, acompanhado pelo auxiliar Estêvão Billon, partia para o Ambriz como encarregado da paróquia. Um mês depois, morria Billon. O P. Poussot ia explorando o Congo. Em Março de 1867, o P. Fulgêncio Lapeyre ia fazer companhia ao P. Espitallié e abrir uma escola para instrução de rapazes pretos. Em Outubro do mesmo ano, retirava-se o P. Poussot, minado de cansaço e de febres.

Em Fevereiro de 1869, o P. Espitallié voltou para Luanda, a pedido do Vigário Geral, o cónego Ramos, para assumir a direcção de uma escola. No dia de Páscoa desse ano falecia este jovem esperançoso e era sepultado no cemitério de Luanda com as honras e sentimento devidos a um estrangeiro benemérito. Primeira vítima do esforço missionário do Espírito Santo no ultramar português!

Do Ambriz partiu a substituí-lo o P. Lapeyre. Em 7 de Dezembro de 1869 chegavam a Luanda dois confrades de reforço: os Padres Dhyèvre e Carrie. Na madrugada de 19 de Janeiro de 1870, falecia no hospital de Luanda, completamente exausto, o P. Lapeyre, com 28 anos apenas. Angola sacrificava mais um dos que a vinham lentamente redimir.

Mercê de más vontades, os recém-chegados não puderam aguentar-se em Luanda e retiraram para Lândana.

Mas nem aquelas mortes prematuras, nem esta retirada, nem a oposição dos políticos descoroçoaram os filhos de Libermann. O muro da oposição havia de cair...

Em 25 de Julho de 1873, o P. Carrie fundava a Missão de Lândana, que seria a mãe de outras Missões do Norte de Angola: Luanda (1887), Malange (1890), Cabinda (1891), Libolo e Lucula (1893). Assim se foi fazendo lenta mas progressivamente a ocupação missionária do Norte.

No Sul Também o Sul foi cristã e patriòticamente «invadido» pelos Missionários do Espírito Santo. O P. Carlos Duparquet, explorador infatigável e botânico distinto, que já consagrara parte da sua vida à evangelização da Costa Oriental, avistava-se em Lisboa, em Outubro de 1866, com o Bispo de Angola, D. José Lino de Oliveira, que o nomeou pároco de Capangombe, no distrito de Moçâmedes, com jurisdição em todo o distrito e autorização verbal para abrir escolas e internatos.

Com todos os papéis em dia e em ordem e munido de uma carta do Bispo para o Vigário Geral e de uma outra para um habitante de Moçâmedes, capaz de o ajudar nos primeiros tempos e primeiras necessidades, Duparquet partiu para Angola em 18 de Outubro e chegou a Luanda um mês depois. Os cónegos do Seminário hospedaram-no e cumularam-no de atenções; o Governador Geral concedeu-lhe entrada franca de todas as bagagens em Moçâmedes, todo o terreno que desejava em Capangombe, viagem gratuita até àquela cidade e recomendação escrita para as autoridades. Em 17 de Dezembro entrava na terra dos seus sonhos, acolhido por simpatias de todos os lados. Parecia que desta feita tudo ia caminhar de vento em popa.

Mas o embarque de Duparquet levantara nova tempestade parlamentar. Em 29 de Janeiro de 1867, o deputado Levy Jordão interpelou o Governo sobre

a nomeação do P. Duparquet para pároco de Capangombe, livre e espontâneamente feita pelo Bispo da diocese. O Conselheiro Ajudante do Procurador da Coroa, Almeida e Brito, exigia a retirada do padre, porque era membro duma Congregação francesa que já mandara padres para o Congo, «sendo visível — escrevia o Conselheiro — o fim da mesma Congregação de invadir a Província pelo Norte e pelo Sul».

Duparquet resolveu vir a Lisboa. Podia ser que a sua intervenção pessoal desfizesse preconceitos e arrancasse a tão desejada aprovação legal. Chegou à capital do reino em fins de Junho. Para facilitar a consecução deste desiderato e garantir a estabilização e continuidade das Missões do Espírito Santo em Angola com pessoal português, fundou em Santarém, nos primeiros dias de Novembro de 1867, a *Casa do Congo,* seminário de aspirantes missionários, que seria o embrião da Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo.

Mas o fantasma da reacção e os preconceitos contra a Propaganda continuavam a desvairar os políticos liberais. A Casa do Congo foi transferida para Gibraltar em 1870; Duparquet, desalentado, partiu para Zanzibar.

Entretanto os missionários protestantes ingleses assediavam as duas Costas africanas. Os políticos abriram os olhos. O adido da Embaixada de Portu-

gal em Paris pediu, em nome da Junta das Missões Africanas de Lisboa, ao Superior Geral dos Padres do Espírito Santo que mandasse missionários para Angola. Lá de longe, do Sul da África, o P. Duparquet, enamorado de Angola, mandava um relatório-requerimento ao nosso Ministro da Marinha. Júlio de Vilhena declarava: «Preferia que os missionários fossem portugueses; mas seria loucura não utilizar os estrangeiros, uma vez que eles se podem opor às Missões protestantes». O bom senso triunfava.

A aprovação Em Junho de 1878 o P. Duparquet volta a Lisboa e acompanhado pelo secretário da Junta das Missões, Fernando Pedroso, conferencia com o Ministro. Enfim, os Padres do Espírito Santo eram oficialmente admitidos a missionar em Angola. Uma ordenança régia de 28 de Julho de 1878 nomeava pároco da Huíla o P. José Maria Antunes, o primeiro padre português da Congregação do Espírito Santo.

Entusiasmado, o P. Duparquet voltou para Angola e logo o vemos, em 1879, a explorar o Cuanhama e o planalto de Benguela, fundando as primeiras estações missionárias da Prefeitura Apostólica da Cimbebásia, depois chamada do Cubango, pela Santa Sé criada nesse mesmo ano. Estavam-lhe reservados o mérito e a glória de cabouqueiro e ini-

ciador; não veria os frutos da sua sementeira de trabalhos, sacrifícios e suores; outros hão-de colhê-los. As Missões por ele fundadas tiveram existência efémera, em virtude da oposição encarniçada dos protestantes ingleses, da insalubridade do local ou da revolta do gentio. A Missão de Kakele, por ele fundada, em 1883, em pleno Cuanhama, foi incendiada pelo gentio revolto, que trucidou o P. Delpuech, o Ir. Lúcio e alguns internos, em 1885.

O P. Schaller, que lhe sucedeu no governo da Prefeitura, não foi mais feliz nas suas fundações. Mas lá virão os Padres Ernesto Lecomte e Luís Keiling, cujos nomes toda Angola conhece e venera, que farão da Prefeitura Apostólica do Cubango uma das circunscrições missionárias mais florescentes de toda a Congregação do Espírito Santo e de toda a Igreja missionária. De Caconda (1890), como Missão-Mãe, irradiarão as de Cachingues-Bié (1892), Cubango (1894) e Bailundo (1895), etc.

A 5 de Setembro de 1881 partiu de Lisboa uma leva de missionários chefiada pelo P. José Maria Antunes, que foi fundar a Missão da Huíla. Desta, como de nascente, brotariam as do Jau (1889), Chivinguiro (1892), Quiita (1893), Munhino (1898), etc.

Estes os marcos miliários da ocupação de Angola pelos Missionários do Espírito Santo naquele findar

do século XIX. Ao começar o século XX, tinham eles ali 16 Missões.

Em 1940, à data da publicação do Acordo Missionário (7 de Maio), tinham 52 Missões assim repartidas: 6 na Prefeitura Apostólica do Congo «Inferior»; 11 na circunscrição missionária da Lunda ou Malange; 26 na Prefeitura Apostólica do Cubango; 9 na circunscrição do Cunene ou Huíla.

Pela bula «Solemnibus Conventionibus», de 4 de Setembro de 1940, executada por decreto da Nunciatura Apostólica em Portugal, de 12 de Janeiro de 1941, foram suprimidas a diocese de Angola e Congo e as quatro circunscrições missionárias dos Padres do Espírito Santo e criadas a arquidiocese de Luanda e as dioceses sufragâneas de Nova Lisboa e Silva Porto.

Em 18 de Janeiro de 1941, foi nomeado Arcebispo de Luanda o Sr. D. Moisés Alves de Pinho, da Congregação do Espírito Santo, que era Bispo de Angola e Congo desde 7 de Abril de 1932; Bispo de Nova Lisboa, em 28 de Janeiro do mesmo ano, o Sr. D. Daniel Gomes Junqueira, da Congregação do Espírito Santo, que era Prefeito Apostólico do Cubango desde 10 de Junho de 1938; e Bispo de Silva Porto, em 3 de Novembro do mesmo ano, o Sr. D. António Ildefonso dos Santos Silva, da Ordem de S. Bento.

Os Missionários do Espírito Santo prosseguiram

e intensificaram o seu trabalho de evangelização e de assistência nas três dioceses. O quadro seguinte, referente à campanha apostólica de 1950, dá-nos uma ideia do esforço missionário dos filhos de Libermann na nossa mais vasta Província ultramarina, catorze vezes e meia maior que Portugal.

CAPITULOS	LUANDA	NOVA LISBOA	SILVA PORTO	TOTAIS
Missões	17	25	13	55
Paróquias	–	9	2	11
Padres	48	84	36	168
Irmãos	15	28	6	49
Seminários	2	3	1	6
Seminaristas Menores	165	280	98	543
Seminaristas Maiores	–	71	13	84
Catequistas	1.156	3.196	1.444	5.796
Católicos	153.585	448.898	73.384	675.867
Catecúmenos	22.800	52.754	28.600	104.154
Escolas rurais	1.660	3.225	1.055	5.940
Alunos	21.418	158.927	25.463	205.808
Escolas elementares	27	172	13	212
Alunos	1.987	8.208	1.549	11.744
Estações agrícolas	17	27	12	56
Escolas profissionais	63	93	22	178
Escolas Normais	–	1	–	1
Alunos	–	80	–	80
Hospitais e Dispensários	17	30	17	64
Curativos	145.536	430.487	105.103	681.128
Baptismos	7.575	35·490	5.772	48.837
Casamentos	1.012	5.789	1.197	7.998
Confissões	111.676	488.602	112.880	713.158
Comunhões	534.949	1.169.963	264.195	1.969.107

Diante do quadro que aí fica, alguns factos se impõem à nossa consideração.

Nas três dioceses de Angola, além dos 168 Padres do Espírito Santo, há mais 87, a saber: 27 seculares europeus, 26 seculares indígenas, 8 Capuchinhos, 13 Beneditinos, 13 de La Salette. Ao todo, 255 padres. 65,8 % dos padres de Angola pertencem à Congregação do Espírito Santo.

Irmãos auxiliares, além dos 49 do Espírito Santo, há mais 33, sendo indígenas 25, Capuchinhos 3, Beneditinos 4, de La Salette 1. Ao todo, 74 irmãos auxiliares em Angola. 66,2 % pertencem à Congregação do Espírito Santo. Acrescente-se que os indígenas se formaram nas Missões dos Padres do Espírito Santo.

Quatro Irmãs Missionárias da Congregação do Espírito Santo trabalham, desde Janeiro de 1951, na Escola Normal Teófilo Duarte, do Cuíma.

As estatísticas mais recentes dão 868.185 católicos para Angola: 675.867, isto é 77,8 %, devem a luz da fé aos Missionários do Espírito Santo.

101 são as missões e paróquias de Angola: 66, isto é 65,3 %, confiadas aos Missionários do Espírito Santo.

Em todos os capítulos da actividade missionária em Angola, os Missionários do Espírito Santo são os primeiros. A Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria tem dado a Angola

o melhor do seu esforço, Deus sabe com quantos sacrifícios. A paz que usufrui de há tantas décadas, condição basilar de trabalho e progresso, não seria possível sem esta teimosia santa e patriótica, cimentada sobre mais de 200 cruzes a assinalar outras tantas vidas de missionários do Espírito Santo sacrificadas pela evangelização cristã e lusíada daquela magnífica Província da Pátria.

Angola, Portugal — ali também é Portugal! — contraiu uma grande dívida de gratidão para com o Venerável Padre Francisco Maria Paulo Libermann.

Em Cabo Verde Em 1941 começaram também os Padres do Espírito Santo a sua acção missionária na diocese de Cabo Verde.

Em 28 de Janeiro desse ano, era eleito Bispo de Cabo Verde o Sr. D. Faustino Moreira dos Santos, da Congregação do Espírito Santo, que era Prefeito Apostólico do Congo «Inferior» (Angola) desde 1919. Sagrado em Viana do Castelo a 13 de Julho, partia para o seu novo campo de acção a 17 de Novembro do mesmo ano. Para lá seguiram com ele os três primeiros padres do Espírito Santo destinados àquela diocese. Outros lá foram ter depois.

Era natural que uma Congregação, cujo Fundador escreveu esta frase lapidar: «O meu coração é dos Africanos», e que tem como fim próprio e distintivo

as missões mais abandonadas, acudisse à diocese de Cabo Verde, ao tempo uma das mais abandonadas.

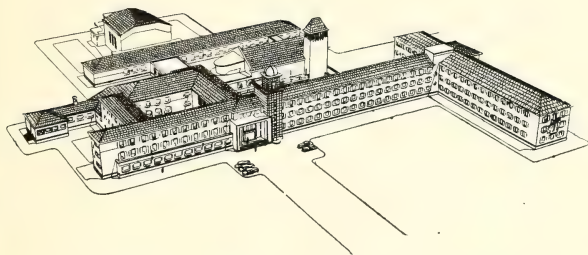
Aos Padres do Espírito Santo foram confiadas a ilha de Santiago com 991 km² e 70.000 habitantes e a do Maio com 269 km² e 2.200 habitantes. Têm eles ali actualmente quatro residências: *Nossa Senhora da Graça* (cidade da Praia), donde paroqueiam 4 freguesias: Nossa Senhora da Graça, SS. Nome de Jesus (Cidade Velha), S. João Baptista (Gouveia) e Nossa Senhora da Luz (ilha do Maio); *Órgãos,* donde paroqueiam 4 freguesias: S. Lourenço dos Órgãos, S. Nicolau Tolentino (ou S. Domingos), Santiago Maior (Pedra Badejo) e Nossa Senhora da Luz; *Assomada,* donde paroqueiam 2 freguesias: Santa Catarina e São Salvador do Mundo (Picos); *Tarrafal,* donde paroqueiam 2 freguesias: Santo Amaro Abade e S. Miguel Arcanjo.

Seguem-se alguns dados da campanha apostólica de 1950:

Paróquias	12
Padres	10
Catequistas	153
Escolas elementares	14
Conferências de S. Vicente de Paulo	4
Católicos	70.000
Baptismos	1.880

Confirmações	1.521
Confissões	33.134
Comunhões	114.258
Casamentos	402

Se as vias de comunicação não fossem tão rudimentares e primitivas e os recursos tão escassos, muito mais se teria feito. Mas o que se fez nestes dez anos, atendendo às dificuldades e à exiguidade do pessoal missionário, e comparado com o que outros fizeram, em consciência e diante de Deus se pode afirmar que é muito.

Em Fevereiro de 1946 seguiram para Cabo Verde as primeiras Irmãs Missionárias do Espírito Santo. Actualmente são 9, desvelando-se como boas enfermeiras, professoras e educadoras no hospital da Praia, no dispensário de Santa Catarina e nas escolas profissionais de raparigas de uma e outra localidade.

MAQUETA DO INSTITUTO SUPERIOR MISSIONÁRIO
DO ESPÍRITO SANTO

NA METRÓPOLE

Congregação internacional Erro seria pensar que, por estar em Paris a Casa Mãe da Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria, se trata duma Congregação francesa, com uma ou outra sucursal no estrangeiro. De facto, Paris foi o berço da Congregação; de Paris partiram os primeiros missionários, bem como mais tarde os fundadores das diversas Províncias. Mas, sinal evidente do seu destino internacional é o facto de o primeiro missionário do Venerável Libermann, o Padre Laval, ter sido enviado para a ilha Maurícia, pertença da Inglaterra, e logo a seguir outros para a Austrália.

Prova insofismável do seu carácter internacional é o modo como está constituída a administração central do Instituto, desde o Capítulo Geral de 1950: Superior Geral, o M. R. P. Dr. Francisco Griffin, de nacionalidade irlandesa; Assistentes Gerais, um francês e outro português, o R. P. Dr. Clemente Pereira da Silva; Conselheiros Gerais, dois franceses, um holandês e um americano.

Votando-se à evangelização principalmente entre os povos de raça preta, a Congregação compreendeu, quase desde o princípio, que para as colónias africanas era nas metrópoles respectivas e respectiva língua que tinham de ser recrutados e formados os missionários. Por isso foi pouco a pouco estabelecendo bases de recrutamento e formação na Irlanda (1859), para as colónias e países de língua inglesa; na Alemanha (1863), para as então colónias alemãs; em Portugal (1867), para as portuguesas, etc.

Assim foram aparecendo as diversas Províncias, hoje em número de doze, como já se disse. No Brasil e na Espanha se estão a lançar as bases de novas Províncias. A organização da Congregação está, portanto, baseada nas divisões nacionais, embora a administração seja supranacional ou internacional.

Portugal constitui uma Província, como a França ou qualquer das outras: os missionários formados em Portugal destinam-se às Províncias portuguesas ultramarinas de Angola e Cabo Verde, como os da França às possessões francesas e os da Bélgica ao Congo Belga.

A Casa do Congo Já o P. Frederico Le Vavasseur, ao passar pela Guiné Portuguesa, por S. Tomé e Príncipe, por Luanda e outros portos de Angola, a caminho da Reunião, em 1842, escrevia a Libermann quanto eram para desejar na-

quelas terras missionários zelosos e quão votadas estavam ao abandono as almas dos seus habitantes.

Por cartas de Mons. Bessieux e do P. Lannurien, vê-se que já em 1851 o Venerável tivera a ideia de fundar uma comunidade em Portugal, em vistas das Missões Portuguesas da África Ocidental. Parece ter pensado até enviar a Portugal o P. Lannurien e Mons. Bessieux que estava então em França. Mas a Providência reservara esta fundação para o P. Carlos Duparquet, iniciador das Missões espiritanas em Angola e da Província Portuguesa, no superiorato do P. Schwindenhammer.

A caminho de Luanda para Lisboa, em Maio e Junho de 1867, o P. Duparquet travou relações amistosas com o Dr. José Barbosa Leão, médico--cirurgião do exército, publicista e literato, antigo secretário geral de Moçambique, que fora à Ilha do Príncipe em serviço oficial de Inspecção. Duparquet expôs-lhe o seu plano de evangelização da África Portuguesa. O Dr. Barbosa Leão, entusiasmado, colocou-se imediatamente ao seu dispor com todo o préstimo de que gozava junto do Ministro da Marinha e Ultramar e apontou-lhe, para bom êxito do plano, a necessidade e urgência de fundar uma casa em Portugal.

O Superior Geral autorizou-o a dar todas as voltas para a empresa ir avante; o Núncio Apostólico, o Bispo de Angola, então em Lisboa, o Conde de

Sobral, a Marquesa de Ficalho, todos prometeram o seu valioso auxílio.

Em 10 de Julho Duparquet entrevistou o Ministro da Marinha, Visconde da Praia Grande, que teve palavras de louvor para os missionários do Espírito Santo que estavam no Congo e apoiou o projecto da fundação missionária em Portugal para recrutar padres portugueses para as colónias portuguesas. O Ministro dos Negócios Estrangeiros, Conde de Casal Ribeiro, que visitara a Exposição de Paris, acompanhando D. Luís e D. Maria Pia, e lá falara com o Superior Geral, mostrou também boa disposição.

Animado com tão bons auspícios, o P. Duparquet pôs-se em campo à procura de local apropriado à fundação projectada. O Dr. Barbosa Leão indicava Coimbra: sorria-lhe a ideia de ver o primeiro Seminário das Missões do Espírito Santo à sombra da velha Universidade... Até os alunos poderiam seguir os seus cursos! Duparquet para lá se dirigiu em 15 de Julho. Mas, apesar de todas as facilidades que a autoridade eclesiástica lhe oferecia, não foi por diante: Coimbra ficava muito distante de Lisboa, a esperança de recrutamento era pouca e grande o receio de mandar os seminaristas às aulas da Universidade, onde imperava a maçonaria e o jacobinismo.

Voltou-se para Lisboa. O célebre dicionarista Roquete, cónego da Sé Patriarcal, indicou-lhe uma

casa em Santarém que se recomendava com grandes vantagens: ficava apenas a hora e meia de Lisboa pelo caminho de ferro; estava lá o Seminário Patriarcal; os alunos podiam assistir ali às aulas; encontraria certamente vocações entre os seminaristas; podia contar com o carinho do Patriarca, D. Manuel Bento Rodrigues.

O Patriarcado de Lisboa seria o berço da Congregação do Espírito Santo em Portugal.

O P. Duparquet deslocou-se a Santarém. Ali foi carinhosamente recebido pelos Directores do Seminário. O «Padre Manuel», ex-carmelita, director espiritual do Seminário, que um dia conhecera Mons. Bessieux em Toulon e que tivera mesmo a ideia de o seguir até ao Gabão, encarregava-se de arranjar casa.

Colhidas todas as informações julgadas necessárias, Duparquet partiu para Paris. A Casa Mãe do Instituto aprovou a nova instalação em 31 de Agosto. Em 29 de Setembro, o Eminentíssimo Cardeal Patriarca D. Manuel (I) Bento Rodrigues recebeu em audiência o P. Duparquet e autorizou-o a começar o estabelecimento em Santarém. No dia seguinte, o Núncio prometeu-lhe toda a protecção.

O «Padre Manuel» conseguira alugar uma casa perto do Seminário, pertencente ao Dr. Velhinho. A 3 de Novembro chegavam a Santarém o P. Carrie e dois escolásticos franceses, os srs. Dissan e Rulhe

(mais tarde Provincial). Improvisaram um oratório para primeira reunião da comunidade: um quadro de Nossa Senhora das Vitórias, uma cruz de missionário e sobre uma mesinha um busto do Venerável Libermann. Começaram nessa mesma noite uma novena ao Sagrado Coração de Maria, implorando a sua maternal protecção. O reitor e professores do Seminário-Liceu receberam-nos cordialmente. Um professor levou a dedicação a ponto de todas as tardes lhes dar lições gratuitas de português, para mais fàcilmente poderem seguir os cursos do Seminário.

Em fins de Janeiro de 1868 entrava na Casa do Congo o primeiro candidato português, o sr. Policarpo dos Santos, aluno do Seminário Patriarcal. Um dos directores apresentou-o pessoalmente para significar o vivo interesse que todo o Seminário nutria pela obra incipiente. Em Março apresentavam-se 45 aspirantes; foram admitidos apenas 12, que as instalações e as finanças não davam para mais. Entre eles estava o que há-de ser o grande missionário da Huíla, P. José Maria Antunes.

Em 28 de Outubro chegava a Santarém, para assumir a direcção da Casa do Congo, o Padre Dr. José Eigenmann, de nacionalidade suíça. Este será o grande e benemérito organizador da Província Portuguesa. O P. Duparquet retirava-se: a sua natureza ardente reclamava campo mais vasto; as

Missões Africanas eram o seu sonho e o seu elemento.

Em Setembro de 1869 o P. Eigenmann alugou um edifício mais vasto. Infelizmente pouco tempo serviu a nova habitação. A *Casa do Congo,* como o nome indicava, tinha por destino preparar missionários portugueses para a Missão do Congo: e como esta se não fundava, por obra e graça (ou desgraça) da hostilidade dos políticos, mais anticlericais do que liberais, aquela perdia a sua razão de ser.

Entretanto o Vigário Apostólico de Gibraltar, Mons. Scandella, oferecia ao Superior Geral dos Padres do Espírito Santo a direcção dum colégio.

Em Gibraltar Fechou-se a Casa do Congo. Para Gibraltar seguiram com o P. Eigenmann, em 27 de Julho de 1870, os escolásticos Alexandre Rulhe, Policarpo dos Santos, José Maria Antunes e os aspirantes a Irmãos auxiliares Mendes, Pereira e Silva. Os mais pequenos foram entregues às famílias. O Vigário Geral, os professores do Seminário Patriarcal e todas as pessoas de bem lamentaram sinceramente esta retirada de Portugal e não deixaram partir o P. Eigenmann sem lhe arrancarem a promessa de voltar logo que a política se mostrasse menos hostil aos interesses católicos e mais favorável às Missões. O P. Eigenmann lançava ao

papel este voto: «Digne-se a Providência reconduzir--nos em breve a este País!».

Foi curta a demora do pessoal espiritano no Colégio de S. Bernardo. Os alunos, filhos da aristocracia e do alto comércio espanhol, eram em número restrito; vocações missionárias não apareciam. Passados menos de dois anos, concluía-se que aquela experiência, ali às portas da Espanha e da África, não dava resultado. Em 19 de Março de 1872 a Casa Mãe decidiu o abandono de Gibraltar. No dia 24 o pessoal espiritano sai daquela cidade a caminho de Portugal.

Ao passo que os escolásticos maiores Policarpo dos Santos e C. J. Rooney, irlandês, o escolástico menor J. M. Antunes e os postulantes Silva e Pereira seguiam com o P. Stoll para França, o P. Eigenmann ficava por cá a tentar de novo a implantação em Portugal.

Em Braga Uma primeira tentativa em Santarém foi infrutuosa. A Providência destinava Braga para berço definitivo da Congregação do Espírito Santo em Portugal.

O P. Eigenmann deslocou-se ao Norte do País e assentou arraiais em Braga, onde o Arcebispo D. José Joaquim de Azevedo e Moura o acolheu e animou. A Roma portuguesa regurgitava de estudantes do Liceu e do Seminário. Afigurava-se terreno

propício para o recrutamento de vocações missionárias. A 8 de Outubro de 1872 o P. Eigenmann instalava-se numa casa alugada na Rua do Carvalhal juntamente com o P. Policarpo dos Santos, a primeira vocação da Casa do Congo, acabado de ordenar em França, e os Irmãos Gerardo, Álvares e Paulo Maria. No dia 11 de Novembro inauguravam-se as aulas do Colégio do Espírito Santo, que principiava modestamente para atingir ao depois alto esplendor. Vários sacerdotes seculares ajudavam no ensino.

Foram animadores os resultados nos exames públicos no fim do primeiro ano lectivo. Os alunos afluíam. Nas férias de 1873 mudaram para edifício mais espaçoso, na Quinta das Hortas. Os alunos foram subindo de 40 para 90 e os pedidos de admissão continuavam a chover. No começo do ano lectivo de 1875-76, os alunos eram 155 e no de 1877-78, eram já 224. Em 5 de Fevereiro de 1875, o P. Eigenmann comprou uma propriedade sita ao cimo da Rua de S. Vicente, no ponto mais alto e desafogado da cidade, com boa quinta, água abundante e esplêndida pedreira. Em 14 de Maio de 1877 abriam-se os caboucos do grandioso edifício. Em Outubro de 1878 instalavam-se nele os alunos do curso liceal, enquanto os da instrução primária continuavam nas Hortas, à espera da conclusão das obras.

O recrutamento de vocações missionárias, que acima de tudo se tinha em vista, ia-se fazendo mais

lentamente. Em 1878 eram apenas dez: seis aspirantes ao sacerdócio e quatro a Irmãos auxiliares. Em 1885, aqueles subiam à dúzia; estes eram menos.

Em 1886 a Congregação assumia a direcção do Colégio de Santa Maria, em Gaia, o qual no ano seguinte começou a funcionar no coração do Porto, no Largo do Coronel Pacheco, onde o havia de encontrar e dispersar a revolução de 1910. Foi seu primeiro director o P. Hossenlop.

Em Braga, adiantavam as obras e cresciam os pensionistas. Uma parte do edifício era reservada aos escolásticos menores, que já eram 25 em 1887, dirigidos pelo P. Vítor Wendling; os aspirantes a Irmãos, dirigidos pelo P. Rooney, eram 20, e já doze ali formados tinham partido para as Missões de Angola.

Em 1887 a Condessa de Camarido, por inspiração de Mons. Quesada, ofereceu à Congregação as suas vastas propriedades de Sintra. Ali se inaugurou, a 10 de Dezmebro, a Escola Agrícola Colonial, sob a presidência de Mons. Vanutelli, Núncio Apostólico.

Adquirida assim casa especial de formação para os Irmãos auxiliares, faltava encontrar uma para os seminaristas. Conseguiu-se em Outubro de 1894, no convento de Eremitas de Santo Agostinho na Formiga, a dois passos de Ermesinde e a duas léguas do Porto.

Em 1891 fundara-se em Ponta Delgada o Colégio denominado Instituto Fisher, que subsistiu até 1907. Em 1892, a Procuradoria das Missões em Lisboa. Em Fevereiro de 1896 iniciava-se em Sintra, na «Quinta de Baixo», da Condessa de Camarido, o Noviciado dos clérigos.

A Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo estava, pois, definitivamente lançada, graças a Deus e às superiores qualidades do grande Padre Eigenmann.

Este foi chamado a França, em Julho de 1896, para exercer as funções de Conselheiro Geral, ficando a governar a Província o P. Alexandre Rulhe, santo, bondoso, mas de espírito tímido. Deu-se um declínio: o Noviciado de Sintra fechou; a escola apostólica da Formiga decaiu; os Colégios de Braga e do Porto, esses prosperavam e também a Escola Agrícola Colonial de Sintra. Em 1896 contavam-se 15 Irmãos empregados na direcção dos diferentes serviços e oficinas, e eram 60 os aprendizes missionários das diversas secções. De Maio de 1894 a Maio de 1895 tinham partido para o Congo dez missionários auxiliares.

Em 1901 volta o P. Eigenmann a reassumir o governo da Província. Tudo refloresce. A Formiga enche-se de rapazes: dentro em pouco a Província estará apta a fornecer muitos sacerdotes missionários para as Missões de Angola.

Em 1904 foi nomeado Provincial o P. José Maria Antunes, que vinha da Huíla aureolado de prestígio. Em 1906 restaurava o Noviciado em Sintra e dois anos depois inaugurava, em Carnide, o curso teológico. Na Formiga faziam-se obras que permitiam abrigar 150 estudantes de preparatórios.

Ruína e ressurreição E foi nesta euforia de florescência e de esperança que rebentou a revolução de Outubro de 1910, que tudo destruiu! Colégios e casas de formação missionária, tudo levou aquela onda de loucura jacobina.

Mas a Província portuguesa não se extinguiu totalmente. Manteve-se a Procuradoria das Missões em Lisboa, onde o P. José Maria Antunes, homem de todas as esperanças e lutador estrénuo, desenvolveu actividade meritória para a salvação dos colégios missionários.

Alguns aspirantes mais crescidos e adiantados nos estudos foram continuá-los em Chevilly; outros, mais pequenos, refugiaram-se em Saint Pé, no Sul da França. Mas a aclimatação era difícil para organismos tenros de meridionais na fase do crescimento.

Em Outubro de 1913 o P. João Cardona instalava-se em Zamora com um nùcleozinho de estudantes missionários das nossas aldeias, à espera que se lhes abrissem as portas da Pátria. Eram doze quando o decreto n.º 6.322, de 24 de Dezembro de 1919,

do comandante Rodrigues Gaspar, Ministro das Colónias, autorizou o recrutamento e educação de missionários na Metrópole.

O rev. Dr. Moisés Alves de Pinho, actual Arcebispo de Luanda, nomeado Provincial nesse ano de 1919, ia ser o glorioso restaurador, como o P. José Eigenmann fora o fundador, da Província Portuguesa. E como ele, na cidade de Braga começou, calorosamente recebido e paternalmente apoiado pelo saudoso Arcebispo D. Manuel Vieira de Matos.

Em 1919 instalava uns 15 pequenos na quinta do *Charqueiro,* à Rua de Bento Miguel; em 1920 entravam 35 para o edifício do antigo Colégio de S. Tomás de Aquino, reservando-se o *Charqueiro* para a Escola Profissional e Agrícola e formação de Irmãos auxiliares; os de Zamora passavam para Braga.

Pouco depois começavam as grandes construções: em 1922 inaugurava-se em Viana do Castelo o Escolasticado Maior, para o curso de filosofia e de teologia; em 1927, em Godim (Régua), o Escolasticado Menor, para o primeiro ano de preparatórios; em 1929, o *Charqueiro* e S. Tomás de Aquino trocavam-se por uma boa quinta e grandes edifícios, adrede construídos, em Fraião, onde se instalaram a Obra dos Irmãos e o Escolasticado Menor.

No Provincialato do rev. Dr. Clemente Pereira da Silva (1932-1943), inaugurou-se em 1934, tam-

bém em Fraião, o Noviciado dos clérigos, que em 1942 transitou para a Silva (Barcelos).

No Provincialato do rev. P. José Pereira de Oliveira (1943-1949), adquiriu-se, em 1948, a Quinta da Torre d'Aguilha, magnìficamente situada ao alto de Carcavelos, na Costa do Sol, para construção do Instituto Superior Missionário do Espírito Santo; no dia 8 de Dezembro de 1950 — sendo já Provincial o rev. Dr. Agostinho de Moura — sob a égide da excelsa Padroeira da Nação, na presença do Sr. Ministro do Ultramar, comandante Sarmento Rodrigues, do Sr. Dr. Veiga Macedo, Subsecretário de Estado da Educação Nacional, e de numerosos amigos de todas as categorias sociais, o Em.mo Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, benzeu a primeira pedra; no dia 6 de Agosto de 1951 iniciaram-se as obras. Em Outubro deste ano centenário da morte do Venerável Libermann ali se hão-de instalar, querendo Deus, os nossos alunos do curso teológico.

Na actualidade Apesar das dificuldades financeiras, que Deus por intermédio do Estado e de todos os bons portugueses nos há-de ajudar a resolver, vai caminhando em franco progresso a Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo, garantia segura duma Angola e dum

Cabo Verde mais cristãos e, se possível, mais portugueses.

Conta ela, na actualidade, 5 Seminários (incluindo o da Torre d'Aguilha em construção); 3 Residências; 1 Escola Profissional e Agrícola para formação dos Irmãos auxiliares; 148 Padres, dos quais 92 nas Missões; 111 Irmãos, dos quais 45 nas Missões; 68 escolásticos professos (em filosofia e teologia); 26 noviços clérigos; 10 noviços-irmãos; 318 aspirantes.

Em 28 de Outubro de 1951 inaugurou-se uma Residência em Madrid; ali estão os Padres Isalino Alves Gomes e Augusto Teixeira Maio com o Irmão Francisco da SS. Trindade Vale a lançar as bases duma nova Província da Congregação. Esperemos que esta experiência seja mais feliz que as de Gibraltar e Zamora.

Lá do Céu vai o Venerável Libermann abençoando os seus filhos de Portugal que, comungando no espírito e no amor do Pai, deram o coração e a vida toda aos seus irmãos de cor de Angola e de Cabo Verde.

ÍNDICE